

JOÃO MIGUEL CHARRUA CANCELA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO CONTEXTO SUB17
DO VITÓRIA SPORT CLUBE 2018/2019**

Presidente: Prof.^a Doutora Raquel Maria dos Santos Barreto Sajara Madeira

Orientador: Prof. Doutor Jorge dos Santos Proença Martins

Arguente: Prof. Doutor Cláudio Filipe Guerreiro Farias (FADEUP)

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa,

2020

JOÃO MIGUEL CHARRUA CANCELA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO CONTEXTO SUB17
DO VITÓRIA SPORT CLUBE 2018/2019**

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção de Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Futebol – da Formação à Alta Competição defendido em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 28/01/2021, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 271/2020, de 18 de Novembro de 2020, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Raquel Maria dos Santos Barreto Sajara Madeira

Orientador: Prof. Doutor Jorge dos Santos Proença Martins

Arguente: Prof. Doutor Cláudio Filipe Guerreiro Farias (FADEUP)

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa,

2020

Dedicatória

À minha família, meu sangue.

Ao meu pai António, à minha irmã Luísa e à Carla. Pelo apoio e carinho que sempre me dão mesmo estando longe de vocês.

À minha mãe Rosário, pela fantástica pessoa que és! Pelo exemplo de vida, pelos valores que me ensinas diariamente e por todo o apoio e amor que me dás de forma incondicional. Tudo aquilo que sou e conquisto também é teu.

À minha namorada Catarina, por estar sempre do meu lado ao longo deste trajeto. O teu incentivo, amor e carinho faz-me ser melhor pessoa e profissional. Obrigado por todos os sacrifícios que fazes por mim! Os meus feitos são também os teus.

O meu maior orgulho é ter-vos na minha vida.

Agradecimentos

Na elaboração deste relatório de estágio foi essencial a colaboração de algumas pessoas, às quais gostaria de agradecer pela importância que tiveram neste processo. Sem elas a concretização desta etapa não seria possível.

À Faculdade de Educação Física e Desporto, pelo conhecimento que nos transmite possibilitando o aprofundamento das nossas competências.

Ao Professor Doutor Jorge Proença, diretor do Curso de Mestrado em Futebol – da Formação à Alta Competição, pelo seu exemplo de exigência e pelo incentivo constante à prática reflexiva.

Ao Professor Doutor Cláudio Farias, pela sua paciência, disponibilidade, orientação e conhecimento passado ao longo deste processo.

A todo o corpo docente do Mestrado, pelos ensinamentos especializados que proporciona a todos os seus alunos. São um exemplo de qualidade e de excelência.

Ao Vitória Sport Clube (VSC), por me ter possibilitado estagiar num contexto sublime e de grande exigência, permitindo desta forma a minha evolução na área e na vida.

A toda a equipa técnica dos sub-17 do VSC, pela forma calorosa como me recebeu desde o primeiro dia. Longe de casa vocês foram, e serão sempre, família para mim. Quem sou também tem o vosso cunho.

Aos atletas com os quais trabalhei até ao momento, com especial incidência nos jovens da equipa de sub-17 do VSC, pela possibilidade de crescer e aprender com todos vós. São vocês os grandes protagonistas deste jogo e agradeço tudo aquilo que fazem por ele.

Por último, agradecer às pessoas de Guimarães a forma como me integraram e trataram sempre com muito respeito e carinho. O vosso papel também foi essencial neste trajeto.

Resumo

O processo de estágio, no âmbito do Mestrado em Futebol - Da Formação à Alta Competição, foi realizado na equipa de sub-17 do VSC.

Neste trabalho poderá encontrar inicialmente uma contextualização do estágio e os objetivos definidos para mim. Será realizada uma caracterização geral da instituição de estágio, equipa técnica e atletas com quem trabalhei. Objetivos individuais e coletivos, formativos e de *performance* orientadores do processo de treino também serão descritos.

Os Modelos de Jogo, Treino e Observação serão alvo de análise e reflexão, tal como o Processo de Treino, procurando aprofundar o conhecimento em áreas essenciais de intervenção para o treinador/analista. Os volumes dos conteúdos de treino ao longo da época serão calculados para que se proceda a um estudo relativo ao processo de treino. O contexto competitivo será caracterizado e a evolução da competição será demonstrada.

O estudo inserido neste trabalho terá como objectivo entender de que maneira a metodologia das *networks* e a Observação e Análise se poderão relacionar. Esta ideia surge da procura em compreender para onde a Observação e Análise poderá crescer, visto ser uma área ainda embrionária no nosso país.

Finalmente, será realizado um balanço do estágio com uma reflexão pessoal e sugestões futuras.

Palavras-Chave: Futebol, Observação, Análise, *Networks*, Treino

Abstract

The internship process, as part of the Master degree in Football – Youth to High Competition, was performed on the Under-17 of VSC.

In this paper you will initially find a contextualization of the internship and its goals defined by me. It will be made a general characterization of the internship institution, staff and athletes who I worked with. Individual and collective goals, formative and performance related, guiding the Training Process will be described too.

The Game Model, Training and Observation will be analyzed and reflected about, such as the Training Process searching for deeper knowledge on these crucial areas of intervention for the coach/analyst. The volumes of training content during season will be calculated so we can proceed to a study concerning the training process. The competitive context will be characterized and its evolution will be demonstrated.

The study inside this work aims to understand how the methodology of social networks and Observation and Analysis can relate. This idea comes up from the seek to understand where Observation and Analysis can grow, because it's still an embryonic area on our country.

Finally, I'll make a balance of the internship with personal reflections and future suggestions.

Key-Words: *Football, Observation, Analysis, Networks, Training*

Abreviaturas, siglas e símbolos

PIE – Plano Individual de Estágio

VSC - Vitória Sport Clube

FIFA – Federação Internacional de Futebol Associação

FPF - Federação Portuguesa de Futebol

EUA - Estados Unidos da América

FCP - Futebol Clube do Porto

SLB - Sport Lisboa e Benfica

UEFA - United European Football Union

AFB - Associação de Futebol de Braga

IPDJ - Instituto Português de Desporto e Juventude

FADEUP - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

DAR - Departamento de Alto Rendimento

PPC - Período Pré-Competitivo

PC - Período Competitivo

PT - Período Transitório

MCO - Meio campo ofensivo

MCD - Meio campo defensivo

MPG - Métodos de preparação Geral

MEPG - Métodos específicos de preparação Geral

MEP - Métodos específicos de preparação

MPB - Manutenção de posse de bola

SCB - Sporting Clube de Braga

CFB - Clube Futebol Os Belenenses

SCP - Sporting Clube de Portugal

CDN - Clube Desportivo Nacional

SAD - Sociedade Anónima Desportiva

VCJ - Variação do Centro de Jogo

Índice Geral

CAPÍTULO I - PLANO INDIVIDUAL DE ESTÁGIO (PIE)	18
1.1. Instituição do Estágio	19
1.2. Objetivos Gerais e Específicos de Formação do Estagiário	19
1.3. Estratégias Implementadas para a Formação Pessoal Enquanto Treinador	21
1.4. Funções do Treinador Estagiário.....	22
1.5. Tarefas Inerentes à Função do Treinador Estagiário.....	24
CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO GERAL VITÓRIA SPORT CLUBE	26
2.1. Enquadramento Histórico.....	27
2.2. Caracterização Geral.....	29
2.3. Recursos Estruturais	30
2.4. Recursos Materiais e Logísticos.....	31
2.5. Recursos Humanos.....	31
CAPÍTULO III - CARACTERIZAÇÃO DA EQUIPA E DO CONTEXTO COMPETITIVO	33
3.1. Caracterização da Equipa Técnica.....	34
3.2. Caracterização do Plantel.....	36
3.2.1 Caracterização Coletiva.....	36
3.2.2 Caracterização Individual.....	38
3.2.3 Avaliação Individual no Processo Ensino-Aprendizagem	42
3.2.4 Avaliação Coletiva no Processo Ensino-Aprendizagem	44
3.3. Objetivos Específicos para a equipa	45
3.3.1 Objetivos de formação	45
3.3.2 Objetivos de preparação	46
3.3.3 Objetivos de <i>performance</i>	47
3.3.4 Objetivos por posição	48
3.3.5 Objetivos Individualizados.....	49
3.3.6 Reflexão sobre objetivos definidos e conclusões	51

3.4. Caracterização do Quadro Competitivo	52
3.4.1. Calendarização da Época Desportiva	53
 CAPÍTULO IV - MODELO DE JOGO, TREINO E OBSERVAÇÃO	55
4.1 Modelo de Jogo	56
4.1.1 Organização Ofensiva	59
4.1.2 Transição Defensiva	64
4.1.3 Organização Defensiva.....	65
4.1.4 Transição Ofensiva	70
4.1.5 Esquemas Táticos Ofensivos.....	71
4.1.6 Esquemas Táticos Defensivos	73
 4.2 Modelo de Treino.....	74
4.3 Modelo de Observação	77
4.3.1 Observação da Própria Equipa	78
4.3.2 Observação e Análise Individual	79
4.3.3 Observação e Análise do Adversário	80
 CAPÍTULO V - PROCESSO DE TREINO	84
5.1 Enquadramento Teórico	85
5.2 Volume dos Conteúdos de Treino	88
5.2.1 Macro ciclo do Período Pré-Competitivo	90
5.2.2 Macro ciclo do Período Competitivo.....	92
5.2.3 Macro ciclo do Período Pré-Competitivo vs. Período-Competitivo	93
 5.3 Microciclo Padrão	97
5.3.1 Microciclo Semanal - Planeamento vs. Operacionalização	101
 5.4 Controlo de Treino e Lesões	102
 CAPÍTULO VI - PROCESSO COMPETITIVO	103
6.1 Caracterização do Contexto Competitivo.....	104
6.2 Calendário Competitivo	105
6.3 Evolução da Classificação e dos Resultados ao Longo do Campeonato	108
6.4 Volume Competitivo e Análise Competitiva Individual.....	112

6.5 Dia de Jogo.....	113
 CAPÍTULO VII - OBSERVAÇÃO E ANÁLISE: QUAL O CONTRIBUTO DA METODOLOGIA DAS NETWORKS EM SITUAÇÃO PRÁTICA?.....	117
7.1 Resumo.....	118
7.2 Introdução	119
7.2.1 Observação e Análise.....	119
7.2.2 Metodologia das <i>Networks</i>	122
7.3 Metodologia.....	128
7.3.1 Amostra	128
7.3.2 Instrumentos	128
7.3.3 Procedimento.....	129
7.4 Apresentação e Discussão de Resultados.....	129
7.4.1 Amostra do Jogo CDN x VSC	130
7.4.3 Amostra do Jogo Belenenses SAD x VSC	149
7.5 Conclusões.....	165
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
 BIBLIOGRAFIA	171
 APÊNDICES	I
 ANEXOS.....	XVIII

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Organograma dos Órgãos Sociais.	31
Tabela 2 – Constituição do Plantel e Caracterização Individual	41
Tabela 3 – Objetivos Individualizados no Plantel.....	51
Tabela 4 - Calendarização dos diferentes Períodos na Época 2018/2019.....	54
Tabela 5 – Subprincípios e sub-subprincípios das fases do momento de organização ofensiva.	63
Tabela 6 – Subprincípios e sub-subprincípios das variáveis do momento de organização defensiva.	69
Tabela 7 – Dimensão vertical dos exercícios de treino segundo Castelo (2009). ...	89
Tabela 8 – Organização Estrutural do Microciclo Padrão da Época Desportiva 2018/2019.....	98
Tabela 9 - Morfociclo Padrão da Época Desportiva 2018/2019.....	99
Tabela 10 – Calendário Competitivo da 1ªFase do Campeonato Nacional de Juniores B, série A.	106
Tabela 11 - 2ª Fase - Apuramento do Campeão na Zona Norte.....	107
Tabela 12 - 3ª Fase – Campeonato Nacional de Juniores B	108
Tabela 13 – Planeamento do dia anterior ao dia de Jogo.....	114
Tabela 14 – Planeamento do Dia de Jogo.....	115
Tabela 15 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do VSC.	134
Tabela 16 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do CDN.	134
Tabela 17 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do VSC.	151
Tabela 18 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do Belenenses SAD.....	152

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Volume dos Conteúdos de Treino no Período Pré-Competitivo	91
Gráfico 2 - Volume dos Conteúdos de Treino no Período Competitivo.....	92
Gráfico 3 – Comparação entre o volume de conteúdo de treino no Período Pré-Competitivo (PPC) e Período Competitivo (PC)	94
Gráfico 4- Variação Classificativa durante a 1ª Fase.....	108
Gráfico 5 – Variação Classificativa durante a 2ª Fase.....	109
Gráfico 6 - Variação Classificativa durante a 3ª Fase.....	111

Índice de Figuras

Figura 1 - Organograma do Futebol Formação.	32
Figura 2 - Sistema Tático Principal.....	58
Figura 3 - Sistema Tático Alternativo.....	59
Figura 4 - Cantos Ofensivos.....	72
Figura 5 - Livre Lateral Ofensivo	73
Figura 6 – Cantos Defensivos.	74
Figura 7 - Livres defensivos	74
Figura 8 - Posicionamento Médio e alterações Estruturais durante a Partida.	131
Figura 9 - Jogo de posição da linha de 3 em construção.....	132
Figura 10 - 1ª Fase de construção vs. Médio/Médio-Baixo com saída pelo corredor esquerdo.....	133
Figura 11 – Network do CDN.	135
Figura 12 – Matriz do CDN.....	135
Figura 13 – Network do VSC.....	136
Figura 14 – Matriz do VSC.	137
Figura 15 – Debilidades no jogo de posição dos homens em construção.....	139
Figura 16 - Jogo de posição ofensivo e movimento em apoio do ala do lado da bola.	139
Figura 17 - Ala em apoio com rutura de fora para dentro do LE.	140
Figura 18 - Seguimento do lance da figura 17.....	140
Figura 19 - Ala em apoio com rutura de fora para dentro do LD.....	141
Figura 20 – Mesma dinâmica da figura 17, mas com interior na largura.....	141
Figura 21 – Jogo de posição ofensivo alto dos DC.....	142
Figura 22 – Rutura do Ala do lado contrário de fora para dentro entre ala e LE. ..	142
Figura 23 – DC em condução e criação de superioridades.	143
Figura 24- Jogo de posição ofensivo no início da 2ª parte.	144
Figura 25 – Alteração estrutural para 4x4x2, definição e espaço exterior.....	144
Figura 26 – 1ª Fase de Pressão em bloco médio vs. Construção a 4+1.....	145
Figura 27 – 1ª Fase de Pressão em bloco médio alto vs. Construção a 4+1.	146
Figura 28 – Controlo de corredores com referência individual dos alas.....	146
Figura 29 – Ajuste no trancar VCJ pelo pivot adversário.	147
Figura 30 – Rutura de 2ª linha do interior (2ª fase).....	147
Figura 31 – Rutura de 2ª linha do interior em zonas baixas (1ª fase).	147
Figura 32 – Lance que originou o golo.	148
Figura 33 – Controlo de rutura curta frágil.....	148

Figura 34 - Adversário a procurar ligar com avançado profundo.	149
Figura 35 - Posicionamento Médio e alterações Estruturais durante a Partida.	150
Figura 36 – Network do Belenenses SAD.	152
Figura 37 – Matriz do Belenenses SAD.....	153
Figura 38 – Network da VSC.....	154
Figura 39 – Matriz do VSC.	154
Figura 40 – 1ª fase de construção a 3 vs. Bloco Médio/Médio-baixo.....	156
Figura 41 - Espaço possível de quebra da estrutura do adversário.	156
Figura 42 – Jogo de posição do DC do lado contrário e sugestão.....	157
Figura 43 – Dificuldades em conquistar espaço exterior.	157
Figura 44 - Dificuldades em criar superioridades espaço exterior.	158
Figura 45 – Superioridade no corredor através da condução do defesa central. ...	158
Figura 46 – Desvantagem no corredor em 3ª Fase, travar/variá.	159
Figura 47 – Sequência da imagem anterior com definição no corredor contrário.	159
Figura 48 – Definição em zonas de cruzamento com ataque às zonas de finalização.....	159
Figura 49 – Dificuldades perante organização defensiva do adversário, possível circulação.....	160
Figura 50 – Espaço sensível para chegar a 3ª fase com probabilidades de sucesso.	160
Figura 51 - Espaço sensível para chegar a 3ª fase com probabilidades de sucesso e pivot em condução.	161
Figura 52 – Momento da execução do passe e jogo de posição antes da perda..	161
Figura 53 – Instantes que antecedem o golo do Belenenses SAD.	161
Figura 54 – 1ª fase de pressão em bloco médio-alto/alto ala a encurtar sobre central da largura adversário.	162
Figura 55 – Espaço claro entre linha ofensiva e linha média, alas muito baixos sem conseguir encurtar.	162
Figura 56 – Ligação longa do DCE, 2x1 dos DC do VSC contra o AV do Belenenses SAD.	163
Figura 57 – Ligação com o Pivot.....	163
Figura 58 – Sequência da imagem anterior, ligações longas para espaço exterior e sobretudo zona espaço foi recorrente.	163
Figura 59 – O DCD do Belenenses SAD foi o elemento da linha de 3 que mais procurou as ruturas sobretudo de Licá.	164

Figura 60 – Alteração estrutural no Belenenses SAD, construção adversária a 3+2, médios do VSC a pegar de forma mais individualizada..... 164

Introdução

Neste programa de estágio irei desenvolver tarefas relacionadas com a discussão e planeamento do processo de treino, operacionalização do mesmo e trabalho de observação e análise. Tendo em conta as tarefas atrás mencionadas, entende-se o meu papel no processo de treino como analista apesar da minha intervenção na elaboração e operacionalização do treino. Na operacionalização do treino estarei a cargo dos exercícios de dimensões mais reduzidas ou de dimensão intermédia. Quanto às minhas funções de analista serão descritas com maior detalhe mais à frente neste relatório.

Como objetivos de natureza mais genérica a alcançar neste processo de estágio defini que deveria incrementar as minhas competências teórico-práticas na área da metodologia de treino e jogo, aperfeiçoar as competências na área observação e análise, desenvolver competências relacionais e competências individuais. Também foram delineados objetivos formativos e de *performance* pela estrutura do VSC e equipa técnica que esperamos ver alcançados.

As tarefas que me atribuíram na área do treino e da observação e análise permitem juntar competências essenciais a qualquer treinador ou analista de sucesso. A observação e análise é uma ferramenta que permite estudar os comportamentos individuais e coletivos, da nossa equipa ou do adversário, incrementando o conhecimento de quem executa este tipo de tarefa. Podemos entender a importância da observação e análise no desenvolvimento do conhecimento teórico e específico do jogo de futebol. Já as tarefas que se relacionam de forma mais íntima com o processo de treino permitem desenvolver competências, digamos mais práticas, contextualizando e colocando em prática o conhecimento de natureza mais teórica.

Desta forma, o estágio nos Sub-17 do VSC junta duas vertentes essenciais que têm como intenção principal uma preparação mais completa e multifacetada do estagiário para a exigência desta profissão.

A instituição de estágio foi o VSC, que através do seu programa de estágio ligado ao departamento de observação e análise permitiu a minha ida para Guimarães e representar um grande clube e a sua equipa de Sub-17 que competirá no Campeonato Nacional de Juniores B.

Este local de estágio foi escolhido porque para além de ser um grande clube, iria com certeza aprender bastante sobre o jogo, sobre o treino e sobre a vida. Para além dos conhecimentos que iria desenvolver a ida de Lisboa para Guimarães possibilitaria um

desenvolvimento humano, contactando com outras pessoas, com outras formas de pensar e com outra cultura.

Neste trabalho irei desenvolver um projeto prático relacionando a metodologia das *networks* com a observação e análise. O objetivo será entender de que modo esta metodologia poderá influenciar a área da observação e análise. Este parece-me ser um tema bastante pertinente já que são duas áreas com muito por desenvolver, sobretudo em Portugal. Esta ideia surgiu da inquietação em perceber de que modo a observação e análise poderia desenvolver-se e da curiosidade em entender as valências das *networks*. Acrescentando o facto de o estágio ser ao abrigo do departamento de observação e análise do VSC parece fazer todo o sentido realizar um estudo desta natureza.

Alguns estudos relativos à metodologia das *networks* aplicados ao futebol serão utilizados como fontes de referência teórica, permitindo orientar o projeto. Estudos como por exemplo os de Grund (2012) em que procura relacionar a estrutura da *network* com a *performance* da equipa, a investigação de Yamamoto e Yokoyama (2011) descobrindo relações entre triângulos e processo ofensivo ou de Cotta, Mora, Merelo-Molina e Merelo (2013) e Gama, Dias, Couceiro e Vaz (2017) estudando o valor do *clustering coefficient*.

Clemente F. M., et al. (2015b) também realizaram um estudo sobre a aplicação das *networks* no futebol tendo como objetivo a utilização de métricas gerais e de centralidade com base na teoria dos grafos para identificar as propriedades da seleção nacional da Suíça durante o Campeonato do Mundo FIFA 2014. Os autores Clemente F. M., Martins, Kalamaras, & Mendes (2015d) analisaram as características da *network* das seleções nacionais presentes no Campeonato do Mundo FIFA 2014 chegando também a conclusões interessantes.

Clemente F. , Martins, Wong, Kalamaras e Mendes, (2015c) procuraram investigar quais as posições em campo que mais contribuíam para a construção do processo ofensivo e Clemente, Couceiro, Martins e Mendes (2015a) analisaram 577 jogadas ofensivas referentes a cinco jogos de uma equipa da 1ª Liga Portuguesa e procuraram perceber o real valor das métricas na interpretação do jogo.

Para a realização do estudo serão utilizadas três amostras de jogos do VSC equipa A, bem como as *networks* resultantes de cada jogo. Irá proceder-se à observação e análise dos jogos sob uma perspetiva mais interpretativa, realizando a codificação dos jogos. No final de cada análise irei interpretar os dados resultantes das *networks* e cruzar as informações de origens distintas.

Com isto procurarei entender que tipo de conteúdo informacional difere e de que forma poderão relacionar-se, sendo um processo que realizarei jogo a jogo. A dificuldade de acesso a ferramentas que forneçam este tipo de dados leva a que a escolha da amostra seja a equipa A do VSC e não a equipa de estágio. Os dados das *networks* foram como tal adquiridos, e não calculados, através do programa Wyscout.

Os capítulos seguintes à apresentação do plano individual de estágio irão caracterizar a instituição acolhedora do estágio, a equipa técnica e o plantel. Posteriormente apresentar-se-á o modelo de jogo idealizado e os modelos de treino e de observação e análise. O processo de treino será objeto de estudo e de reflexão crítica à semelhança dos restantes capítulos presentes neste trabalho. O tema escolhido será desenvolvido de forma detalhada no relatório, demonstrando as diferentes etapas até à sua conclusão. Este relatório de estágio irá terminar com considerações finais tecidas por mim relativamente ao estágio efetuado e quais as sugestões e perspetivas futuras no futebol e na vida.

A 6ª edição da APA foi a norma utilizada para citações e referências bibliográficas neste trabalho.

Capítulo I - Plano Individual de Estágio (PIE)

Neste capítulo irei apresentar a instituição de estágio, os meus objetivos formativos e as estratégias para os alcançar, bem como a evolução das minhas funções enquanto estagiário e as tarefas inerentes às mesmas.

1.1. Instituição do Estágio

O estágio realizado no âmbito do Mestrado em Futebol - Da Formação à Alta Competição da Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona, decorreu na equipa de Sub-17 (Juniões B/Juvenis A) do Vitória Sport Clube (VSC).

A equipa competiu no Campeonato Nacional de Juniores B, prova organizada pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF), tendo frequentemente um jogo por semana. Os microciclos variaram de acordo com o calendário competitivo de forma a otimizar o rendimento dos atletas. O microciclo padrão era composto por quatro treinos semanais de terça-feira a sexta-feira e duas sessões de trabalho no ginásio à segunda-feira e terça/quarta-feira. A equipa treinou no campo predominantemente das 19h30 às 21h00, já o trabalho no ginásio decorreu maioritariamente das 18h00 até às 18h50. Todo o trabalho decorreu nas instalações da Academia do Vitória Sport Clube localizada na rua Antero Henriques da Silva em Guimarães.

1.2. Objetivos Gerais e Específicos de Formação do Estagiário

A intenção por detrás de um estágio passará inevitavelmente pelo incremento de vivências e experiências que permitam ao estagiário evoluir, aumentar as suas competências e conhecimento sendo que concomitantemente este possa auxiliar a instituição com o seu trabalho e conhecimento teórico.

Este processo ensino-aprendizagem específico requer um estabelecimento de objetivos por parte do estagiário que idealmente será realizado em conjunto com a instituição/clube.

Como objetivos gerais para este estágio foram definidos:

- Incrementar competências teórico-práticas na área da metodologia de treino e jogo;
- Aperfeiçoar competências na área observação e análise;
- Desenvolver competências relacionais;
- Desenvolver competências individuais;

Os objetivos específicos relacionados com a metodologia do treino e jogo passavam por:

- Organizar e Planear Macrociclos, Mesociclos e Microciclos em função de conteúdo e carga;
- Incrementar o conhecimento de treino relativamente à discussão e planeamento do mesmo;
- Operacionalizar o treino em contexto de Macro, Meso e Micro exercícios (Tamarit, 2016);
- Observar e interpretar o treino para melhor tomada de decisão e adaptação enquanto Treinador/Observador;
- Observar e interpretar jogo para melhor tomada de decisão e adaptação enquanto Treinador/Observador;
- Potenciar os jogadores para atingirem o patamar do futebol profissional no Vitória Sport Clube;
- Contribuir para resultados desportivos benéficos ao crescimento da formação de futebol;
- Contribuir para a concretização do objetivo estipulado para a equipa dos Sub-17 do VSC – Chegada à 3ª Fase do Campeonato Nacional de Juniores B;
- Desenvolver uma atitude reflexiva.

Já os objetivos específicos relativos à área da observação e análise eram:

- Aumentar o conhecimento teórico-prático de comportamentos Micro à escala individual e grupal;
- Aumentar o conhecimento teórico-prático de comportamentos Meso à escala sectorial e intersectorial;
- Aumentar o conhecimento teórico-prático de comportamentos Macro à escala coletiva;
- Desenvolver competências na observação e análise do treino;
- Melhorar competências na observação e análise do “Nosso Jogar”;
- Incrementar competências na observação e análise comportamentos individuais;
- Desenvolver competências na observação e análise do adversário;
- Desenvolver uma atitude reflexiva.

Os objetivos específicos traçados para melhorar as competências relacionais eram:

- Aumentar o conhecimento acerca da estrutura do VSC;
- Compreender a relevância e quais as funções de cada departamento;
- Contribuir para a uma organização e planeamento uniformes entre todos os departamentos;
- Participar ativamente nas decisões estruturais, do departamento, do futebol de formação e da equipa técnica;
- Desenvolver ferramentas que aumentem a minha capacidade de liderança dentro da estrutura, perante a equipa técnica e os atletas.
- Aumentar a minha autonomia no exercício de funções;
- Adequar as competências comunicacionais perante diversos contextos;
- Desenvolver uma atitude reflexiva.

Mais ainda, definiram-se objetivos específicos relativos às competências individuais:

- Aumentar a capacidade de perseverança;
- Desenvolver estratégias para ultrapassar adversidade;
- Gerir tarefas de forma eficaz e eficiente;
- Aumentar a minha capacidade de valorização pessoal e profissional;
- Ampliar a *Network* pessoal e profissional;

1.3. Estratégias Implementadas para a Formação Pessoal Enquanto Treinador

Neste subcapítulo parece pertinente criar uma relação entre os objetivos gerais e específicos delineados anteriormente e as estratégias adotadas para os atingir. É difícil identificar o sucesso ou não das mesmas pela ausência de indicadores mensuráveis, contudo não parece ser sensato menosprezar aquilo que são as variáveis qualitativas. Variáveis estas que passam, por exemplo, pela informação de retorno intrínseca e extrínseca de pessoas da estrutura, do processo e de outros contextos.

As estratégias implementadas passaram por:

- Discussão com elementos da equipa técnica e coordenador do futebol de formação sobre o processo de treino-jogo
- Comunicação com treinadores e observadores externos à equipa técnica
- Travar conhecimento referente ao trabalho realizado nos diferentes departamentos: Psicologia, Alto Rendimento, Médico e *Scouting*

- Reuniões formativas da responsabilidade do coordenador do futebol de formação e do coordenador do departamento de observação e análise sobre o Jogo, Treino e Observação
- Assiduidade a jogos de outros escalões para melhor perceção do contexto, dinâmica interna
- Informação de Retorno dos Atletas na representação das dimensões: Técnica, Tática, Física, Psicológica e Emocional-Afetiva
- Frequência a ações de formação externas à instituição
- Procura de informação através de livros, artigos científicos e artigos de opinião
- Atitude Reflexiva sempre e em todos os contextos supramencionados

Para alcançar os objetivos traçados é necessário adicionar às estratégias adotadas trabalho árduo, superação e capacidade de gestão, para além do prazer evidente que será necessário sentir para concretizar metas ambiciosas em qualquer área.

1.4. Funções do Treinador Estagiário

Este estágio tem a particularidade de ser centrado nas competências e funções da observação e interpretação, não negligenciando as vivências do treino. Foi por via do Departamento de Observação e Análise que entrei na estrutura do clube com o cargo de observador da equipa Sub-17 do Vitória Sport Clube. Aos estagiários o clube procura criar um ecossistema propício a experiências diferenciadas, para que possam ter uma aprendizagem multidisciplinar e para que mais tarde possam balizar características e aspirações individuais.

Ao estagiário é exigida disponibilidade máxima, superação, sacrifício e conhecimento teórico. Exige-se também proatividade e capacidade de interação com todo o tipo de agentes desportivos. Para além disto, é importante que o estágio tenha a capacidade de manter o sigilo, evitando que a informação interna seja transmitida a pessoas não relacionadas com o clube. É Importante também conhecer o Modelo de Formação, a Metodologia de Treino e o Modelo de Observação para os diferentes contextos: Futebol de base e Futebol 11. O perfil e a conduta do estagiário, dentro e fora do campo, são sempre tidos em consideração, sendo que o clube procura pessoas que valorizem a imagem da instituição e o próprio jogo. São exigidos elevados valores morais e éticos aos funcionários do clube, pois apenas dessa forma estaremos a formar homens sendo essa a principal missão no futebol de formação.

As minhas funções iniciais tinham como objetivo principal auxiliar o analista efetivo no seu trabalho. Os resumos dos jogos, as ações individuais dos Guarda-Redes e qualquer outro tipo de função que me fosse exigido seriam o ponto de partida exigido pelo clube e equipa técnica neste estágio.

No entanto, desde a primeira semana de estágio foram-me colocados alguns desafios que me permitiram acumular funções mais desafiantes e complexas. Um exemplo capaz de retratar a afirmação anterior foi quando a equipa técnica me solicitou, poucos dias depois de me conhecer, a análise do nosso comportamento coletivo no momento de transição defensiva fora do centro de jogo. Outro caso ilustrativo foi quando no meu primeiro microciclo o analista principal pediu-me para analisar e fazer um vídeo dos momentos de organização ofensiva e transição defensiva do adversário, bem como apresentar aos atletas estes momentos do adversário.

Estes foram momentos chave para que a equipa técnica me desse abertura para desempenhar funções mais complexas e a confiança entre todos foi crescendo de forma natural ao longo da época. As funções iniciais atribuídas e as que durante o processo fui acumulando por pedido da equipa técnica, proactividade ou solicitação da estrutura podem ser observados no subcapítulo seguinte com maior detalhe.

As minhas funções em treino não evoluíram da mesma forma que as funções relativas à observação e análise. Não se trata de falta de competência na operacionalização do treino, mas sim de valores culturais enraizados no clube e contra os quais não pude, nem queria fazer frente. O meu estágio realizou-se ao abrigo do departamento de observação e análise, e de acordo com o programa de estágio a minha intervenção no treino seria sobretudo em exercícios micro, sendo que os exercícios meso e macro teriam as intervenções predominantes de Treinador Principal e Adjunto.

Ainda assim, com as competências demonstradas na área da observação e análise a equipa técnica ganhou confiança nos meus conhecimentos de jogo. Este dado levou a que todos os envolvidos no processo escutem-se a minha opinião com bastante atenção e relevância também na discussão e planeamento do treino. A conceção do treino foi algo no qual acabei por ser um elemento preponderante e como tal o meu papel no treino também acabou por ser aumentado. Passei a ser responsável por exercícios meso como por exemplo exercícios sectoriais e intersectoriais, nunca atingindo no entanto a responsabilidade máxima de operacionalizar exercícios macro ou de escala coletiva.

Procurei sempre mostrar disponibilidade para colaborar com funções adicionais no clube como filmar jogos de adversários de outros escalões, filmar equipas do Vitória Sport

Clube e colaborar com o departamento de *scouting* em torneios enquanto observador individual.

O estagiário, muitas vezes visto como a personagem ideal para fazer tudo, é frequentemente desvalorizado pela estrutura. Apenas com o tempo, trabalho e superação o espaço do estagiário poderá ser encontrado juntamente com o sentimento de pertença e significado, incluindo-se verdadeiramente no processo de treino.

1.5. Tarefas Inerentes à Função do Treinador Estagiário

Como já foi referido anteriormente o meu estágio foi realizado no âmbito da observação e análise, nunca descurando o treino. Na reunião de apresentação aos estagiários foram atribuídas e explicitadas as tarefas que o clube esperava ver cumpridas:

- Digitalização dos microciclos de treino;
- Gravação de jogos do escalão de estágio;
- Gravação de jogos de outros escalões;
- Gravação das sessões de treino;
- Renderização e distribuição do vídeo pela equipa técnica responsável;
- Realização de um resumo em formato vídeo do jogo da equipa de estágio;
- Realização de um vídeo das ações do guarda-redes;
- Cooperação em análise individual e sectorial, com amostra vídeo;
- Discussão e Planeamento do Treino;
- Operacionalização de exercícios micro.

As minhas vivências anteriores permitiram-me chegar ao local de estágio e integrar-me de forma célere. Assim, as minhas tarefas multiplicaram-se rapidamente e a exigência inerente à complexidade do trabalho aumentou. De seguida, encontra-se as tarefas padrão que me foram acrescidas no decurso da época desportiva:

- Observação e análise do “Nosso Jogar”;
- Realização de um vídeo-relatório micro: escala individual e grupal;
- Realização de um vídeo-relatório meso: escala sectorial e intersectorial;
- Realização de um vídeo-relatório macro: escala coletiva;
- Observação e interpretação do adversário;
- Realização de um vídeo e de um relatório do adversário;
- Responsabilização pela sessão vídeo;
- Definição do plano estratégico;

- Gestão e Criação do grupo de observação e análise dos guarda-redes;
- Operacionalização de exercícios micro e meso;
- Realização de um vídeo-relatório individual de atletas externos ao clube para o Departamento de *Scouting*;
- Realização de um vídeo-relatório dos comportamentos em sessão de treino;
- Realização de um relatório coletivo do “Nosso Jogar”;
- Realização de relatórios individuais dos jogadores.

Como já foi abordado no subcapítulo anterior, estas tarefas foram acrescidas de forma natural, sendo que para isso tive de ultrapassar algumas etapas. Primeiramente existiu uma preocupação em entender que competências o estagiário possuía, foram colocados desafios de menor complexidade relacionados com o “nosso jogar” e ações individuais. Posteriormente, e ainda no primeiro mês em funções foi solicitado o meu auxílio na observação e análise do adversário, bem como a apresentação do mesmo aos jogadores. Estes momentos acabaram por ser decisivos para a restante temporada porque as suas realizações sucedidas permitiram uma rápida adaptação à cidade, clube e processo.

A equipa técnica e analista efetivo passaram-me toda a pasta da observação e análise para as mãos, reconhecendo desta maneira a competência do estagiário neste tipo de funções. Um dado importante que ajudou à acumulação de trabalho foi o caso específico do analista efetivo, que acumulando funções dentro do clube acabou por ceder quase todo o trabalho para mim. No mês de Dezembro já tinha a responsabilidade de cumprir todas as tarefas supracitadas.

Apesar da carga de tarefas ao longo da época desportiva ter sido bastante significativa, importa referir que consegui com sucesso, entregar todas as tarefas exigidas dentro do prazo.

Capítulo II - Caracterização Geral Vitória Sport Clube

Ao longo deste segundo capítulo a instituição de estágio será caracterizada do ponto de vista histórico e os seus recursos de ordem estrutural, material e humana também serão apresentados.

2.1. Enquadramento Histórico

O Vitória Sport Clube, mais conhecido pelo acrónimo VSC, caracteriza-se por ser um clube eclético português fundado a 22 de Setembro de 1922 estando sediado na cidade de Guimarães, no Distrito de Braga. Este é um clube de referência nacional e que, ao longo da sua existência, conquistou vários títulos nacionais e internacionais, sendo também reconhecido pela paixão e número elevado de adeptos (VSC, 2020).

O VSC encontra-se a disputar a Liga NOS, sendo o 5º clube com mais presenças no maior escalão do futebol Português, contabilizando 73 presenças, sendo também detentor de uma Taça de Portugal e de uma Supertaça Cândido de Oliveira (VSC, 2020).

Os primeiros jogos do clube realizaram-se em 1923, sendo que a primeira direção oficializada do VSC foi eleita a 9 de Dezembro de 1923 em Assembleia Geral. Em 1924 decorreu a inauguração do Campo José Minotes que substitui o campo da Atouguia. O primeiro título oficial enquanto VSC celebrou-se a 18 de Fevereiro de 1927 sagrando-se Campeão Distrital de Infantis (VSC, 2020).

Foi em 1930 foi desenhado pelo Capitão Mário Cardoso o emblema oficial do VSC com as cores preto e branco e a representação de D. Afonso Henriques. A utilização estratégica das cores referidas tinha como objetivo transmitir a importância da igualdade de raças (VSC, 2020).

O VSC disputou em 1942/1943 a 1ª Final da Taça de Portugal, tendo-se mantido na primeira divisão durante os 14 anos consequentes. Esta etapa histórica vem enfatizar o início um percurso ascendente do clube (VSC, 2020).

Durante 20 anos o Campo da amorosa foi casa do VSC tendo sido substituído pelo Estádio Municipal, inaugurado a 3 de Janeiro de 1965 (VSC, 2020).

Os primeiros jogos com equipas internacionais foram disputados na transição das épocas 65/66 e 66/67 com a participação do VSC na Taça do Mundo nos EUA e na Venezuela contra o AEK Atenas e Estrela Vermelha de Belgrado. Relativamente às competições europeias, a primeira vez que o VSC participou nas mesmas foi a 10 de Setembro de 1969 na Taça UEFA contra o Banik Ostrava tendo saído vencedor por 1-0 (VSC, 2020).

A melhor participação de sempre do VSC na Taça UEFA decorreu na época 1986/1987 alcançando os quartos de final da competição (VSC, 2020).

Relativamente a conquistas nacionais o 1º grande troféu surgiu na época 1988/1989 no qual o VSC venceu o FCP na supertaça Cândido de Oliveira (VSC, 2020).

A década de 90 foi marcada por celebres jogos europeus tendo o VSC defrontado grandes clubes como o Barcelona, Ajax, Celtic de Glasgow e Lazio, entre outros (VSC, 2020).

Na época de 2006/2007 o clube regressou à 1ª Liga destacando-se como 3º no campeonato e consequentemente tendo-se apurado para a pré-eliminatória da Liga dos Campeões (VSC, 2020).

A Taça de Portugal constitui uma competição muito querida para o VSC pois após ter perdido na final da época 2010/2011, conseguiu sagrar-se campeão contra o SLB na época 2012/2013 (VSC, 2020).

A época de 2014/2015 trouxe grande felicidade aos adeptos do VSC por ter atingido os melhores resultados de sempre na Liga Europeu (VSC, 2020).

O VSC possui um palmarés com os seguintes troféus no futebol profissional (VSC, 2020):

- Vencedor de 1 Taça de Portugal (2012/13)
- Vencedor de 1 Supertaça Cândido de Oliveira (1988/89)
- 4 Vitórias na Taça de Honra da Associação de Futebol de Braga (1978/79, 1981/82, 1982/83 e 1983/84)
- 1 Vitória na Taça da AFB (1964/65)
- 8 Títulos de Campeão Distrital de Braga em Reservas (1962/63 a 1968/69 e 1971/72)
- 3 Títulos de Campeão do Minho (1938/39, 1939/40 e 1940/41)
- 12 Títulos de Campeão Distrital de Braga (1933/34 e de 1935/36 até 1945/46 ininterruptamente)

Já quanto ao futebol de formação possui o seguinte palmarés (VSC, 2020):

- Campeão Nacional de Juvenis (2013/14)
- Campeão Nacional de Iniciados (1995/96)
- Campeão Nacional de Juniores (1990/91)
- 1 Título de Campeão Distrital de Braga de Juniores 2ª Divisão (1993/94)

- 15 Títulos de Campeão Distrital de Braga de Iniciados (1972/73, 1975/76, 1977/78, 1980/81, 1981/82, 1982/83, 1983/84, 1984/85, 1985/86, 1986/87, 1991/92, 1993/94, 1994/95, 2004/05 e 2009/10)
- 12 Títulos de Campeão Distrital de Braga de Juvenis (1965/66, 1967/68, 1969/70, 1970/71, 1971/72, 1972/73, 1973/74, 1974/75, 1980/81, 1981/82, 1982/83, 2009/10)
- 4 Títulos de Campeão Distrital de Braga de Principiantes (1963/64, 1964/65, 1991/92 e 1993/94)
- 10 Títulos de Campeão Distrital de Braga de Juniores (1953/54, 1958/59, 1961/62, 1963/64, 1964/65, 1965/66, 1966/67, 1971/72, 1972/73, 1973/74)
- 6 Títulos de Campeão Distrital de Braga de Infantis (1927, 1984/85, 1989/90, 1991/92, 1993/94 e 1994/95)

2.2. Caracterização Geral

Tem como modalidade principal o futebol, distinguindo-se também em modalidades como o voleibol masculino e feminino, o basquetebol masculino e feminino, *racing*, atletismo, natação, pólo aquático, o *jiu-jitsu*, *taekwondo*, judo, ténis de mesa, *kickboxing*, boxe, futebol feminino, mais recentemente *ESports*.

A estrutura do Futebol é dividida em futebol de formação e futebol profissional. A formação é composta por: escola de futebol “Os Afonsinhos”, Benjamins C, Benjamins B, Benjamins A, Infantis B, Infantis A, Iniciados C, Iniciados B, Iniciados A, Juvenis B, Juvenis A, Juniores e Sub-23.

Importante referenciar que a Escola de Futebol tem um carácter lúdico, de iniciação à modalidade com objetivo claro de fomentar o gosto pela prática desportiva, pelo jogo e pelo treino. No entanto, tem também a missão de suportar os escalões de competição, sendo uma das missões formar atletas capazes de integrar futuramente o futebol federado do Vitória Sport Clube.

Todos os escalões citados anteriormente treinam e jogam na academia do clube. Os Benjamins C, B e A, os Infantis B e A, os Iniciados C e B e os Juvenis B competem na AFB. Já os Iniciados A competem no Campeonato Nacional de Juniores C. No Campeonato Nacional de Juniores B contentem os Juvenis A. Os Juniores competem no Campeonato Nacional de Juniores A e por último a equipa de Sub-23 compete numa liga única, a Liga Revelação organizada pela FPF.

Para completar o quadro competitivo falta encaixar as duas equipas profissionais, Equipa B e A, sendo que a primeira competiu na *Ledman* Ligapro com objetivos formativos e competitivos, procurando ser uma “fonte de alimentação” da equipa A. A equipa A, como equipa principal, compete na Liga NOS, tendo naturalmente metas predominantemente orientadas para a competição e resultado.

2.3. Recursos Estruturais

Os Recursos estruturais do VSC passam pelo Estádio D. Afonso Henriques, pela Academia Vitória SC e pelo Pavilhão Unidade Vimaranesense.

O Estádio D. Afonso Henriques é, muitas vezes, considerado “um local de culto” para os vimaranenses. Este foi construído em 1965, e foi na altura denominado como Estádio Municipal de Guimarães. Em 1989 este estádio foi cedido ao VSC e posteriormente recebeu o nome do 1º Rei de Portugal a quem presta sentida homenagem (VSC, 2020).

De forma a acolher os jogos do EURO2004, foram necessárias várias obras de remodelação para que fosse considerado um “palco de excelência” para os vários jogos de futebol. Este estádio tem uma capacidade para 30.000 pessoas e durante as épocas desportivas, apresenta um lugar de destaque na tabela de assistências na Liga. Para além disto, é palco de grandes partidas de futebol e um dos monumentos no roteiro de visita da cidade de Guimarães (VSC, 2020).

Quanto à Academia do VSC esta foi construída em 1997 e acolhe toda a estrutura do futebol profissional do clube. Nos seus campos de treino, trabalham também diariamente centenas de jovens de todas as idades que, sob a orientação dos treinadores da formação, desenvolvem as suas competências desportivas e humanas (VSC, 2020).

A Academia do clube dispõe atualmente de seis campos para a prática de futebol, sendo três de relva natural e três sintéticos. Dispõe ainda de um ginásio devidamente equipado, quase vinte balneários, uma enfermaria, uma sala de tratamentos e um auditório com capacidade para 30 pessoas. Apresenta também um refeitório. Neste complexo treinam todas as equipas pertencentes ao VSC, desde a equipa principal, equipa B, sub-23, juniores, juvenis, iniciados, infantis, benjamins e até a escola de formação “Os Afonsinhos” (VSC, 2020).

Inserido no Complexo Desportivo surge ainda o Pavilhão do Vitória com capacidade para 2500 espectadores. Este foi inaugurado em 1997 e alberga semanalmente cerca de 600 atletas em treinos e/ou competições oficiais de diversas modalidades. Em 2017, o Pavilhão do Vitória assume o nome de Pavilhão Desportivo Unidade Vimaranesense, numa proposta aprovada pelos associados em Assembleia Geral (VSC, 2020).

2.4. Recursos Materiais e Logísticos

Tal como já foi anteriormente referido, todas as equipas pertencentes à instituição treinam na academia desde a base até ao futebol profissional.

Começando pela escola de futebol “Os Afonsinhos”, estes treinam segunda, quarta e sexta das 18:30h as 19:30h no Campo 1. As equipas federadas da formação e futebol base não têm campo definido uma vez que estão dependentes do microciclo e consequentemente da organização dos campos realizada pelos coordenadores. O material fornecido para cada equipa é de 25 bolas, 30 coletes, 40 sinalizadores, mini-balizas, balizas de fut-5, balizas fut-7 e balizas fut-11.

2.5. Recursos Humanos

A administração e órgãos do VSC (tabela 1) são os representantes máximos do clube. São os elementos de máxima responsabilidade e é por eles que todas as decisões passam antes de se avançar para a execução de qualquer natureza.

Direção
• Júlio Mendes (Presidente) • Armando Marques (Vice-Presidente) • Francisco Príncipe (Vice-Presidente) • Hugo Freitas (Vice-Presidente) • Pedro Lima (Vice-Presidente)
Assembleia Geral
• Isidro Lobo (Presidente) • Gustavo Ribeiro (Vice-Presidente)
Conselho Fiscal
• Eduardo Leite (Presidente) • Cristiana Carvalho (Vice-Presidente)
Conselho Jurídico
• Pedro Roque (Presidente) • António Lima (Vice-Presidente)
Conselho Vitoriano
• Carlos Alpoim (Presidente)

Tabela 1 - Organograma dos Órgãos Sociais.

Já a estrutura do futebol de formação é uma rede competente, multidisciplinar e complexa que permite uma aproximação aos objetivos traçados pelo clube (Figura 1).

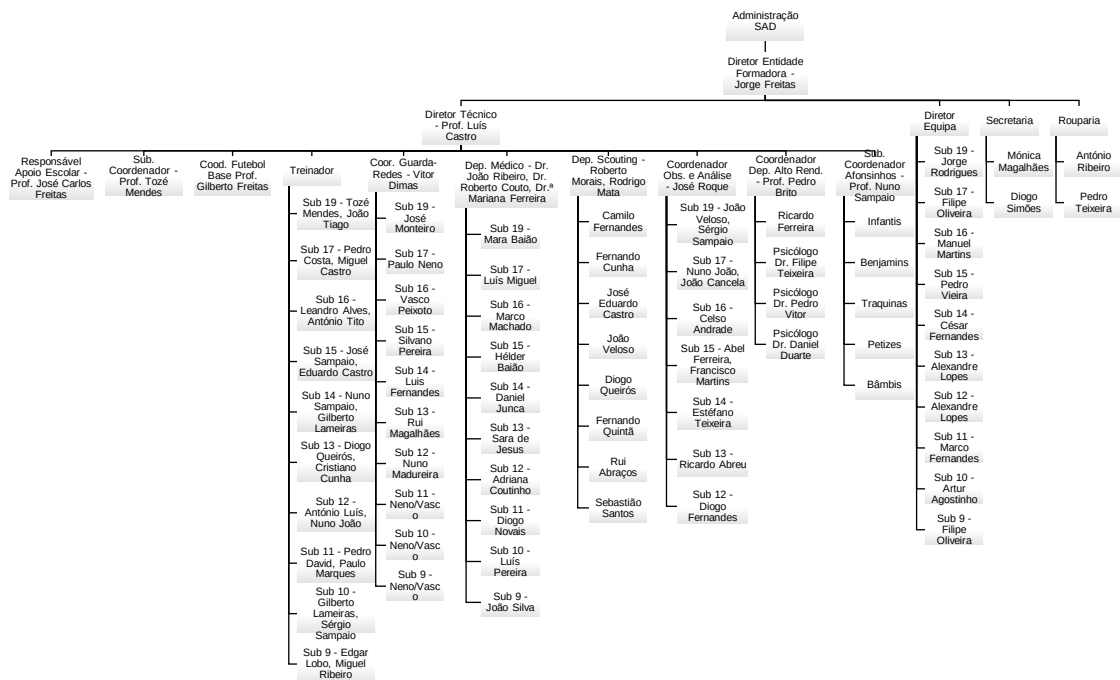


Figura 1 - Organograma do Futebol Formação.

Capítulo III - Caracterização da Equipa e do Contexto Competitivo

Neste terceiro capítulo a equipa técnica dos sub-17 do VSC e o seu plantel serão apresentados de forma detalhada. Posteriormente irá proceder-se à descrição dos objetivos específicos de carácter formativo e competitivo, individuais e coletivos pelos quais o processo se guiou. Por último, o quadro competitivo e a calendarização da época desportiva serão também explicados.

3.1. Caracterização da Equipa Técnica

A formação das equipas técnicas é da responsabilidade da direção e coordenação do clube, sendo política regular a não possibilidade de escolha do treinador principal no que toca à equipa técnica com a qual irá trabalhar. Não me parece uma decisão que faça muito sentido visto que o líder do processo de treino deveria ter poder de decisão relativamente à sua equipa técnica. O treinador principal é o maestro e necessita dos seus músicos para interpretar e tocar as suas ideias, se os músicos não têm um perfil que encaixe na forma de ser e de estar, a banda não irá funcionar. Consigo entender este tipo de abordagem pelo maior domínio e controlo estrutural que essa forma de decidir proporciona, apesar do enorme contra supracitado.

Ou seja, o clube nunca ficará órfão de equipas técnicas porque não as contrata. Contrata funcionários para os diferentes departamentos ou, através do programa de estágios, no qual consegue recursos humanos que forma e que posteriormente integra na sua estrutura.

A equipa técnica do escalão sub-17 era constituída por 7 elementos entre eles o treinador principal, o treinador adjunto, o analista, o treinador de guarda-redes, o preparador físico, o psicólogo e ainda o analista estagiário.

O treinador principal, Pedro Costa, possui o nível III (UEFA A) e é licenciado em educação básica com a variante de educação física no Instituto Politécnico de Bragança. Esta foi a sua 3ª época no clube, e a 2ª no escalão de juvenis A. É um treinador com vasta experiência no futebol de formação, tendo alcançado nas últimas 4 temporadas, a época 2018/2019 inclusive, a fase final por três ocasiões diferentes.

O seu treinador adjunto foi Miguel Castro, sendo esta a 2ª época em que trabalham de forma conjunta e no escalão de sub-17. Conta com duas presenças em fases finais. Detentor do nível II (UEFA B) creditado pelo Instituto Português de Desporto e Juventude (IPDJ), via Associação de Futebol de Braga.

O Analista, membro do departamento de observação e análise do clube, Nuno João encontrava-se a cumprir a sua 3ª época no VSC. Tendo entrado no clube passando pelo

processo de seleção curricular. Estagiou no seu 1º ano no escalão de Juvenis A e a sua 2ª época, 1ª enquanto funcionário oficial do clube, foi cumprida nos Juvenis B. Na época desportiva 2018/2019 estava a concluir a sua Licenciatura em Ciências do Desporto na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

O treinador Paulo Neno, responsável pelo treino de guarda-redes, é o elemento da equipa técnica com maior número de anos no clube. São dez anos como treinador de guarda-redes pelo que conta já com vasta experiência como coordenador do treino de guarda-redes e com um título de campeão nacional de Júniores B. Possui o nível I (UEFA C) de treinador creditado pelo IPDJ via associação de futebol.

A função de preparador físico esteve a cargo de Rui Salgado, tendo experiência anterior em equipas de formação em Inglaterra. Esta caracterizou-se pela sua 1ª experiência em Portugal. Licenciou-se em *Sports and Exercise Science* na *Middlesex University School*.

Daniel Duarte foi o responsável nomeado pelo departamento de psicologia estando na época em questão a cumprir o seu processo de estágio relativo ao Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde.

Foi até ao momento a equipa técnica mais competente do ponto de vista humano com a qual trabalhei. Proporcionaram um ambiente positivo de trabalho onde errar é natural e a discussão incentivada. Procuraram incluir todos os elementos fazendo com que todos se sentissem importantes, com um propósito e significado. Tenho, deste modo, a agradecer a estas pessoas a forma como me receberam, e que se tornaram a minha família quando tudo o resto estava longe. Deram-me espaço para trabalhar e para crescer e isso é algo que, independentemente da competência, não acontece de forma frequente. O facto de ter trabalhado com esta equipa técnica em particular permitiu-me desenvolver competências que elevaram a minha valorização pessoal e profissional.

Existem, todavia, aspetos menos positivos que têm de ser alvo de análise e nunca deverão ser encarados de forma negativa, mas sim como um passo para o sucesso. Isto, pois, quando a crítica é construtiva só enaltece o ato de reflexão.

Um aspeto menos positivo foi a impossibilidade de trabalharmos mais horas em conjunto na academia. Infelizmente tanto o treinador principal como o treinador adjunto acumulam outras atividades profissionais, tornando-se difícil conciliar com o futebol. O treinador de guarda-redes para além de ter outra atividade profissional exerce também outras funções dentro do próprio clube, treinando escalões do futebol de base. Já o analista vive um cenário idêntico em que concilia a sua vida académica com outras funções no clube,

sendo também treinador adjunto no futebol base. Por último, o preparador físico ocupava também o mesmo cargo, mas no escalão de sub-19.

Isto dificultava a possibilidade de reunir antes do treino de forma antecipada. Se tal fosse exequível aumentaria o conhecimento dos elementos da equipa técnica e a complexidade e pormenor do treino, que beneficiaria a formação dos jovens, os próprios profissionais e o clube.

Apesar de muitos recursos e de, a nível nacional, o VSC ser claramente pertencente a uma reduzida percentagem de clubes com estrutura e infraestruturas diferenciadas, não é imune a problemas logísticos como campos de treino indisponíveis, incumprimento dos horários das carrinhas de transporte de atletas, impossibilidade de utilização da sala de reuniões para sessão de vídeo.

Mesmo perante alguns constrangimentos a equipa técnica cumpriu com todos os objetivos delineados e trabalhou de forma competente.

Este relatório irá assim descrever e analisar os aspetos que correram bem e aqueles que correram menos bem durante o processo de treino.

3.2. Caracterização do Plantel

Neste subcapítulo irá proceder-se a uma descrição detalhada do plantel, caracterizando-o de forma coletiva e individual.

3.2.1 Caracterização Coletiva

O plantel caracteriza-se, de uma forma geral, por ser competitivo, por apresentar uma relação com bola elevada, pela capacidade criativa e ainda pelo domínio dos princípios ofensivos no centro de jogo. No entanto, apresenta dificuldades em comportamentos defensivos sectoriais e intersectoriais.

O plantel é constituído por quatro guarda-redes com qualidade no gesto de proteção de baliza, competentes no jogo de pés e fortes no posicionamento entre os postes.

Mais ainda, compõe-se por oito defesas que possuem boa relação com bola e que são deveras capazes em construção do momento de organização ofensiva. Todavia, são pouco agressivos sem bola e têm dificuldades nos comportamentos sectoriais de linha defensiva a quatro.

Para além disto, a equipa apresenta dois *pivots*, seis interiores e quatro alas. Estes detêm qualidade técnica elevada, capacidade de antecipação de cenário e comprometimento no processo defensivo. Contudo, demonstram debilidades no domínio dos

princípios e na chegada a zonas de finalização. Estas são as posições com jogadores de maior potencial formativo na equipa.

Por último, constitui-se por três avançados dinâmicos, rápidos, com gesto fácil de finalização e qualidade técnica. Estes jogadores, apesar de serem comprometidos no processo defensivo têm dificuldades em como e quando condicionar/trancar. Existe alguma discrepância na qualidade dos avançados titulares e suplentes.

3.2.2 Caracterização Individual

Na seguinte tabela (tabela 2) apresenta-se a constituição do plantel e a caracterização individual dos jogadores.

Nome do Atleta	Posição	Escalão	Nacionalidade	Pé Dominante	Competências	Aspetos a melhorar
Antal Bencze	Guarda Redes	Sub-17	Húngara	Direito	• Agressividade; • Bom posicionamento entre os postes; • Bom controlo de profundidade; • Bom jogo de pés.	• Jogo aéreo; • Perceção do jogo; • Dificuldade em gerir ritmo de jogo; • Comunicação.
Sérgio Alves	Guarda Redes	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Bom posicionamento entre os postes; • Boa comunicação; • Dimensão psicológica.	• Controlo de profundidade; • Controlo do espaço baliza em situação de cruzamento; • Construção com os pés.
Luís Costa	Guarda Redes	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Agilidade; • Dimensão psicológica.	• Controlo do espaço baliza em situação de cruzamento; • Controlo de profundidade.
Carlos Marques	Guarda Redes	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Capacidade de trabalho; • Bom posicionamento entre os postes.	• Controlo do espaço baliza em situação de cruzamento; • Jogo aéreo.
Gonçalo Negrão	Lateral direito	Sub-16	Portuguesa	Direito	• Capacidades condicionais; • Envolvimento no processo ofensivo; • Ações verticais com bola.	• Má gestão de momentos de jogo; • Compreensão de jogo.
Francisco Ribeiro	Lateral direito	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Processo defensivo; • Capacidades condicionais; • Jogo aéreo.	• Tomada de decisão; • Orientação corporal; • Relação com bola.

Hélder Sá	Lateral esquerdo	Sub-17	Portuguesa	Esquerdo	- Qualidade acima da média em ações ofensivas; - Relação com bola; - Condução por espaço interior.	- Comportamentos defensivos de linha a 4; - Transição defensiva.
Mário Rui	Central	Sub-17	Portuguesa	Direito	- Relação com bola; - Liderança.	- Jogo aéreo; - Dimensão física; - Tomada de decisão com bola; - Controlo espaço de baliza.
Alexandre Caldeira	Central	Sub-17	Portuguesa	Direito	- Agressivo; - Jogo aéreo.	- Relação com bola; - Tomada de decisão; - Controlo de profundidade.
André Gomes	Central	Sub-17	Portuguesa	Direito	- Boa relação com bola; - Qualidade em construção; - Tomada de decisão.	- Agressividade; - Comportamentos defensivos de linha a 4; - Capacidade de trabalho.
Lourenço Pinto	Central	Sub-17	Portuguesa	Esquerdo	- Relação com bola; - Capacidades condicionais; - Qualidade de passe.	- Jogo aéreo; - Capacidade de trabalho; - Agressividade.
David Branco	Central	Sub-17	Portuguesa	Direito	- Domínio dos princípios defensivos; - Qualidade no encurtamento e antecipação no processo defensivo.	- Tomada de decisão; - Relação com bola; - Jogo aéreo.
Renato Silva	Pivot	Sub-17	Portuguesa	Esquerdo	- Compreensão do jogo; - Tomada de decisão; - Passe.	- Jogo aéreo; - Agressividade; - Capacidades condicionais.
André Amaro	Pivot	Sub-17	Portuguesa	Direito	- Muito forte nos duelos; - Compreensão de jogo; - Jogo aéreo.	- Pouca criatividade; - Jogo posicional;
Sérgio	Interior	Sub-17	Portuguesa	Direito	Compreensão de jogo;	Remate;

Meireles					• Capacidade em enquadrar; • Boa tomada de decisão.	• Jogo aéreo.
Guilherme Guedes	Interior	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Compreensão de jogo; • Liderança; • Capacidade em condução; • Forte nos movimentos de rutura.	• Coordenação motora; • Controlo emocional; • Jogo posicional.
Vasco Sousa	Interior	Sub-16	Portuguesa	Direito	• Competente a ajustar; • Compreensão de jogo; • Criativo em espaços reduzidos; • Visão periférica; • Relação com bola.	• Remate; • Chegada a zonas de finalização.
Rui Magalhães	Interior	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Capacidade em condução; • Agressivo; • Capacidades condicionais; • Remate.	• Dimensão psicológica; • Jogo posicional; • Tomada de decisão.
Henrique Martins	Interior	Sub-17	Portuguesa	Esquerdo	• Compreensão de jogo; • Tomada de decisão.	• Jogo aéreo; • Jogo posicional defensivo; • Relação com bola; • Velocidade de execução.
Pedro Fernandes	Interior	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Passe; • Remate; • Capacidade em espaços reduzidos.	• Jogo posicional; • Jogo aéreo; • Agressividade; • Tomada de decisão.
João Pereira	Ala	Sub-17	Portuguesa	Esquerdo	• 1x1 ofensivo; • Remate; • Criatividade; • Capacidades condicionais.	• Jogo posicional defensivo; • Jogo aéreo; • Reação à perda.
João Sampaio	Ala	Sub-17	Portuguesa	Direito	• 1x1 ofensivo;	• Capacidades condicionais;

					• Velocidade de deslocamento com bola; • Criatividade.	• Processo defensivo; • Jogo aéreo; • Capacidade de trabalho.
Dunga Dabo	Ala	Sub-17	Guineense	Esquerdo	• 1x1 ofensivo; • Criatividade.	• Processo defensivo; • Tomada de decisão; • Comunicação.
João Pedro	Ala	Sub-17	Brasileira	Direito	• Relação com bola; • Associatividade com colegas; • Boa definição.	• Capacidades condicionais; • Processo defensivo; • Agressividade.
João Resende	Avançado	Sub-16	Portuguesa	Direito	• 1x1 ofensivo; • Gesto de finalização; • Criatividade; • Multilateralidade.	• Processo defensivo; • Jogo aéreo; • Tomada de decisão com bola.
Ruben Marques	Avançado	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Gesto de finalização; • Agressividade; • Velocidade de deslocamento sem bola; • Ataque à profundidade; • Ataque às zonas de finalização.	• Dimensão psicológica; • Jogo em apoio; • Relação com bola.
Igor Carreira	Avançado	Sub-17	Portuguesa	Direito	• Jogo em apoio; • Processo defensivo.	• Finalização; • Dimensão psicológica; • Velocidade de deslocamento sem bola.

Tabela 2 – Constituição do Plantel e Caracterização Individual

3.2.3 Avaliação Individual no Processo Ensino-Aprendizagem

A importância da avaliação no processo ensino-aprendizagem é perceptível pela ideia que Casanova (2015) nos transmite, afirmando que o processo avaliativo possui uma natureza formativa e formadora, mesmo quando o responsável por esse processo utiliza dados para classificar o desempenho dos formandos.

No que se refere à avaliação individual dentro do processo de treino no futebol, Rodrigues e Louro (2016) defendem que o sucesso dos atletas está relacionado com o movimento. Partindo dessa premissa a observação e análise sistematizada, em treino e jogo, constitui um processo essencial na avaliação e na potenciação da performance (Rodrigues & Louro, 2016).

A evolução dos atletas é o objetivo primordial do processo de treino ao longo da época. Para mensurar esta evolução individual e nortearmos o nosso trabalho, baseámo-nos em variáveis quantitativas e qualitativas integradas nas quatro dimensões do jogo. Segundo Carvalhal, Oliveira e Lage (2015) o futebol é constituído pelas dimensões tática, técnica, física e psicológica, e apesar de serem identificáveis de forma separada estas dimensões interagem entre elas.

Relativamente às variáveis quantitativas utilizadas, estas observam-se predominantemente na dimensão física do jogo. Variáveis como o peso, a altura, a percentagem de massa gorda e a medição de perímetros, circunferências e pregas. Este tipo de medições são da responsabilidade do Departamento de Alto Rendimento (DAR) que posteriormente à recolha e tratamento de dados, envia a informação à equipa técnica com relatórios individuais e observações. Tendo em conta a especialização deste tipo de tarefa, é sempre necessário que o preparador físico da equipa reúna com a equipa técnica de forma a explicar os resultados e propor soluções práticas em treino e jogo para melhorar a *performance* individual.

Tendo em conta a natureza deste tipo de trabalho, não estive muito envolvido neste tipo de funções, sendo que apenas recebia informação de determinadas dificuldades condicionais ou coordenativas e como melhorá-las. Recebia ainda informação acerca dos pontos fortes de determinados atletas relativamente a tempo de reação, simples e complexo, entre outras. Estas variáveis não são disponibilizadas pela estrutura do VSC e como tal inviabilizam a sua exposição neste relatório.

Uma vez que o VSC não permite a partilha das variáveis quantitativas supracitadas, perde-se a possibilidade de debater, refletir e aprender sobre o assunto em causa. No entanto, esta política é perfeitamente perceptível uma vez que se trata de dados de menores,

dados físicos importantes e práticas do clube. Desta forma o clube consegue ganhar alguma vantagem formativa e competitiva.

Neste caso, a avaliação individual baseou-se em larga escala na interpretação de variáveis qualitativas. A partir das dimensões tática e técnica foi possível criar uma base de avaliação dos comportamentos dos jogadores fortemente inspirada numa base sistemática do jogo em momentos, fases do jogo, fatores e princípios.

Segundo Silva (2008), o desenvolvimento do jogo decorre numa lógica de momentos nos quais os comportamentos dos jogadores evoluem. Esses momentos são a organização ofensiva, a organização defensiva, e as transições ofensiva e defensiva. Estes momentos sucedem-se de forma contínua e não sequencial, ou seja, não se dissociam. Queiroz (1986) sistematiza a complexidade do jogo organizando-o através de fases, formas, princípios e fatores. As fases retratam as etapas no desenvolvimento ofensivo e defensivo desde o seu início até ao seu desfecho. As formas estruturam a organização da atividade no jogo e nas suas fases. Os princípios são os ideais que coordenam e dirigem os jogadores, possuindo uma natureza individual e coletiva durante as fases. Por último, os fatores são os meios que os jogadores executam na intervenção das fases ofensivas ou defensivas, aplicando os princípios de jogo em simultâneo (Queiroz, 1986).

Ao contrário das variáveis quantitativas, as variáveis qualitativas são muito difíceis de mensurar (Teoldo, Guilherme, & Garganta, 2017). Assim sendo, a subjetividade e interpretação das avaliações levadas a cabo são uma constante.

A avaliação individual destas dimensões tem início no 1º treino do período pré-competitivo e contrariamente ao que muitas pessoas procuram, esta equipa técnica não define na sua prática três momentos fechados de avaliação (inicial, intermédia e final). Define uma avaliação contínua, no processo ensino-aprendizagem sublinhando a necessidade de avaliar todos os atletas diariamente. Durante a temporada existirão, no mínimo, três blocos avaliativos. A avaliação inicial começa no 1º dia de treinos e culmina com a fase embrionária da competição. Já a avaliação intermédia corresponderá sempre ao período mais longo que apenas terminará aquando da avaliação final. Esta última, considera-se um momento único no processo e corresponde ao encerramento da temporada com decisões finais. É importante respeitar os diferentes estados de prontidão, a heterogeneidade, a idade biológica e relativa para que no final tenhamos jovens aptos tanto no futebol como na vida.

Os métodos utilizados neste tipo de avaliação são a análise de treino e jogo em vídeo, a elaboração de relatórios individuais dos atletas em competição e um relatório final de apreciação.

Por fim, a dimensão psicológica também pode ser utilizada como meio para analisar e avaliar individualmente os jogadores. Esta dimensão é objeto de estudo por parte de psicólogos pelo que cada equipa técnica possui um psicólogo que auxilia na gestão individual e coletiva dos recursos humanos ao seu dispor. A informação é recolhida pelo psicólogo através de reuniões individuais com os atletas que têm carácter facultativo e podem ser propostas pelo psicólogo ou pelos jogadores. O treinador principal deve ter sempre presente a realização das reuniões ainda que o conteúdo das mesmas não seja conhecido. Desta forma, o psicólogo partilha apenas a informação essencial e que o jogador permite com a equipa técnica, facultando também estratégias e abordagens para a resolução de problemas.

O papel do psicólogo parece-me ser de extrema importância uma vez que falamos de jovens que estão em processo de evolução maturacional enquanto jogadores e principalmente enquanto seres humanos. Como refere Kerr (2016, pp. 53-54) o foco é o “desenvolvimento pessoal, tanto enquanto seres humanos como enquanto atletas profissionais, para poderem ter o carácter, a compostura e as capacidades de empatia necessárias para lidarem dentro e fora do campo”. Isto é “Pessoas melhores fazem *All Blacks* melhores” (Kerr, 2016, pp. 53-54).

Na prática este processo avaliativo resulta na valorização de jogadores resultando em possíveis transferências para contextos superiores, subidas de escalão dentro do clube ou na desvalorização dos mesmos.

3.2.4 Avaliação Coletiva no Processo Ensino-Aprendizagem

Segundo Prudente (2018), o processo de ensino-aprendizagem dos jogos desportivos coletivos incluem a avaliação como parte essencial do processo, sendo esta avaliação imprescindível para uma eficiente e eficaz intervenção de quem gere o processo.

Vázquez (2012) refere que a importância de obter informação exata do jogo, aumentando a qualidade de intervenção dos treinadores, incitou ao aparecimento de departamentos especializados na área da análise. Estes departamentos têm a capacidade de ajudar na avaliação dos comportamentos das equipas e dos jogadores durante os jogos.

A avaliação coletiva, à semelhança da individual, é realizada de forma contínua. O treino e o jogo são também as amostras que dispomos para analisar o processo coletivo. Os blocos de avaliação são exatamente os mesmos da avaliação individual. As quatro dimensões do jogo são também as variáveis utilizadas como ferramentas de análise.

O conteúdo que regista este tipo de avaliação vem na forma de relatórios coletivos em competição, de reflexões escritas do treino e ainda de vídeos do jogo e do treino. Estes vídeos representam as ações coletivas tanto elementares como complexas, positivas e negativas, dentro de uma sistematização de jogo própria.

Na minha opinião é impossível dissociar a avaliação coletiva da individual, e vice-versa. As duas relacionam-se e influenciam-se à semelhança das dimensões tática e técnica. A componente individual só fará sentido se analisada de forma holística e não cartesiana, respeitando a fluidez do jogo. O coletivo, à semelhança do individual, não deverá ser julgado sem ter em conta os comportamentos individuais.

3.3. Objetivos Específicos para a equipa

Ao definir objetivos e necessidades, individuais e coletivos da equipa, determinam-se os destinos que se gostariam de alcançar (Sharkey & Gaskill, 2006). Tal como afirmam Sharkey e Gaskill, (2006, pp. 88) “Antes de chegar a algum lado, primeiro é necessário sabermos onde estamos e para onde queremos seguir”.

3.3.1 Objetivos de formação

Como já foi referido anteriormente neste relatório, o grande objetivo do trabalho enquanto treinadores no futebol de formação, é o de formar. Todavia, associado à história e estatuto do clube, o Vitória deve ter sempre objetivos coletivos ambiciosos, como ganhar de forma regular, devendo estar presentes no processo de formação dos seus atletas.

Lage (2017) defende que o futebol de formação também é para ganhar, adiantando que as equipas devem ter como objetivo entrar em campo e vencer o jogo. Contudo este não é necessariamente o objetivo primordial, o verdadeiro objetivo para cada jogo deve ser jogar bem, com *fair-play*, respeitar as regras e ter a ambição de vencer. Concluindo o seu raciocínio referindo que a equipa que jogue bem está mais próxima de ganhar de forma mais regular (Lage, 2017).

O foco do trabalho da equipa técnica prende-se em capacitar os atletas com competências, dentro e fora de campo, que lhes permitam chegar a contextos competitivos superiores e se possível profissionais. A componente social e educativa é extremamente

valorizada complementando a vertente desportiva. Incute-se desde cedo nos jogadores do Vitória o sentido de responsabilidade e respeito por todos os envolvidos na instituição e no desporto em geral.

Mais ainda, a equipa técnica pretende desenvolver de forma integral e multilateral o potencial do jovem, numa dimensão individual e coletiva. Ao longo do processo formativo destes jovens jogadores, visa-se de uma forma progressiva a melhoria das capacidades cognitivas e de leitura do jogo, estimulando a boa tomada de decisão e definição face aos diferentes cenários do jogo.

Formar a ganhar é uma das premissas do processo de formação no Clube. Todos os envolvidos neste processo desde os jogadores, passando pelos treinadores, e até ao Presidente, são responsabilizados e avaliados não só pelos atletas formados como pelos resultados alcançados na formação. Assim, se forem formados bons jogadores estaremos sempre mais próximos do sucesso coletivo em termos classificativos.

3.3.2 Objetivos de preparação

Associada à dimensão física pretende-se que os atletas desenvolvam a coordenação motora geral e específica, que melhorem aspetos de força dinâmica em situações de impulsão e de contacto físico e que potenciem a amplitude de movimentos. Para além disto, pretende-se que aumentem a velocidade de deslocamento e tempo de reação, o equilíbrio e que melhorem os índices de resistência aeróbia. Estes aspetos são operacionalizados pela equipa técnica com especial incidência para a responsabilidade do elemento do DAR na monitorização deste processo, tendo em conta a sua especialização na área.

Quanto à dimensão psicológica é fundamental manter índices de motivação para treino e jogo, planeando e criando exercícios que incitem a competitividade e o prazer pelo treino, exponenciando a evolução individual e coletiva. Desenvolver a autoconfiança, promover a superação na adversidade, criar uma mentalidade vencedora e promover o autocontrolo são também fatores essenciais para a preparação destes jovens.

Nas dimensões tática e técnica pretende-se criar cenários semelhantes ao jogo em que a relação com bola e a tomada de decisão sejam privilegiadas. Exige-se que nestas dimensões os jovens dominem os momentos do jogo, seja no processo defensivo ou ofensivo, tendo sempre em conta o escalão, idade e qualidade de cada atleta.

Foram definidos para os jogadores objetivos nos momentos ofensivo e defensivo. Em primeiro lugar, apresentam-se os objetivos dos momentos ofensivos:

- Dominar os princípios gerais do jogo;
- Dominar os princípios específicos no centro e fora do centro de jogo;
- Compreender e executar sub e subsubprincípios;
- Estimular a criatividade, em passe, condução, drible, cruzamento e remate;
- Capacitar para a tomada de decisão e definição;
- Desenvolver uma cultura de circulação e posse;
- Aplicar uma comunicação verbal e corporal adequada;
- Antecipar cenários;
- Promover o ajuste sem bola;
- Promover um jogo posicional forte;
- Compreender dos espaços que o jogo/adversário oferecem;

Relativamente aos objetivos dos momentos defensivos, foram definidos os seguintes:

- Dominar princípios gerais do jogo;
- Dominar os princípios específicos no centro e fora do centro de jogo;
- Dominar e executar sub e subsubprincípios;
- Promover a utilização do *pressing*;
- Promover a ideia de campo pequeno quando em momento defensivo;
- Definir zonas e indicadores de pressão;
- Aplicar uma comunicação verbal e corporal adequada;
- Antecipar cenários;
- Desenvolver comportamentos sectoriais específicos

3.3.3 Objetivos de *performance*

O Campeonato Nacional de Juniores B é uma competição organizada pela Federação Portuguesa de Futebol que se divide em três fases. O grande objetivo classificativo da equipa é o apuramento para a fase final ou fase de apuramento de campeão. A fase final é o momento competitivo em que se encontram teoricamente as seis melhores equipas a nível nacional. O principal objetivo, que se prende com a evolução dos atletas, será presumivelmente facilitado se atingida esta fase da competição pois trará vivências de dificuldade superior. Os atletas jogarão contra equipas e jogadores diferenciados, onde muitos deles serão futuros profissionais de grandes equipas.

A definição desta meta coletiva é elaborada de forma conjunta entre equipa técnica e direção antes do início do período competitivo. Poderá e deverá ser alvo de reformulações ao longo da época desportiva.

3.3.4 Objetivos por posição

Os objetivos por posição são definidos de forma genérica pela coordenação técnica e coordenação do futebol de formação do clube, procurando ser específicos para cada escalão.

No caso do escalão sub-17 os objetivos foram definidos para a posição de guarda-redes, defesas, médios e avançados.

No caso específico do guarda-redes, os objetivos são definidos pela coordenação do treino de guarda-redes. Estes passam por controlar a profundidade, potenciar a competência no posicionamento em situação de cruzamento, otimizar o posicionamento em ação de proteção de baliza, aumentar a flexibilidade e o tempo de reação, estimular o passe interior e exterior a curtas, médias e longa distâncias, aperfeiçoar gestos de agarrar e socar, aumentar a concentração, a coragem e a capacidade de antecipação, assim como aumentar as capacidades coordenativas e condicionais. Por último pretende-se que desenvolvam uma comunicação verbal e corporal adequada.

Quanto aos defesas os objetivos definidos foram capacitar a tomada de decisão, melhorar o controlo do espaço defensivo, potenciar comportamentos da linha defensiva, melhorar a impulsão, a agilidade, a condução de bola, o jogo aéreo, o desarme e interceção, a antecipação e a determinação. Mais ainda, pretende-se desenvolver capacidades coordenativas e condicionais assim como uma comunicação verbal e corporal adequada.

Já para os médios os objetivos traçados foram capacitar a tomada de decisão, dominar os princípios de pressão e equilíbrios, incrementar a resistência, o tempo de reação, a criatividade, a resiliência, a qualidade no drible, a precisão no passe, otimizar a condução de bola, a receção orientada, a orientação dos apoios, o rodar sobre a pressão, os ajustes, o esconder a bola do adversário e a definição. Para além disto, perspetiva-se incentivar a chegada a zonas de finalização e ao remate exterior, capacitar para a antecipação de cenários, para a utilização de comunicação verbal e corporal adequada e para o desenvolvimento de capacidades coordenativas e condicionais.

Por último os objetivos relativos aos avançados passaram por habilitá-los para a interpretação espacial e temporal, para o apoio e rutura, para o ataque às zonas de finalização; dominar os princípios de pressão, condicionar e trancar, desenvolver a

confiança, a capacidade de resiliência, a criatividade, a orientação dos apoios, a receção orientada, o remate, a proteção de bola, o gesto de finalização, a antecipação de cenário e a capacidade de tomada de decisão. Os objetivos passaram também por melhorar a definição, os ajustes, o drible, o tempo de reação, a comunicação verbal e corporal bem como as capacidades coordenativas e condicionais.

3.3.5 Objetivos Individualizados

Em seguida (tabela 3) serão apresentados objetivos específicos e individuais definidos pela equipa técnica e coordenação, no início do período competitivo após avaliação inicial.

Nome do Atleta	Objetivos Individualizados
Antal Bencze	• Potenciar o seu jogo de pés; • Potenciar o controlo de profundidade; • Potenciar o controlo espaço/baliza; • Potenciar as ações de proteção de baliza; • Melhorar a comunicação.
Sérgio Alves	• Melhorar o controlo de profundidade; • Melhorar a tomada de decisão com bola; • Potenciar as ações de proteção de baliza.
Luís Costa	• Melhorar o controlo do espaço/baliza; • Melhorar o controlo de profundidade.
Carlos Marques	• Melhorar o jogo de pés; • Melhorar o controlo de espaço/baliza; • Potenciar as ações de proteção de baliza.
Gonçalo Negrão	• Melhorar a tomada de decisão com bola; • Melhorar o domínio dos comportamentos de linha defensiva; • Potenciar a sua capacidade no processo ofensivo.
Francisco Ribeiro	• Potenciar as suas competências no processo defensivo; • Melhorar o jogo de posição ofensivo; • Melhorar tomada de decisão com bola.
Hélder Sá	• Melhorar o domínio dos comportamentos de linha defensiva; • Potenciar a chegada ao último terço; • Melhorar as suas competências psicológicas.
Mário Rui	• Potenciar a polivalência; • Potenciar a sua construção em organização ofensiva; • Melhorar o domínio dos comportamentos de linha defensiva.
Alexandre Caldeira	• Melhorar a sua construção em organização ofensiva; • Melhorar o controlo de profundidade; • Potenciar a sua dimensão física.
André Gomes	• Melhorar a dimensão psicológica;

	• Melhorar o domínio dos comportamentos de linha defensiva; • Potenciar a sua construção em organização defensiva.
Lourenço Pinto	• Melhorar a dimensão psicológica; • Potenciar a sua construção em organização defensiva.
David Branco	• Melhorar a relação com bola; • Melhorar a tomada de decisão com bola; • Potenciar o seu domínio dos comportamentos de linha; • Melhorar a agressividade.
Renato Silva	• Melhorar a agressividade sem bola; • Potenciar o seu jogo de posição ofensivo; • Potenciar a sua criatividade em espaços reduzidos.
André Amaro	• Potenciar a sua dimensão física; • Melhorar o seu jogo de posição; • Melhorar nas ações de condução e passe.
Sérgio Meireles	• Potenciar a sua capacidade de se orientar para o jogo; • Potenciar a sua chegada ao último terço; • Melhorar o seu remate exterior e definição no último terço.
Guilherme Guedes	• Potenciar as suas capacidades condicionais; • Potenciar a sua capacidade de condução; • Melhorar as capacidades coordenativas; • Melhorar a tomada de decisão.
Vasco Sousa	• Potenciar a sua capacidade em espaços reduzidos; • Potenciar a sua criatividade; • Melhorar a sua definição no último terço; • Melhorar na chegada a zonas de finalização e remate.
Rui Magalhães	• Melhorar a dimensão psicológica; • Melhorar o seu jogo de posição; • Melhorar a tomada de decisão; • Potenciar a sua condução; • Potenciar a sua dimensão física.
Henrique Martins	• Potenciar a tomada de decisão; • Melhorar a relação com bola.
Pedro Fernandes	• Aumentar a intensidade das suas ações em jogo; • Melhorar o seu jogo de posição; • Melhorar a sua capacidade associativa.
João Pereira	• Potenciar o seu 1x1 ofensivo; • Melhorar a sua reação à perda; • Melhorar a sua definição.
João Sampaio	• Potenciar a sua velocidade de deslocamento com bola; • Melhorar a sua capacidade nos duelos; • Melhorar a sua definição.
Dunga Dabo	• Potenciar a sua criatividade;

	• Melhorar a sua compreensão de jogo; • Melhorar a comunicação.
João Pedro	• Potenciar a sua capacidade associativa; • Melhorar na dimensão física do jogo; • Melhorar o jogo de posição.
João Resende	• Potenciar a sua criatividade; • Estimular a resolução de problemas complexos; • Melhorar o seu domínio dos princípios defensivos; • Melhorar a tomada de decisão com bola.
Ruben Marques	• Melhorar o seu jogo em apoio; • Melhorar a sua definição; • Potenciar o ataque à profundidade e zonas de finalização.
Igor Carreira	• Melhorar a sua dimensão psicológica; • Melhorar na finalização; • Potenciar os seus movimentos em apoio.

Tabela 3 – Objetivos Individualizados no Plantel

É de referir a necessidade em reformular objetivos, visto que não existem ou não deveriam existir processos estanques. Essa reformulação é tratada com recurso à avaliação individual anteriormente exemplificada neste relatório.

3.3.6 Reflexão sobre objetivos definidos e conclusões

A definição dos objetivos parece ajustada perante as avaliações iniciais realizadas. A concretização dos objetivos foi cumprida, não sendo ainda assim fácil mensurar algumas metas definidas. Contudo o objetivo coletivo de chegada à fase final do campeonato foi atingido, conseguindo alcançar o 5º lugar a nível nacional.

Foi um trajeto difícil que se tornou muito sinuoso na passagem da 1ª volta para a 2ª volta da 2ª fase do campeonato nacional. Os resultados menos positivos começaram a aparecer, a *performance* coletiva piorou e alguns atritos estruturais e internos relativos à equipa vieram ao de cima. Para ultrapassar estes problemas e alcançarmos os objetivos a que nos propusemos a equipa técnica teve de “fechar” o balneário ao ruído externo, castigar comportamentos de atletas menos corretos e procurar honestidade e frontalidade em todas as situações. Só desta forma foi possível mantermos o grupo crente no nosso trabalho e focado nos objetivos delineados.

O sucesso dos objetivos individuais traçados pode ser medido pela forma como os atletas evoluíram e foram valorizados sendo que a maior parte seguiu para a equipa de sub-19 do clube, com alguns a assinarem como profissionais. Dois jogadores assinaram

contratos profissionais com o Sport Lisboa e Benfica (SLB) e um jogador assinou contrato profissional com o Futebol Clube do Porto (FCP).

Este processo evolutivo individual é de extraordinária complexidade, o acompanhamento destes jovens foi feito com base numa relação próxima e de confiança recíproca. O recurso a ferramentas vídeo para analisar e auxiliar os jogadores a evoluir em contextos de escala individual, grupal, sectorial, intersectorial ou coletiva foi uma constante. Este, no entanto, não foi um processo estanque, é necessária sensibilidade para perceber quando e como mostrar os comportamentos que queremos ver potenciados e melhorados.

A equipa técnica encontrou em alguns momentos atletas que procuravam resistir ao *feedback* fornecido. Nestes casos, mesmo com recurso a vídeo, os atletas que não se mostraram disponíveis para aprender e debater foram em primeira instância encarados com alguma paciência. Contudo, a partir do momento em que claramente possuíamos um foco de destabilização, procurámos aculturar os restantes atletas a hábitos benéficos para o grupo, desta forma a influência social do grupo faria com que os focos de destabilização sentissem a necessidade de melhorar. Os jogadores com maior peso na equipa foram claramente elementos essenciais neste processo de aproximação ao processo.

3.4. Caracterização do Quadro Competitivo

A nossa equipa sub-17 competiu no Campeonato Nacional de Juniores B, prova que é organizada pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF). De forma sintética, o campeonato nacional deste escalão é constituído por 48 equipas e fragmenta-se em três fases competitivas que ajudam a periodizar e definir/redefinir objetivos.

A 1ª fase divide-se em quatro séries, de A a D, e cada série é composta por 12 equipas. A série A é constituída por equipas da zona Norte, a série B por equipas do Norte e Centro, e as séries C e D por equipas do Centro e do Sul. Esta fase é constituída por 11 jornadas, sendo que as quatro primeiras equipas passam para a 2ª fase - Apuramento de Campeão e as restantes oito disputarão a 2ª fase - Manutenção/Descida.

Assim, a 2ª fase apresenta quatro séries de Manutenção/Descida, de A a D, com oito equipas cada, e na qual o contexto competitivo não muda de forma significativa. Já a 2ª fase - Apuramento de Campeão possui duas séries, Norte e Sul com também oito equipas cada. Esta fase da competição é disputada a duas voltas com um total de 14 jornadas. Da fase de Manutenção/Descida descem de divisão as quatro últimas equipas de cada série e os dois piores 4º classificados. Na fase de Apuramento de Campeão passam de forma direta à 3ª fase os dois primeiros classificados de cada série e o melhor 3º classificado. O pior 3º

classificado e o melhor 4º classificados vão a um *play-off* com os campeões regionais das ilhas da Madeira e dos Açores. Deste *play-off* apura-se o campeão para a 3ª fase.

Por último, a 3ª fase - Campeonato Nacional Juniores B disputa-se entre seis equipas. Esta fase é constituída por duas voltas, com um total de 10 jornadas, com a finalidade de encontrar o campeão nacional do escalão sub-17.

O Campeonato Nacional de Juniores B trata-se de um campeonato exigente e demasiado longo ou curto, dependendo da chegada da equipa à 3ª fase ou não. O contexto competitivo da 1ª fase é de reduzida complexidade para um clube como o VSC apesar da série A, onde a equipa compete, ser a série mais competitiva da 1ª fase a nível nacional. Já o contexto competitivo da 2ª fase -Apuramento de Campeão caracteriza-se por ser mais complexo do que o anterior, permitindo o crescimento todos os intervenientes. Importa referir que a série Norte, que a equipa integra, é a mais competitiva da 2ª fase. Na 3ª fase podemos considerar que esta constitui um espaço de excelência contextualizando com o escalão.

3.4.1. Calendarização da Época Desportiva

A época desportiva dos sub-17 do VSC 2018/2019 teve início no dia 16 de Julho de 2018 e terminou a 27 de Junho de 2019.

A época desportiva dividiu-se em três grandes períodos tais como o período pré-competitivo (PPC), período competitivo (PC) e período transitório (PT). No PPC procura-se moldar os comportamentos dos atletas do ponto de vista tático e técnico ao mesmo tempo que se procura o incremento da sua forma física. Este período iniciou-se a 16 de Julho e terminou a 12 de Agosto de 2018. Já no PC procura-se a evolução dos atletas bem como preparação para a competição. Este período subdividiu-se em três janelas temporais. O 1º PC decorreu entre 13 de Agosto e 18 de Novembro de 2018. O 2º PC decorreu entre 3 de Dezembro de 2018 e 19 de Abril de 2019. Por último o 3º PC decorreu de 19 de Maio a 27 de Junho de 2019. O período competitivo ocupou assim o maior bloco da época desportiva.

Finalmente o PT procura uma diminuição controlada da forma dos atletas entre períodos. O 1º PT decorreu de 19 de Novembro a 2 de Dezembro de 2018 e o 2º PT decorreu de 20 de Abril a 18 de Maio de 2019. A inexistência de um PT após o PC encerrar por completo impede os atletas de atingir níveis de menor ativação, de forma controlada. Mais ainda, o facto de transitarem para o escalão sub-19, impossibilita que os jogadores usufruam do período expetável de férias, que dificulta a recuperação da fadiga física e cognitiva a que estiveram sujeitos, ou que a integração dos mesmos seja realizada mais tarde e que fique prejudicada.

A tabela 4 ilustra a calendarização da época desportiva 2018/2019 do VSC.

Período Pré-Competitivo	Período Competitivo	Período Transitório
16/07	13/08-18/11	19/11-02/12
-	03/12-19/04	20/04-18/05
-	19/05-27/06	-

Tabela 4 - Calendarização dos diferentes Períodos na Época 2018/2019

Durante esta época desportiva decorreu também o Campeonato da Europa de sub-17 de 3 a 19 de Maio de 2019.

Este calendário é comum às equipas que chegam à fase final do campeonato, contudo das 42 equipas apenas seis atingem a fase final. As restantes 36 equipas terminam o seu PC no dia 10 de Março de 2019 ou na semana seguinte em *play-off*, tendo um PT muito alargado onde normalmente se procuram torneios e taças para que os jovens possam competir e potenciar de alguma forma o processo de ensino-aprendizagem.

O contexto competitivo do campeonato dos sub-17, para as restantes seis equipas, é demasiado extenso uma vez que uma equipa que alcance a 3ª fase irá competir até finais de Junho. Isto sucede devido às várias paragens que o campeonato sofre. Nomeadamente a paragem para a realização do Campeonato da Europa de sub-17, as férias e pausas festivas.

Desta forma, parece urgente pensar a reforma do Campeonato Nacional de Juniores B sobretudo em anos de Campeonato da Europa de sub-17.

A periodização da época desportiva 2018/2019 foi realizada incluindo o objetivo de chegada à 3ª fase. Os diferentes cenários competitivos que podem surgir de uma melhor ou pior classificação influenciam de forma significativa a periodização neste tipo de competição, como tal é essencial conhecer o contexto competitivo em que a equipa se insere para delinear os objetivos classificativos e com eles periodizar a temporada. Neste sentido é importante ter a capacidade de ajustar, adaptar, redefinir objetivos e alterar princípios dentro da periodização.

Capítulo IV - Modelo de Jogo, Treino e Observação

Em seguida será apresentado o modelo de jogo da equipa construído a partir das ideias da equipa técnica contextualizadas com o clube em questão, com a cidade e a sua cultura, com os valores e objetivos pretendidos, com o escalão e com os jogadores que formam o plantel.

O modelo de treino será enquadrado na filosofia do clube tal como nos valores e crenças da equipa técnica, estando intimamente relacionado com o modelo de jogo porque é orientado pelo mesmo.

Finalmente, teremos o modelo de observação que suportou os modelos anteriores e auxiliou a equipa técnica a aproximar-se dos objetivos formativos e competitivos traçados.

4.1 Modelo de Jogo

A planificação conceptual é definida pelo estabelecimento de um conjunto de linhas gerais e específicas que procuram direcionar e orientar a trajetória da organização da equipa no futuro próximo (Castelo, Fubetol. Organização Dinâmica do jogo, 2009).

Leite, Dinis, Escudeiro, Coutinho & Escudeiro (2016) definem o modelo de jogo como o conjunto de comportamentos que a equipa técnica procura que a equipa adote nos momentos do jogo, criando uma identidade comum reconhecida por todos os jogadores da equipa.

O modelo de jogo para Tamarit (2016) é uma representação estrutural e funcional da equipa, permitindo que a mesma revele comportamentos que a identificam. Deverá conter os momentos de jogo como a organização ofensiva, a organização defensiva, a transição ofensiva e a transição defensiva. Para melhor lidar com as particularidades destes momentos utilizam-se princípios, subprincípios e sub-subprincípios que irão guiar todo o processo desde o início ao fim dos trabalhos (Tamarit, 2016).

Na opinião de Carvalhal (2014) o modelo de jogo não é conjuntural, é sobretudo estrutural e para defini-lo é de extrema importância analisar primeiro o contexto onde o treinador se insere. Torna-se essencial perceber as características dos jogadores do plantel e se vão ao encontro das ideias do treinador, e ainda entender a filosofia, a história e a cultura do clube. Para o autor não existe um modelo de jogo adotado, preferindo este expressar a ideia de um modelo de jogo idealizado justificando que é aquilo que a equipa aspira jogar (Carvalhal, Entre Linhas, 2014). Isto, pois nunca se chega a atingir esses ideais. Carvalhal (2014) defende ainda que o modelo de jogo é evolutivo, estando em constante construção e reconstrução ao longo do processo.

Júlio Garganta¹ refere que o modelo de jogo se assemelha a um mapa de referência que vai sendo alterado pela intervenção dos jogadores e da equipa, adiantando que o processo será tanto mais rico quanto mais os jogadores e a equipa aportarem ao modelo, transformando-o de forma ascendente para que se consiga chegar mais longe (Barbosa, 2014). Garganta explica ainda a distinção entre modelo de jogo e conceção de jogo, sendo o primeiro definido como o modelo de jogo ideal e o segundo como o modelo de jogo adaptado a todo o contexto que o envolve (Barbosa, 2014).

O modelo de jogo idealizado para o futebol de formação pelo VSC será descrito neste capítulo ainda que de forma genérica, pois não parece pertinente descrevê-lo ou ilustrá-lo de forma exaustiva.

Numa fase inicial do nosso processo a assimilação das macro ideias foi algo natural até porque grande parte dos atletas já tinham alguns anos no clube fazendo com que a adaptação fosse facilitada.

Contudo, com o decorrer da época a equipa técnica procurou acrescentar ideias diferentes e de maior complexidade com o intuito de melhor preparar os jogadores para as dificuldades dos contextos competitivos futuros. Exemplo disso é a alteração estrutural para o sistema tático 4x4x2 losango, a introdução de forma mais frequente e densa no morfociclo do plano estratégico ou até os comportamentos de complexidade crescente de linha defensiva, de controlo de corredores e comportamentos ligados à 1ª fase de pressão.

Na realidade nem todos os comportamentos idealizados foram aceites pelos atletas com facilidade, modelados corretamente ou conceptualmente bem definidos tendo a equipa técnica de abandonar por algumas vezes as suas pretensões conceptuais.

Um exemplo cabal foi a difícil aceitação do grupo à alteração estrutural para o 4x4x2 losango. A maior parte dos atletas não estava identificado com o sistema tático em questão e como tal ofereceram muita resistência à ideia. Esta estrutura é muito difícil de implementar por não oferecer uma ocupação racional do espaço imediata que garanta comportamentos coletivos capazes em processo defensivo e ofensivo. Apesar da equipa ter obtido bons resultados com o mesmo, a *performance* individual e coletiva não satisfez jogadores e equipa técnica, como tal, optámos por regressar ao sistema mais frequente com o intuito de potenciar as individualidades dos nossos jogadores e consequentemente estando mais próximos de valorizar também o coletivo.

Já a implementação, na nossa metodologia de treino, de conteúdos referentes ao adversário foi um sucesso operacional. Estes jovens nunca tinham tido contacto com este

¹ Garganta, J. in Barbosa, A. (2014). *Os jogos por trás do Jogo*. Portugal: Prime Books.

tipo de operacionalização e se numa fase embrionária foi difícil para eles entenderem o porquê de o fazermos, com a entrada na 2ª fase do campeonato nacional a sua aceitação e disponibilidade para este tipo de trabalho aumentou bastante.

Para que tal acontecesse contribuíram dois fatores essenciais, o calendário mais exigente no decorrer da competição e a análise vídeo mostrada aos jogadores. Esta última, foi uma ferramenta utilizada para que os atletas entendessem que os comportamentos trabalhados em treino tinham repercussões frequentemente positivas em jogo.

A concretização do modelo de jogo parece algo muito difícil de mensurar, ou alcançar, até porque como já foi referido anteriormente é um processo inacabado e sobretudo idealizado. Idealizado por não ser estanque e estar em constante mutação e reformulação. Ainda assim, sou da opinião que os princípios que regeram o nosso plano conceptual foram adquiridos pelo grupo de trabalho, com interpretações distintas e maior ou menor dificuldade de assimilação.

O sistema tático principal (figura 2) utilizado pela equipa de sub-17 do VSC é o 4x3x3. Castelo (2009) refere a importância deste tipo de organização que considera ser o dispositivo tático que determina o posicionamento dos jogadores em campo, ajudando-os a compreender as suas funções e responsabilidades numa dimensão individual e coletiva.

Este sistema é constituído por guarda-redes, dois defesas centrais, dois laterais, um pivot, dois interiores, dois alas e um avançado. A organização estrutural rege-se por subprincípios como a manutenção de cinco linhas verticais e seis linhas horizontais bem como formação de quatro triângulos e quatro losangos.

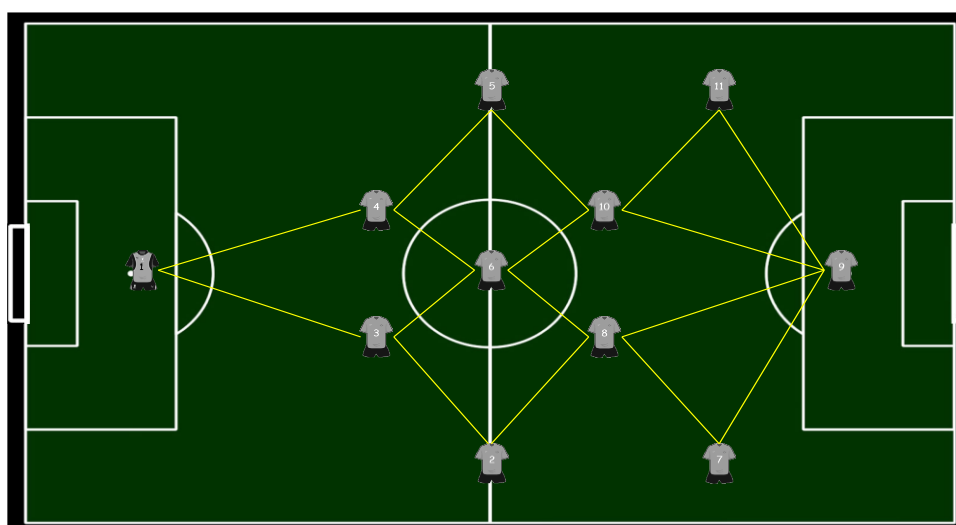


Figura 2 - Sistema Tático Principal

Por outro lado, o sistema tático alternativo (figura 3) utilizado é o 3x4x3 sendo constituído por guarda-redes, três defesas, dois interiores, dois alas e um avançado. Neste caso os subprincípios estruturais passam pela manutenção de sete linhas verticais e cinco linhas horizontais bem como formação de sete triângulos e um losango.

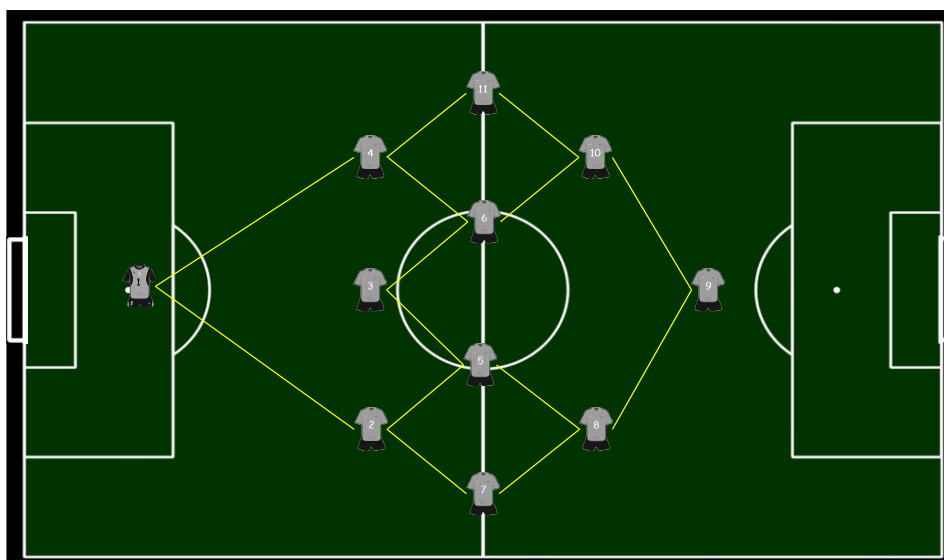


Figura 3 - Sistema Tático Alternativo

Mais importante que o sistema tático são as ideias, a intencionalidade, os princípios, subprincípios e sub-subprincípios que geram uma linguagem comum dando aso a um comportamento coletivo consciente.

Esses comportamentos serão explicados de forma faseada nos seguintes sub-subcapítulos, respeitando os quatro momentos do jogo mais esquemas táticos.

4.1.1 Organização Ofensiva

A organização ofensiva é o momento em que a equipa detentora da posse de bola tenta marcar golo (Leite et al., 2016). Decorre depois da recuperação da posse, quando a equipa procura atacar a baliza do adversário, mas não tem sucesso, entrando em ataque posicional, ou quando a equipa procura entrar de imediato em ataque organizado conservando a posse de bola (Barbosa, 2014).

O momento de organização ofensiva é orientado pelos seguintes princípios definidos pela equipa técnica do VSC:

- Protagonismo no jogo;
- Jogo de Circulação e Posse;
- Amplitude;

- Impedir a inferioridade, evitar a igualdade e procurar a superioridade numéricas;
- Dominar os princípios específicos ofensivos;
- Dominar o Jogo de posição ofensivo como penetração, cobertura ofensiva, mobilidade e espaço;
- Privilegiar a solução apoiada;
- Procurar atrair para variar;
- Paciência até encontrar os espaços vazios, só depois acelerar procurando a concretização do objetivo do jogo;
- Conquista de espaço interior com quebra da estrutura defensiva do adversário;
- Criatividade e procura de superioridades.

A equipa técnica decidiu sistematizar o momento de organização ofensiva em quatro fases. A primeira fase denomina-se 1ª fase de Construção vs. Bloco Médio-Alto/Alto, a segunda 1ª fase de Construção vs. Bloco Médio/Médio-Baixo, a terceira Criação de situações de finalização e por último a quarta fase denomina-se Finalização.

Na tabela seguinte (tabela 5) encontram-se descritos os Subprincípios e sub-subprincípios referentes às fases do momento de organização ofensiva.

Fase	Subprincípios	Sub-subprincípios
1ª Fase	• Construção a partir de zonas baixas; • Procurar bater a 1ª fase de pressão contrária para atacar contra menos e em mais espaço; • Procurar escapatória em caso de impossibilidade de sair da zona de pressão contra um bloco alto; • Variação na construção, sobretudo a 4+1 e 4+2, e possibilidade de montar a três; • Formação de triângulos e losangos na definição do jogo de posição ofensivo e linhas de passe; • Montar o 4x2 no corredor; • Dinâmica do 3º homem; • Jogo de posição dos laterais mais baixo; • Jogo de posição do interior do lado contrário mais alto; • Alas predominantemente por dentro.	• Descentralização do olhar na bola; • Rodar o pescoço “tirando fotografias do espaço”; • Domínio da cadeia comunicação - tomada de decisão -execução; • Ajustar com qualidade; • Orientação dos apoios e capacidade para enquadrar; • Condução dos defesas centrais com espaço; • Capacidade para sair de zonas de pressão, privilegiando o passe.
2ª Fase	• Variação na construção, com formação de linha de quatro e de três; • Formação de triângulos e losangos na definição do jogo de posição ofensivo e linhas de passe; • Montar o 4x2 no corredor;	• Descentralização do olhar na bola; • Rodar o pescoço “tirando fotografias do espaço”; • Domínio da cadeia comunicação - tomada de decisão – execução; • Ajustar com qualidade; • Orientação dos apoios e capacidade para enquadrar; • Condução dos defesas centrais com espaço;

	• Dinâmica do 3º homem; • Maior probabilidade de projeção dos laterais; • Interior do lado contrário mais alto; • Alas predominantemente dentro; • Apoio/Rutura frente à última linha do adversário; • Atrair dentro/fora para ligar fora/dentro; • Procura do passe em diagonal para “quebra” da estrutura defensiva do adversário.	• Capacidade para sair de zonas de pressão, privilegiando o passe; • Dinâmica de passe curto-curto-médio/longo; • Movimento circular do avançado; • Rutura de 2ª linha com o interior do lado contrário ou com o ala do lado contrário • Possibilidade de conquista da zona espaço ou se a última linha do adversário baixar procurar ligar à frente da mesma.
3ª Fase	• Combinação direta com apoio frontal; • Dinâmica do 3º homem, em apoio e em rutura; • Apoio/Rutura frente à última linha do adversário; • Atrair dentro/fora para ligar fora/dentro; • Quebra da estrutura defensiva do adversário; • Sobreposição dos laterais dentro e fora; • Conquistar espaço interior com as dinâmicas subsequentes; • Conquistar espaço exterior com as dinâmicas subsequentes; • Equilíbrio montado.	• Passar e aproximar; • Aproximar para quebrar; • Domínio da cadeia comunicação-tomada de decisão-execução; • Ajustar com qualidade; • Orientação dos apoios e capacidade para enquadrar; • Defesas centrais podem conduzir para estes espaços criando vantagens; • Capacidade para sair de zonas de pressão, privilegiando o passe; • Movimento circular do avançado; • Rutura de 2ª linha com o interior do lado contrário, rutura do ala do lado contrário; • Possibilidade de conquista da zona espaço ou se a última linha do adversário baixou ligar à frente da mesma; • Criatividade em passe e drible, coletiva e individual; • Contrariar apoios da última linha;
4ª Fase	• A fase de finalização foi considerada como sendo unicamente o gesto que leva à	Em 3ª Fase Dentro: • Frente à linha defensiva do adversário e com espaço deverá conduzir para

	finalização em si.	soltar rutura; • Se possível soltar de imediato a rutura sem provocar, fá-lo-á; • Sem possibilidade de rutura e condução, procurar ligar em espaço exterior; • Sem possibilidade de rutura, mas com espaço para conduzir deverá fazê-lo, possibilidade de remate ou de soltar rutura mais tarde; Em 3ª Fase Fora: • Possível condução para dentro com posterior definição; • Procurar falsos indicadores; • Em zonas de cruzamento (cinco zonas) procurar definir com qualidade; • No cruzamento de 2ª linha procurar bola aberta larga para meio/2º poste; • No cruzamento de zona 1 com bola acelerada no corredor, definir rasteiro e entre a linha defensiva e o guarda-redes adversário; • No cruzamento de zona 1 sem bola acelerada no corredor, definir à frente ou atrás da linha defensiva adversária, tensa em 1º poste/meio ou 2º poste solicitando movimento de fora para dentro; • Em zona 2 de cruzamento, definir tenso no meio/2º poste, à frente do 1ºDC adversário ou entrada da grande área;
--	--------------------	--

Tabela 5 – Subprincípios e sub-subprincípios das fases do momento de organização ofensiva.

4.1.2 Transição Defensiva

A transição defensiva caracteriza-se pelos comportamentos a adotar nos segundos subsequentes à perda da posse de bola (Leite et al., 2016).

Estes comportamentos devem sempre que possível antecipar o final da organização ofensiva, aumentando a probabilidade de sucesso da equipa em manter a posse de bola, ou em caso de perda que esta a consiga recuperar ou reorganizar de forma eficaz e eficiente (Barbosa, 2014).

No momento de transição defensiva o objetivo principal da nossa reação à perda é a recuperação imediata da posse de bola, em que concomitantemente fora do centro de jogo existe recuperação de posições vitais. Se não for possível recuperar a posse a equipa procurará recuperar linhas/posições vitais e posições específicas. Na impossibilidade de recuperar a bola e de se organizar, a equipa deve realizar a falta tática.

Com perda em meio campo ofensivo (MCO) a equipa rege-se pelos seguintes comportamentos ideais, definidos pela equipa técnica:

- Mudança rápida de atitude mental;
- Reação forte à perda da bola;
- Agressividade;
- Recuperação da bola;
- Pressionar o portador da bola, no centro de jogo, para que a bola esteja coberta;
- Trancar as linhas de passe mais próximas do portador da bola;
- Fora do centro de jogo recuperar linhas, neste caso espaços vitais e de forma específica;
- Controlar a profundidade;
- Montar o equilíbrio para que os jogadores que nele se inserem controlem/peguem as referências ofensivas do adversário;
- Recuperar todas as linhas/posições vitais, de preferência de forma específica, se a 1ª zona de pressão for batida;
- Recurso à falta tática, se a 1ª zona de pressão for batida e a equipa não tiver o equilíbrio garantido e/ou não conseguir recuperar linhas/posições vitais.

Com perda em meio campo defensivo (MCD) a equipa procura cumprir com os seguintes comportamentos:

- Mudança rápida de atitude mental;

- Reação forte à perda da bola;
- Agressividade;
- Recuperação da bola;
- Pressionar o portador da bola, no centro de jogo, para que a bola esteja coberta;
- Trancar as linhas de passe mais próximas do portador da bola;
- Recuperar linhas fora do centro de jogo, neste caso espaços vitais e de forma específica;
- Controlar a profundidade;
- Procurar ter equilíbrios montados através do jogo de posição ofensivo;
- Controlar referências ofensivas do adversário;
- Evitar o recurso à falta táctica.

4.1.3 Organização Defensiva

A organização defensiva é definida como o momento no qual a equipa que defende procura impedir o golo do adversário e recuperar a posse (Leite et al., 2016).

Estes comportamentos decorrem após a perda da posse de bola, quando a equipa não procura a sua recuperação imediata, ou quando a procura e não tem o sucesso pretendido, acabando por entrar em organização (Barbosa, 2014). No momento de organização defensiva os princípios definidos pela equipa técnica são:

- Jogo de posição defensivo em 4x1x4x1 e 4x4x2;
- Recuperar a bola próximo da baliza adversária e o mais rápido possível pressionando em Bloco Médio-Alto/Alto;
- Ocupar racionalmente os espaços impedindo que o adversário crie situações de finalização pressionando em Bloco Médio/Médio-Baixo;
- Impedir inferioridade, evitar a igualdade e procurar a superioridade numéricas;
- Dominar os princípios específicos defensivos como contenção, cobertura, equilíbrio e concentração;
- Definir dois triângulos, um mais pequeno sobre a bola e um maior na sua cobertura;
- Método de jogo defensivo zona pressionante e zona, ganhando esta última referência individual em funções de espaços, número e perigo representado
- Ajustes defensivos;

- Reagir aos indicadores de pressão quando o adversário está em dificuldades, bola no ar, adversário de costas, dificuldades na receção ou passe;
- Domínio da orientação dos apoios;
- Procurar montar proteção de baliza e controlar a profundidade, retirando espaço próximo da nossa baliza com adversário com espaço ou superioridade numérica;
- Agressividade nos duelos;

Este momento integra variáveis conceptualizadas pela equipa técnica e que servem de linha orientadora na modelação dos comportamentos da equipa e na observação e análise do adversário. Estas são a 1ª fase de pressão em Bloco Médio-Alto/Alto, a 1ª fase de pressão em Bloco Médio/Médio-Baixo, o controlo de corredores, controlo de cruzamento ou espaço de baliza e ainda o controlo de profundidade. Na seguinte tabela (tabela 6) são descritos com pormenor os subprincípios e sub-subprincípios destas variáveis.

Variáveis	Subprincípios	Sub-subprincípios
1ª Fase de Pressão em Bloco Médio-Alto/Alto	• Reger pelo método de jogo defensivo zona pressionante; • Atitude proactiva; • Procurar roubar a bola para atacar de imediato a baliza adversária; • Condicionar adversário para zonas de pressão; • Trancar a variação do centro de jogo do adversário; • Agressividade nos encurtamentos; • Fortes nos duelos; • Espaços inter e intrassectoriais reduzidos; • Assegurar o controlo de profundidade; • Controlar corredores com uma profundidade superior; • Coberturas sucessivas;	• Comunicação; • Entendimento de como, quando, onde e em quem condicionar/encurtar; • Encurtar mais vezes do que deslizar nos corredores; • Orientar e rodar os apoios • Ajustes na linha em controlo de profundidade; • Comportamento em espaço interior e exterior no 2º momento da 1ª fase de pressão
1ª Fase de Pressão em Bloco Médio/Médio-Baixo	• Reger pelo método de jogo defensivo zona; • Atitude controladora; • Condicionar adversário para zonas de pressão; • Trancar a variação do centro de jogo do adversário; • Agressividade nos encurtamentos; • Fortes nos duelos; • Espaços inter e intrassectoriais reduzidos; • Controlo de profundidade com zona espaço menor; • Controlar corredores com profundidade menor; • Coberturas sucessivas.	• Comunicação • Entendimento de como, quando, onde e em quem condicionar/encurtar • Encurtar e deslizar nos corredores; • Orientar e rodar os apoios; • Ajustes na linha em controlo de profundidade; • Comportamento em espaço interior e exterior no 2º momento da 1ª fase de pressão • Negação de espaço interior.
Controlo de Corredores	• Deslizar para não expor o lateral; • Encurtar de forma mais evidente só em Bloco Alto/Médio-Alto;	-

	• Triângulo com ala na bola, lateral em cobertura e interior fechando triângulo dentro; • Dinâmica de corredor lateral de três a cinco, com inclusão de avançado no momento da pressão e/ou defesa central quando sai de espaço interior para controlar ruturas central-lateral; • Domínio dos princípios fundamentais e específicos do jogo; • Negar espaço interior; • Orientação dos apoios e como rodar; • Reação a indicadores de pressão; • Ajustes.	
Controlo de Cruzamento ou Espaço de Baliza	• Definir os comportamentos em cinco zonas distintas; • Três jogadores na 1ª linha de proteção de baliza; • No mínimo um jogador na 2ª linha de proteção de baliza; • 1º jogador da 1ª linha de proteção de baliza com referência espacial no 1º poste; • 2º jogador da 1ª linha de proteção de baliza com referência espacial entre o 1º e 2º postes; • Último jogador da 1ª linha de proteção de baliza com referência espacial no 2º poste; • Na 1ª linha de proteção de baliza, o 1º jogador à zona, 2º individual e 3º fechando dentro e estrangendo ataque às zonas por parte do adversário; • Domínio do rodar e orientar apoios; • Fortes nos duelos; • <i>Timing</i> e Agressividade no espaço e na bola; • Comunicação verbal e corporal;	-

	• Olhar sobre o ombro; • Procurar o adversário através do tato; • Deslocar/retirar para montar o controlo de cruzamento ou espaço de baliza; • Reconhecer falsos indicadores, antecipar os cenários e comportamentos a adotar; • Ajustes; • Utilizar a referência individual como solução em superioridade numérica, situação de ataque rápido ou contra-ataque do adversário.	
Controlo de Profundidade	• Cenários distintos dependendo da altura em que o bloco defende; • Comunicação; • Preocupação com a redução de espaços intrassectoriais; • Guarda-redes em comunicação e com comportamentos de acordo com a linha defensiva; • Domínio dos conceitos de bola coberta e bola descoberta, dos seus indicadores e dos falsos indicadores; • Controlo do espaço entre central-lateral com comportamentos distintos de acordo com a altura do bloco e se adversário instalado ou não; • Orientação de apoios, dependendo do sector e corredor onde se encontra a bola; • Rodar apoios em cenários diferentes; • Comportamentos para melhorar a perceção espacial; • Comportamentos e indicadores para colocar em fora de jogo ou retirar profundidade; • Ajustes;	-

Tabela 6 – Subprincípios e sub-subprincípios das variáveis do momento de organização defensiva.

4.1.4 Transição Ofensiva

O momento de transição ofensiva é definido pelos comportamentos a adotar nos instantes imediatos ao ganho da bola (Leite et al., 2016).

Este momento representa o início do método de jogo ofensivo de acordo com o momento de ganho da bola. A organização que permitiu à equipa a recuperação da posse influencia o momento de transição ofensiva e os caminhos que esta pode seguir (Barbosa, 2014).

No momento de transição ofensiva o objetivo da nossa equipa é aproveitar a desorganização do adversário para criar situações de finalização ou, em último recuso, para manter a posse de bola.

Com recuperação em MCD a equipa procura:

- Rápida mudança de atitude mental;
- Considerar a transição de acordo com o sector e corredor de recuperação da bola;
- Sair da zona de pressão predominantemente em passe;
- Sair da zona de pressão ligando com referências ofensivas para contra-ataque e/ou ataque rápido;
- Ligar com referências ofensivas preferencialmente com um passe;
- Até três passes para ligar com referências ofensivas;
- Utilização de coberturas para ligar de forma indireta;
- Evitar a ligação direta no corredor oposto, apesar de ser procurado o lado cego em contra-ataque e/ou ataque rápido;
- Domínio do jogo de posição das referências ofensivas, em apoio e mais profundo, dentro e fora;
- Ligar com coberturas em segurança longe da pressão e dar amplitude, entrando em ataque posicional ou organizado, na impossibilidade de contra-ataque e/ataque rápido
- Procurar escapatória, evitar a perda em zonas onde se procura segurança evitando o risco, isto na impossibilidade de contra-atacar ou entrar em ataque posicional.

Já com recuperação em MCO os comportamentos são:

- Rápida mudança de atitude mental;

- Considerar a transição de acordo com o sector e corredor de recuperação da bola;
- Sair da zona de pressão em passe e em condução;
- Domínio do jogo de posição das referências ofensivas, em apoio e mais profundo, dentro e fora;
- Privilegiar o contra-ataque e/ou ataque rápido;
- Procurar envolver quatro a cinco jogadores;
- Provocar por/para espaço interior;
- Definição de soluções à largura e em espaço interior;
- Procurar criar superioridades em microestruturas;
- Ameaças à profundidade e soluções em apoio;
- Priorizar a chegada a situações próximas do 1x0+Gr;
- Solução de remate em zonas próximas da baliza e em condições ótimas;
- Na impossibilidade de progredir por espaço interior, a solução de definição de bola aberta de 2ª linha é importante;
- Criação de superioridades em espaço exterior e definição em zonas de cruzamento;
- Velocidade de deslocamento elevada, velocidade ótima e qualidade na tomada de decisão;
- Privilegiar a conservação da posse de bola entrando em ataque posicional, na impossibilidade de contra-atacar e/ou ataque rápido.

4.1.5 Esquemas Táticos Ofensivos

Segundo Castelo e Matos (2013) os esquemas táticos, ou situações fixas de jogo são cenários onde a bola se encontra parada e que estas podem ser planeadas e operacionalizadas no decorrer do processo de preparação da equipa. Representam na sua essência a coordenação das ações individuais dentro de um comportamento coletivo procurando assegurar as melhores condições para a concretização do objetivo do jogo (Castelo & Matos, 2013). Os autores não fazem, no entanto, referência à natureza ofensiva e defensiva dos mesmos aquando da sua definição. A definição supracitada adequa-se aos esquemas táticos ofensivos, por outro lado os esquemas táticos defensivos serão de natureza similar, mas com objetivos distintos, procurando impedir a finalização do adversário e recuperar a posse.

Relativamente às bolas paradas ofensivas foram trabalhadas, pela equipa técnica, de forma mais regular, em cantos, livres laterais, livres diretos e grandes penalidades. Os lançamentos de linha lateral e livres frontais foram trabalhados numa perspetiva estratégica.

Contudo, na minha opinião estes dois tipos de esquemas deveriam ter sido trabalhados de forma mais regular durante a época desportiva, não devendo estar dependente apenas dessa vertente estratégica.

Na figura 4 observamos um exemplo de canto ofensivo operacionalizado pela equipa do VSC sub-17.

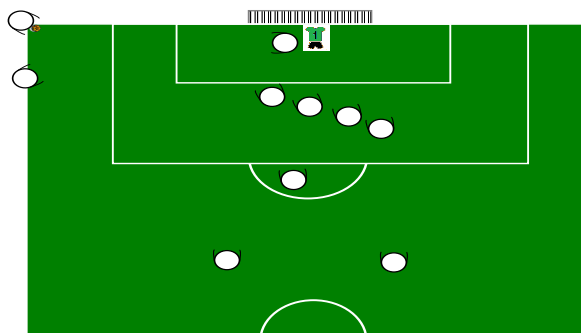


Figura 4 - Cantos Ofensivos

O canto padrão tinha normalmente dois jogadores nas imediações da bola, um de pé fechado e outro de pé aberto. A intenção era criar a seguinte dúvida no adversário: se sairia curto ou direto na área, se mais próxima ou mais afastada do guarda-redes. Habitualmente a equipa tinha um jogador a procurar criar instabilidade no guarda-redes, ou na zona que protege o 1º poste com um movimento de apoio. Tinha também quatro jogadores dentro da área para atacar as zonas predominantes de finalização, o seu posicionamento e zona alvo sofrem ajustes consoante o adversário. Mais ainda, um jogador posicionava-se à entrada da grande área, constituindo uma ameaça na 2ª bola de forma enquadrada com a baliza. Sendo, desta forma, uma possibilidade de ligação direta/indireta com esse espaço ou de ataque a uma zona de finalização pré-definida.

Por último, existem normalmente dois jogadores em equilíbrio preparando a transição defensiva. O jogador do equilíbrio que está mais próximo do espaço onde será executado o canto também se poderia aproximar para criar vantagens.

Importa frisar que consoante os comportamentos do adversário, os cantos ofensivos do VSC sub-17 seriam também alvo de alguns ajustes. Outros fatores influenciadores para o ajuste dos cantos podem passar pela escolha dos jogadores titulares do VSC, o momento do jogo em que se dá o canto ou ainda o resultado do jogo nesse momento.

Um exemplo dos livres laterais ofensivos da equipa poderá ser observado na figura 5.

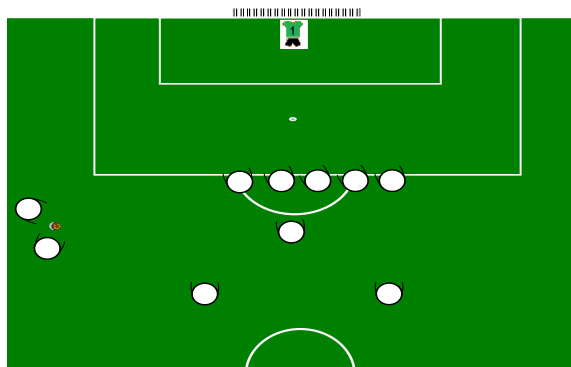


Figura 5 - Livre Lateral Ofensivo

Frequentemente são colocados dois jogadores na execução do livre, com a mesma intenção dos cantos ofensivos. Adicionalmente, existem cinco jogadores numa 1ª linha de ataque às zonas de finalização, um jogador mais atrasado que poderia ficar para remate exterior, 2ª bola ou ataque a uma zona débil. E tal como nos cantos ofensivos, dois jogadores em equilíbrio. Os fatores influenciadores da estrutura dos livres são os mesmo que os dos cantos ofensivos.

4.1.6 Esquemas Táticos Defensivos

Relativamente aos esquemas táticos defensivos ou bola parada defensiva, os cantos e livres laterais foram os mais trabalhados. Mais uma vez podemos perceber que ficam em falta outras formas de esquemas táticos defensivos essenciais para o individual numa perspetiva formativa, e para o coletivo numa visão de performance e resultado.

Com a constatação das lacunas acima mencionadas, fica mais fácil explicar o porquê de os comportamentos na bola parada defensiva terem sido débeis. Existiu sempre um privilégio dos esquemas táticos ofensivos sobre os defensivos, e mesmo nos cantos e livres laterais defensivos a equipa tinha comportamentos frágeis e que não estavam relacionados com a dimensão e/ou perfil físico.

Na figura 6 temos o posicionamento defensivo do VSC sub-17 no pontapé de canto. Apresenta-se um jogador no 1º poste com mais seis jogadores na 1ª zona, dois jogadores em zona à frente da linha e um jogador como referência para transição ofensiva perto da linha de meio campo e no corredor contrário à execução do pontapé de canto. O trabalho nos pontapés de canto defensivos engloba também um foco na orientação dos apoios, ajustes consoante o adversário, pé com que vai ser batido, número de jogadores na execução do canto, entre outros.

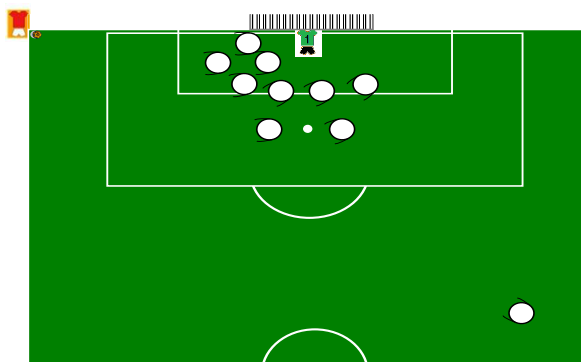


Figura 6 – Cantos Defensivos.

Já na figura 7 representa-se a forma do livre lateral padrão. Neste encontram-se dois homens na formação da barreira lado a lado, e uma linha de 6+2 à zona. Os comportamentos dos jogadores no livre variam consoante o tempo e resultado do jogo, o número de jogadores a criar a dúvida na sua execução, se é executado de forma aberta ou fechada, mais dentro ou mais fora, com maior ou menor profundidade, quais os jogadores em campo, entre outras.

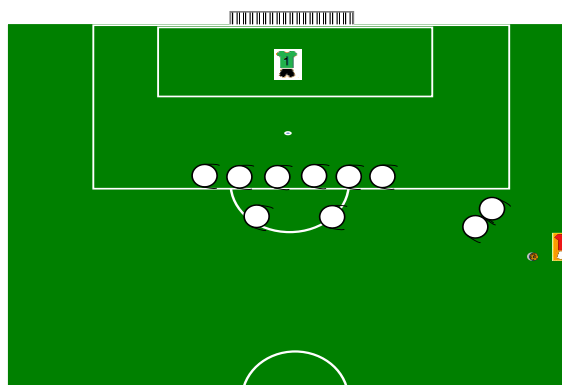


Figura 7 - Livres defensivos

4.2 Modelo de Treino

A execução prática do modelo de jogo só será alcançada através do treino, devendo evoluir dentro do treino. Como tal, o modelo de treino terá que se identificar de forma estreita com o modelo de jogo, para que possa potenciar os comportamentos e critérios pretendidos nas diferentes dimensões do jogo (Barbosa, 2014). Este autor defende ainda que o modelo se deve direccionar no sentido de uma constante superação de conhecimentos, evoluindo de forma contínua (Barbosa, 2014).

Os conceitos da representatividade e simplificação das tarefas são pilares-chave das abordagens táticas ao processo de treino. A representação envolve o desenvolvimento

de jogos reduzidos e modificados que preservam a estrutura tática da forma principal do jogo (Farias, 2018).

Carvalho (2014) refere que a matriz dos exercícios específicos que visam estimular o nosso jogo deverá possuir uma lógica contínua entre os diferentes momentos do jogo. O exercício de treino deve então ser considerado como uma solução cognitiva para a fluidez de jogo almejada pela equipa técnica (Carvalho, Entre Linhas, 2014).

Castelo (2009) esclarece relativamente à importância do exercício no modelo de treino considerando o mesmo como a estrutura basilar do processo responsável pela elevação, manutenção e redução do rendimento individual e coletivo. Os exercícios de treino aplicados de forma repetitiva e lógica, sistemática e organizada são o núcleo fundamental da metodologia do treino no desporto. São os exercícios que orientam e determinam em profundidade as adaptações dos jogadores à especificidade do jogo, ou seja, a sua lógica interna (Castelo, 2009).

A metodologia de treino caracterizadora do futebol de base e de formação do VSC assenta em jogos reduzidos e jogos de posição. Assenta ainda numa preocupação com a técnica individual, relação com bola, no 1x1 ofensivo e na resolução dos problemas do 4x2 ofensivo. Existe também uma clara procura de dotar os jovens jogadores de princípios e subprincípios ofensivos e defensivos, bem como de um domínio do jogo de posição sobretudo ofensivo. Parece-me que estas linhas mestras definem e diferenciam claramente o clube em larga escala comparativamente com os demais, não apenas pelas ideias anteriormente descritas, mas predominantemente pelo pormenor subjacente às componentes críticas de uma ação individual e/ou coletiva como por exemplo em situações frequentes com forma jogada de: 1x1; 2x1; 2x2; 3x2; 3x3; 4x2; 6x3.

Evidentemente que à medida que se vai subindo de escalão a complexidade vai crescendo, sendo que o modelo de treino passará a ser progressivamente mais complexo e a incluir outro tipo de planos para além do plano conceptual. Incluindo, desta forma, em escalões superiores de formação e de campeonato nacional, o plano estratégico que Castelo (2009) caracteriza como planos de intervenção que se expressam em mudanças pontuais e temporárias da expressão tática basilar da equipa. Acrescenta ainda que estas alterações têm lugar em função do estudo e conhecimento do adversário e das condições sobre as quais se irá realizar o jogo (Castelo, 2009).

Para além do plano estratégico a iniciação ao trabalho de ginásio irá influenciar a forma como se periodiza e, como tal, a forma de planear o treino.

Para além do domínio de conteúdos supracitados é de extrema importância, saber operacionalizá-los. O suporte da operacionalização no treino vem com as características humanas do treinador, as suas competências enquanto líder, a sua capacidade de comunicação verbal e corporal, pedagogia, capacidade relacional, do seu domínio e conhecimento do jogo e treino, bem como das suas habilidades de gestão.

O facto de existirem reuniões mensais com os diferentes treinadores, com apresentações vídeo e com temas específicos contribui em grande escala para o futebol de base e de formação do clube. Este tipo de prática permite que os funcionários desenvolvam as suas capacidades de reflexão sobre a sua atividade enquanto treinadores e permite uma aprendizagem constante. Isto pois, não são apenas os atletas que se encontram num processo ensino-aprendizagem, mas também os seus treinadores.

O futebol tem vindo a crescer de forma célere no que diz respeito a novos comportamentos individuais e coletivos, táticos e técnicos. O jogo muda, recicla. Deste modo, mudou a velocidade do jogo, a de deslocamento, mas sobretudo a de execução e a de tomada de decisão. A tecnologia e a ciência têm claramente uma enorme responsabilidade neste fenómeno. E quando a forma de ver o mundo muda existe a certeza de que a resignação é nossa inimiga e de a falta de adaptação dos sistemas é a causa do seu declínio.

Dentro de todo o trabalho e de toda a competência que posso observar no VSC, parecem-me existir sobretudo lacunas no que diz respeito aos comportamentos defensivos. Comportamentos esses numa perspetiva coletiva e não tanto individual, sobretudo do escalão de sub-15 para cima.

Parece-me também existir *feedback* demasiado complexo, desajustado à realidade de vários escalões em causa, utilização débil do *feedback* interrogativo, descritivo e avaliativo-positivo. Cláudio Farias (2018) sublinha a importância do *feedback* interrogativo, afirmando que as questões acerca do que fazer e como fazer geram consciência e conhecimento tático-técnico, respetivamente. Perguntas sobre quando fazer e o espaço para fazer enquadram o conhecimento anterior fomentando um entendimento mais integrado do saber jogar (Farias, 2018).

Para além disto, existe foco excessivo em determinados conteúdos. É ainda necessária a utilização de estímulos mais variados e a criação de contextos que permitam aos atletas mais jovens a tomada de decisão.

Uma reunião mensal, parece-me um número insuficiente perante tantas questões e problemas que o treino e o jogo nos levantam diariamente. Considero que a realização de

duas reuniões mensais com a equipa técnica e respetivos estagiários poderiam aumentar os conhecimentos de todos os intervenientes e ajudar a estrutura a crescer de forma uniforme. A negação de comparência a reuniões sobre jogo e treino aos estagiários parece-me um inimigo do desenvolvimento dos mesmos.

Concluindo, a caracterização do Modelo de Treino do VSC constitui um ato de reflexão, crítica e autocrítica tendo como base a minha capacidade de interpretação do contexto situacional.

4.3 Modelo de Observação

Segundo Leite et al. (2016) a constante evolução do Futebol e o aumento de competitividade exige dos treinadores mais e melhor preparação para alcançarem os objetivos definidos. A observação e análise é uma das áreas que se tem vindo a desenvolver, de tal forma que atualmente é considerada uma ferramenta indispensável para os treinadores de futebol, profissionais ou amadores (Leite et al., 2016).

A observação e análise de jogo da própria equipa e do adversário, são na opinião de Malta e Travassos (2014), momentos muito importantes na preparação das equipas e jogadores.

Barbosa (2014) afirma que a observação e análise exigem inflexibilidade e seriedade intelectual, comportamentos regulares e muito tempo de prática. O indivíduo deverá estar apaixonado pelas suas funções e pelo conhecimento. Apenas com uma mente limpa e capacidade de reflexão poderá realizar este tipo de funções com qualidade (Barbosa, 2014). O mesmo autor é da opinião que a observação é sempre, de certo modo, interpretativa e que na sua realização constrói-se um juízo de valor sobre o objeto observado (Barbosa, 2014).

A conceção do modelo de observação é da responsabilidade do departamento de observação e análise. As diretrizes são apresentadas aos analistas e estagiários de cada escalão de forma contextualizada.

De forma concreta, no escalão de sub-17, o departamento de observação e análise fez-se representar por um observador principal e um observador estagiário. As funções e objetivos apresentados ao estagiário no inicio do estágio foram já apresentados neste relatório. De forma muito célere a equipa técnica confiou no meu trabalho e deu-me liberdade para poder fazer aquilo que mais gosto, permitindo-me a utilização do meu cunho pessoal. Isto possibilitou a utilização da minha voz como uma voz essencial para o processo

de treino. A excelente adaptação à cidade e ao clube deveu-se às pessoas que constituíram esta equipa técnica uma vez que me deram espaço e que me integraram como colega e não um mero estagiário desde o 1º dia.

Dentro das tarefas que me foram atribuídas, a análise do “nosso jogar”, a análise individual dos nossos atletas e a análise coletiva do adversário são claramente as de maior responsabilidade e que a equipa técnica mais valorizava.

4.3.1 Observação da Própria Equipa

Ventura (2013) refere que a observação e análise da própria equipa tem expressão no momento em que se procura observar o que se realizou no processo de treino, averiguando se os comportamentos idealizados se tornaram realidade ou não. Leite et al., (2016) são de opinião semelhante, esclarecendo que neste tipo de análise pretende-se avaliar a própria equipa, nomeadamente relativamente ao modelo de jogo, de forma a realizar ajustes no planeamento caso seja necessário.

A análise do “nosso jogar” é um processo de observação e análise referente aos comportamentos coletivos, mas também individuais, da nossa equipa em jogo e treino. Ou seja, a equipa é objeto de estudo no Plano Tático tendo por base e como referências os Planos Conceptual e Estratégico.

Na prática esta análise ajudou-nos a guiar o processo de treino, delineando os princípios e comportamentos essenciais à aquisição do jogar idealizado que devem ser trabalhados em dado morfociclo. Durante o período competitivo a análise do “nosso jogar” foi uma ferramenta vital na organização dos conteúdos a serem trabalhados tendo em conta os princípios e subprincípios a serem melhorados por défice intrínseco ou perda de forma tática.

A sistematização do jogo em momentos, fases, corredores e sectores, fatores de jogo, entre outras variáveis é essencial para organizar o pensamento. A sistematização do jogo adotada, seja ela qual for, não deverá diferir por estar a analisar a nossa equipa ou o adversário. A grande diferença entre as duas reside no facto de que ao analisar o “nós” já estamos mais enviesados para determinados comportamentos ou ações. Comportamentos esses que farão parte de um modelo de jogo e/ou plano estratégico que conhecemos de antemão. Desta maneira é natural que o observador seja mais eficiente nesta tarefa do que na observação e análise de um adversário.

O procedimento deste tipo de observação foi muito simples, recorrendo à utilização de câmaras *Sony – 4K Full HD* e tripés com manípulo para a filmagem dos jogos, garantindo

a possibilidade de uma análise com melhor imagem e menor erro humano, mais detalhada e pormenorizada. A utilização do *software Freemake* permitia renderizar, ou seja, juntar e baixar o tamanho dos vídeos. Depois deste último passo segue-se a real observação e análise da nossa equipa. Para tal, inseríamos o jogo no *software Longomatch* e iniciávamos a análise, codificando o jogo e realizando os cortes sempre que necessário. Não se deve esquecer a importância do método de observação direto, *in loco*, uma vez que este transmite sensações e emoções que fazem parte do jogo e que podem ajudar a determinar acontecimentos ou comportamentos que o método de observação indireto não fornece ou fornece de forma insuficiente.

Após isto, o vídeo era apresentado à equipa técnica que escolhia determinados segmentos para serem mostrados aos jogadores no auditório do clube. Era conjuntamente realizado um relatório sintético para a estrutura do VSC.

Uma vez que foi utilizado predominantemente o formato vídeo e que estes eram pouco editados, permitiam uma visualização simples e que não deturpada dos comportamentos. Desta forma, havia um incentivo à discussão e à interpretação, estimulando tanto a equipa técnica como os atletas. Na impossibilidade de mostrar os vídeos, o apêndice I apresenta um exemplo desta forma de análise em formato relatório.

4.3.2 Observação e Análise Individual

Araújo (1994)² refere que a análise individual poderá ser enquadrada em duas vertentes, a da formação/competição e o da competição/profissionalização. Defendendo que a primeira vertente deverá ter como missão principal contribuir para a formação integral do atleta. Isto é, a observação e análise deverá através de recomendações pedagógicas enriquecer os jovens a nível individual e coletivo, em termos táticos, técnicos e físicos. A segunda vertente serve para que o treinador aumente as suas probabilidades de sucesso em competição (Ventura, 2013).

Este tipo de análise não está dissociado da análise coletiva, até porque todos os comportamentos individuais deverão ser estudados de forma holística, dentro de um contexto coletivo e de uma linguagem abrangente.

O processo de elaboração deste conteúdo é similar ao processo anterior, através de ferramentas de corte e edição sendo realizada através do formato vídeo. Estes vídeos devem ser curtos, procurando mostrar ações positivas do atleta mesmo que existam aspetos

² Araújo (1994) in Ventura, N. (2013). *Observar para Ganhar*. Portugal: Prime Books.

a melhorar. Deste modo o jogador parece aceitar a crítica de uma forma mais positiva e aberta. A visualização deste conteúdo é feita numa reunião individual com o atleta, com o treinador principal e/ou o observador.

Para além do formato vídeo existe o preenchimento do relatório individual dos atletas que é enviado para a estrutura do VSC. No entanto, apenas os jogadores considerados talentos e com margem de progressão são alvos deste tipo de análise em formato de relatório.

Infelizmente os recursos materiais não abundam nesta estrutura, ainda assim as condições disponibilizadas são claramente favoráveis a que um processo ensino-aprendizagem com qualidade tenha lugar. Isto, pois, a impossibilidade de ter todos os treinos filmados afasta-nos de uma análise mais detalhada e mais rica. Ter um maior leque de amostras iria, definitivamente, beneficiar os comportamentos tanto individuais como coletivos.

Em apêndice II apresenta-se um exemplo do relatório individual por impossibilidade de apresentar um exemplo em formato vídeo.

4.3.3 Observação e Análise do Adversário

A observação e análise de equipas adversárias tem como objetivo a caracterização do adversário, procurando a identificação de padrões coletivos, de modo a auxiliar o treinador a preparar o jogo da melhor forma possível (Ventura, 2013). Para o mesmo autor, pode concluir-se que este tipo de observação procura identificar e simplificar a organização do jogo através do reconhecimento do modelo de jogo do adversário, cortando com os aspetos aleatórios do jogo e dando significado aos fatores demonstrativos de uma organização complexa e que dão aso aos fundamentos dessa equipa (Ventura, 2013).

Leite et al. (2016) são mais específicos, sobretudo do ponto de vista empírico, visto que para os autores a análise do adversário pretende conhecer o seu modelo de jogo, como se comportam nos diversos momentos do jogo, os seus esquemas táticos, alterações táticas e os seus motivos, substituições, como sofrem e marcam golos, quais as características dos seus jogadores, e finalmente os pontos fortes e fracos da equipa.

Este tipo de análise é essencial sobretudo em contextos de alto rendimento, onde o resultado tem um peso significativo, Pep Guardiola³ explica a sua importância dizendo que

³ Guardiola P. (2016) in Perarnau, M. (2016). *Pep Guardiola. La metamorfosis*. Barcelona: Roca Editorial de Libros, S.L.

“...jogamos contra outra equipa que tem qualidades concretas e nós devemos conhecer essas qualidades, saber todas as suas forças e debilidades, temos de ter radiografado o rival e temos que nos adaptar a ele... Cada jogador deve conhecer a realidade do opositor e saber o que deverá fazer em cada circunstância.” (Perarnau, 2016, p. 175)

Segundo Ventura (2013), o observador deve ter atenção a alguns parâmetros aquando da observação e análise do adversário como o modelo de jogo do adversário, os quatro momentos do jogo, a bola parada, as substituições padrão e a sua influência na estrutura e dinâmica da equipa. Também deve ter-se atenção ao comportamento em função do resultado, atender aos padrões de rendimento e comportamentais nos jogos casa e fora, e a caracterização dos jogadores referência (Ventura, 2013).

Para além destes parâmetros os treinadores procuram ainda ter alguma informação relativa a dados estatísticos como por exemplo os golos marcados e sofridos, períodos em que mais marcam ou sofrem golos, os cartões que o adversário possa ter ou os perfis antropométricos dos jogadores (Ventura, 2013).

A observação e análise do adversário é muito provavelmente a mais complexa das funções atribuídas ao analista no contexto em questão. Esta análise tem um peso evidente no microciclo semanal e a sua representatividade encontra-se no Plano Estratégico. Cada vez mais entramos na era da estratégia, do conhecer o nosso rival e de como aproveitar os seus pontos fracos e suprimir os seus pontos fortes. De referir a importância que a análise individual do adversário tem para maior pormenorização da análise e antecipação daquilo que são os comportamentos coletivos do adversário.

No alto rendimento é uma tendência evidente e até em contextos de menor exigência, no que diz respeito ao resultado, sendo que já se encontra com alguma regularidade este tipo de análise e preparação para o jogo seguinte. No futebol de formação também esta começa a ser uma realidade.

No escalão de estágio este tipo de análise sempre foi pretendida e valorizada, de uma forma enquadrada, fornecendo maior conteúdo a ser dado aos atletas na procura de criar e habituar a rotinas que muitos iriam encontrar num futuro próximo. Assim permitindo aos jogadores aproximarem-se do sucesso individual e coletivo que consequentemente aproxima também da vitória.

Atualmente assistimos a uma moda que desvaloriza o resultado. Esta é uma moda que pode dizer-se perigosa uma vez que suprime um dos elementos essenciais da formação como a ambição, a competitividade. Com isto não quero defender o resultado nem tão pouco criar uma discussão entre resultado e formação. Contudo parece-me vital que no

futebol de formação o essencial e primordial seja formar, ensinar o jogo, ensinando também aquilo que é a procura da vitória. Dependendo do contexto, mesmo na formação, o peso relativo da vitória poderá aumentar ou diminuir, nunca superando o peso relativo daquilo que são os comportamentos individuais e coletivos que se pretendem como parte do processo evolutivo de ensino-aprendizagem.

Outra discussão muito comum e que se relaciona com a observação e análise do adversário é se devemos dar maior importância à identidade ou à estratégia, ou que importância dar ao plano estratégico. Esta parece-me uma falsa questão, uma vez que todas as equipas deverão possuir uma linguagem comum, um plano conceptual ou modelo de jogo, mas isso não invalida que exista espaço para a estratégia. Aproximando-nos da estratégia é mais provável criar um contexto no qual os jogadores tenham êxito. Esta não descaracteriza, mas sim elege caminhos dentro das nossas possibilidades, fazendo parte do modelo formativo dos atletas.

Passarei agora à descrição do processo de observação e análise do adversário realizado na equipa de sub-17 do Vitória Sport Clube.

O *software* utilizado para recolha das amostras foi predominantemente o *Wyscout*, programa ao qual tínhamos acesso através dos departamentos de *scouting* e de observação e análise da equipa A, uma vez que estes nos cediam os jogos solicitados.

Através de uma sistematização do jogo criada por mim, tendo por base as minhas vivências e experiências anteriores, passou-se à análise do adversário utilizando o *Longomatch* como programa de corte. O meu procedimento foi codificar o jogo ao mesmo tempo que o analisava, garantindo a eficácia na sua análise. Caso fosse necessário editar seria utilizada a edição do *Longomatch* ou a do *Powerpoint*. No meu caso, optei pelo *Powerpoint* por ser visualmente mais agradável. Após a realização do vídeo realizava o relatório escrito com recurso a imagens.

A realização do vídeo tem como principal objetivo a visualização por parte dos atletas. Já o relatório é uma ferramenta base para auxiliar a discussão e planeamento do treino, bem como a sua operacionalização no treino. No relatório escrito do adversário inclui-se informação individual sobre os atletas e todos os comportamentos coletivos em função das individualidades. Era também enviado de forma separada informação estatística do adversário.

O processo de observação e análise do adversário utilizando este tipo de ferramentas demorou em média quatro dias, ocupando cerca de 12 horas diárias. Um exemplo do relatório de análise do adversário encontra-se em apêndice (apêndice III).

A operacionalização deste tipo de análise resultou mais concretamente na conceção de exercícios que procuraram simular os comportamentos pretendidos para anular as virtudes dos adversários e explorar as suas debilidades, preparando os nossos jogadores para o contexto competitivo que viriam a encontrar.

Capítulo V - Processo de Treino

O capítulo seguinte irá aprofundar sobre aquilo que foi o processo de treino, os volumes de conteúdo de treino serão apresentados e comparados, sendo alvos de uma reflexão crítica relativamente à sua influência ao longo da época desportiva. A organização semanal dos trabalhos e o morfociclo padrão serão explicitados para que exista um conhecimento superior dos métodos e organização do trabalho da equipa técnica. Por fim, apresentarei o controlo de treino e lesões associadas à nossa equipa.

5.1 Enquadramento Teórico

O Jogo de Futebol tem sofrido mutações constantes ao longo dos anos desde o seu aparecimento sendo um processo natural de adaptação ao meio que o envolve. A sociedade contemporânea é muito distinta da de finais do séc. XIX a qual viu esta modalidade nascer. Desta forma, com o desenvolvimento da ciência e a da tecnologia, com o fenómeno da industrialização do desporto e as novas regras no Futebol, o jogo e o treino complexificaram e modificaram-se. Jones et al.⁴ confirmam essa ideia referindo que o processo de treino tem sido fortemente caracterizado como uma atividade de enorme complexidade por vários treinadores de excelência enquadrados em diferentes áreas da atividade desportiva (Farias, 2018).

Uma das claras alterações no treino diz respeito à evolução de uma metodologia centrada na dimensão física do jogo para uma dimensão mais tática, sem descurar as restantes dimensões do jogo. Há não muito tempo atrás essa filosofia do físico ainda era a metodologia vigente passando de forma paulatina para métodos mais aproximados àquilo que o jogo é, dando primazia à dimensão tática do jogo. Sendo esta a dimensão mãe a partir da qual todas as outras surgem e interagem com o seu peso muito significativo.

Para esta evolução desta ideia contribuíram, em grande parte, as várias instituições académicas. O jogo conheceu uma nova sistematização, uma nova organização e conteúdos teorizados que iriam ser a base para um estudo mais aprofundado do jogo, para um jogo mais complexo que influenciou a forma de pensar. O jogo passou a ser estudado com maior pormenor nas faculdades, e estas ajudaram o jogo dando a possibilidade a muitos jovens treinadores de se formarem e também eles adicionarem algo de diferente à modalidade.

A compreensão da evolução do jogo e do processo de treino é crucial. Entender o que era, como evolui, de que forma e para onde é essencial para um entendimento atual mais completo e para perceber a sua relevância.

⁴ Jones et al. (2010), New York and London in Farias, C. (2018). Anuário do treino desportivo 2018. Em C. O. Portugal, Anuário do Treino Desportivo 2018 (pp. 49-62). Lisboa: Omniserviços/Visão e Contextos.

O processo de treino é provavelmente a variável que mais personifica a figura do treinador. Segundo Júlio Garganta⁵ este processo é como um processo ensino-aprendizagem, transforma comportamentos e atitudes e, portanto, é sistematizado, intencional e dirigido. Necessitando como tal de ser modelado (Barbosa, 2014).

Barbosa (2014) especifica o processo de treino considerando que o mesmo funciona como catalisador da integração do conhecimento do modelo de jogo, do modelo de jogador, mas sobretudo do conhecimento comportamental entre jogadores.

De acordo com Castelo (2009), o processo de treino é um meio de preparação para a competição, sendo que poderá também ela ser considerada um meio de preparação, e como tal treino. O autor alude que este processo deve recriar os cenários e contextos situacionais da competição (Castelo, 2009). O modelo de jogo é enriquecido pelo treino através das experiências que o mesmo possibilita, incrementando a competência individual e coletiva.

É sobretudo no processo de treino que um treinador é avaliado relativamente às suas competências táticas e técnicas. Contudo, este processo não se esgota no treino em si, ou na operacionalização do mesmo, pois é composto por diversas variáveis que irão fazer a diferença entre o treinador sucedido e o não sucedido, tais como: a ideia, a metodologia, o modelo de jogo, o plano estratégico, a capacidade de discussão e planeamento e a capacidade para gerir os recursos que o rodeiam e que poderão potenciar o processo de treino.

Na operacionalização do treino podemos falar da importância do tipo e qualidade/pertinência do *feedback* fornecido, das competências de liderança, comunicação corporal e verbal, gestão do treino, colocação estratégica para melhor identificação de comportamentos e capacidade para ajustar.

Para Farias (2018) o treinador necessita de conhecer o conteúdo específico do jogo de forma aprofundada, apesar de esse domínio ser por si só insuficiente. O mesmo autor defende que para criar processos de treino eficientes, o treinador terá de compreender também os mecanismos operantes e reguladores do processo de aquisição motora e desenvolvimento desportivo, e mais do que prescrever conteúdos o treinador deverá ser um facilitador do processo de aquisição motora e desenvolvimento do 'saber jogar' (Farias, 2018). Para o autor, é, portanto, um processo bastante exigente por requerer um acompanhamento sustentado da evolução dos atletas através da utilização de estratégias de mediação menos diretivas e autocráticas (Farias, 2018).

⁵ Garganta, J. in Barbosa, A. (2014). *Os jogos por trás do Jogo*. Portugal: Prime Books.

O treino deve ser encarado como uma identidade única ou como uma impressão digital. Será sempre impossível dois treinadores diferentes apresentarem uma ideia de jogo exatamente igual e por muito semelhantes que sejam essas ideias nunca irão ser operacionalizadas exatamente da mesma maneira, criando-se sempre diferenças relativamente à liderança, comunicação, metodologia ou comportamentos.

Outros fatores que influenciam o processo de treino são o contexto competitivo e o período da época desportiva em que o mesmo acontece. Dado o carácter do processo de treino e da aprendizagem do 'saber jogar', é destacada a impossibilidade de generalizar processos formativos capazes de serem aplicados de igual forma independentemente do contexto desportivo em que se insere (Farias, 2018).

O processo treino no futebol de formação e no alto rendimento são, ou deveriam ser, marcadamente distintos. Na formação devemos estimular o prazer pelo jogo, ensinar conteúdos base, princípios e subprincípios, incentivar a criatividade e ensinar o que é o treino e o jogo. Estas variáveis dependerão da fase de formação em questão, tendo o objetivo de formar jogadores. Por outro lado, no alto rendimento existe um objetivo claro de ganhar e aqui já entra de forma mais veemente o formar uma equipa para além do individual que nela reside.

O período da época desportiva também irá influenciar a forma como o treino é planeado. Existindo três períodos: o período pré-competitivo (PPC), período competitivo (PC) e período transitório (PT). Teremos então três abordagens ao treino distintas no que se refere ao conteúdo, carga e objetivo.

Segundo Javier Mallo (2015), o objetivo do período preparatório é preparar os jogadores para o primeiro jogo competitivo da época. Já o período competitivo mantém a microestrutura como unidade funcional, sendo que o objetivo do microciclo será alcançar uma boa *performance* no jogo seguinte. Por fim, o período transitório liga duas épocas desportivas consecutivas e o principal objetivo é recuperar os jogadores das exigências da época anterior, regenerando as estruturas do corpo mais afetadas de forma a potenciar os atletas para as etapas seguintes do processo de treino (Mallo, 2015).

No futebol profissional, o período pré-competitivo tem especial incidência na dimensão física, na preparação do corpo para a competição que virá. A gestão de cargas é feita dando muito volume e pouca intensidade aos atletas, passando de forma progressiva a inverter a filosofia. Quando essa inversão acontece entramos no período competitivo. Se no passado assistíamos a uma preocupação quase exclusiva com o corpo no período pré-competitivo, atualmente esta janela temporal é encarada como o momento-chave da

temporada pela possibilidade que esta oferece em termos temporais de trabalhar aquilo que será o modelo conceptual da equipa.

No período competitivo o volume de treino deverá ser menor, mas com intensidade superior. A forma de trabalhar neste período relativamente ao conteúdo é variável consoante o contexto e equipa técnica em questão. Existem equipas que se focam sobretudo no plano conceptual, no plano estratégico ou que englobem os dois.

No futebol de formação, dependendo da fase de formação considerada, o período pré-competitivo não visa uma grande preocupação com a forma física ou com a gestão de cargas. O corpo de um jovem é diferente do corpo de um atleta profissional, não estando o corpo do jovem completamente maturado não existirão as perdas comuns que existem nos atletas maturados. Este período deverá servir para fomentar relações entre atletas e entre equipa técnica e atletas, focando muito na capacidade relacional de todos os intervenientes deste processo. Servirá concomitantemente para trabalhar o conteúdo base, ideias, princípios e subprincípios essenciais nesta fase da época.

Já no período competitivo o foco no resultado não deverá existir. Procurar ganhar, sim, incentivando a competitividade e a superação, mas o grande sucesso é o de formar jovens para serem melhores pessoas e só depois melhores jogadores.

Tendo introduzido alguns conceitos e ideias sobre o processo de treino, apresentarei nos subcapítulos seguintes um pouco do trabalho que foi desenvolvido na época 2018/2019 na equipa de Juvenis A do VSC.

5.2 Volume dos Conteúdos de Treino

Para calcular o volume dos conteúdos de treino e analisar os seus resultados, primeiramente é necessário definir a categorização desses mesmos exercícios. Neste trabalho será utilizada a taxonomia de Castelo (2009) para a sua classificação. Esta classificação de natureza geral e específica hierarquiza os métodos de treino, auxiliando a organização e periodização de conteúdos no processo de treino das equipas (Castelo, 2009).

De acordo com a taxonomia adotada, podemos dividir os exercícios em três grupos (dimensão horizontal): Métodos de Preparação Geral (MPG), Métodos Específicos de Preparação Geral (MEPG) e os Métodos Específicos de Preparação (MEP). Os MPG referem-se aos exercícios que não contemplam a utilização da bola como centro da decisão mental e ação motora do jogador. Os MEPG estabelecem a relação com a bola, mas não

contemplam a concretização do objetivo do jogo de futebol (golo), não contemplando a finalização. Por fim, os MEP que são construídos a partir da lógica estrutural do jogo, integram a concretização do objetivo do jogo e, como tal, a finalização.

Em seguida (tabela 7) demonstra-se a subdivisão (dimensão vertical) de cada um destes grupos de exercícios. A taxonomia apresentada será a utilizada ao longo do capítulo de forma a uniformizar e facilitar a compreensão daquilo que foi o processo de treino.

MPG	MEPG	MEP
Força	Descontextualizados	Finalização
Resistência	Manutenção da Posse de Bola (MPB)	Metaespecializados
Velocidade	Circuito	Padronizados
Flexibilidade	Lúdico-Recreativos	Sectores
-	-	Situações Fixas
-	-	Competitivos

Tabela 7 – Dimensão vertical dos exercícios de treino segundo Castelo (2009).

Segundo Castelo e Matos (2013) dentro dos MPG temos os exercícios de força que estimulam a força máxima, a força rápida e a resistente. Temos ainda os exercícios de resistência que contemplam um trabalho da vertente aeróbia e anaeróbia, láctica e aláctica, assim como os exercícios de velocidade que englobam a velocidade de reação, a velocidade máxima e a velocidade resistente e por último os exercícios de flexibilidade que são distinguidos em flexibilidade ativa ou passiva (Castelo & Matos, 2013).

Já para os MEPG, os autores referem que os exercícios descontextualizados não têm em conta as diferentes realidades situacionais que o jogo de futebol contempla, existindo o isolamento de um ou mais comportamentos táticos e técnicos a executar.

Os MPB são caracterizados pela criação de condições que objetivem resoluções táticas em que a posse de bola é o comportamento a adotar. Os exercícios em circuito são compostos por um conjunto, mais ou menos alargado, de estações metodológicas colocadas de forma estratégica no espaço de treino e diferenciadas pela execução de ações motoras de carácter específico e não específico. Já os lúdico-recreativos promovem o aperfeiçoamento técnico, o espírito de grupo e criam condições para minimizar as tensões resultantes dos cenários pré e pós-competitivos (Castelo & Matos, 2013).

Na última dimensão horizontal, os MEP, os exercícios de finalização procuram potenciar o comportamento tático-técnico de remate em momentos sucessivos. Os metaespecializados são construídos na base dos diferentes contextos situacionais e têm como intenção potenciar as missões tático-técnicas de determinados jogadores, as quais derivam do seu estatuto dentro da organização da equipa. Os exercícios padronizados são desenhados na base do modelo de jogo estabelecido e nos contextos situacionais em que se desenvolve a competição. Já os exercícios de sectores, ou sectoriais, promovem situações do jogo em que se aperfeiçoa os comportamentos entre sectores distintos. As situações fixas são construídas na base das situações de bola parada, onde se estuda e treinam soluções estereotipadas e, por último, os exercícios competitivos são aqueles que mais se assemelham à essência e natureza competitiva do jogo, sendo por isso os exercícios mais próximos de retratar as condições reais do jogo de futebol (Castelo & Matos, 2013).

Decidi que os exercícios competitivos seriam contabilizados na sua forma máxima como defende Castelo e Matos (2013), mas também os exercícios com formas mais reduzidas e representativas de condições aproximadas à realidade do jogo seriam denominados nesse formato (Castelo & Matos, 2013). Situação semelhante nos exercícios de sectores, em que defini que os exercícios em que se trabalhe os comportamentos de um sector, como a linha defensiva, também seriam incluídos nesta categoria.

Definida a taxonomia adequada para o efeito, estamos em condições de analisar o processo de treino da equipa ao longo da época.

5.2.1 Macroциclo do Período Pré-Competitivo

Neste subcapítulo irei quantificar em termos percentuais o volume de conteúdos de treino operacionalizados no período pré-competitivo. A intenção será, através dos resultados alcançados, analisar aquilo que foi feito ao longo da época e posteriormente comparar o trabalho realizado em dois períodos diferentes.

No gráfico que se segue (gráfico 1) está representado o volume dos conteúdos de treino operacionalizados no Período Pré-Competitivo, composto por 4 microциclos e 24 unidades de treino realizadas de 16 de Julho a 12 de Agosto de 2018. O volume de tempo total deste macroциclo foi de 1920 minutos.

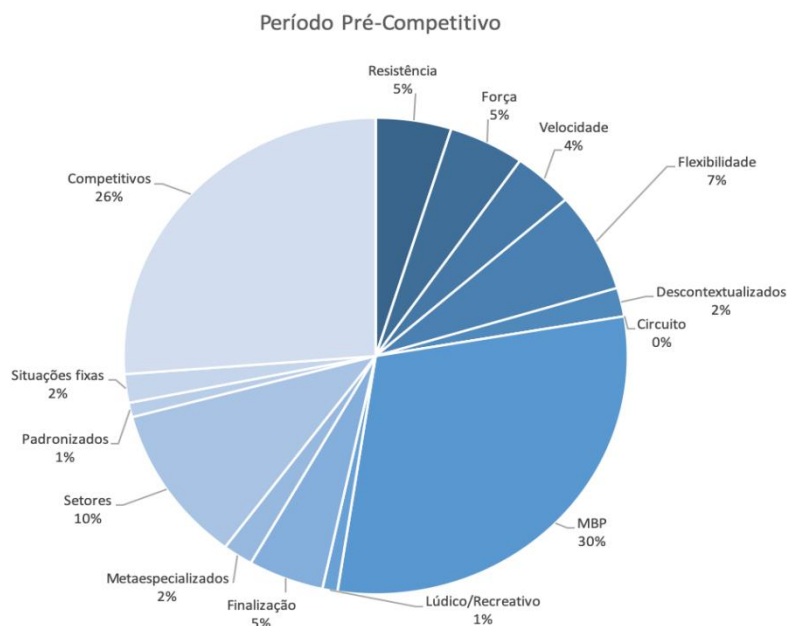


Gráfico 1 - Volume dos Conteúdos de Treino no Período Pré-Competitivo

Através dos resultados obtidos podemos observar que 21%, 403 minutos, do conteúdo de treino incidu nas capacidades condicionais, sendo a flexibilidade a componente que mais se destacou. Este destaque relaciona-se com o facto de no final do treino, no momento de retorno à calma, os exercícios de flexibilidade serem os mais utilizados pela equipa técnica. Importa referir que a equipa técnica prefere trabalhar a resistência, a força e a velocidade de forma integrada, ou seja, trabalhando com outros conteúdos, mas indo de encontro ao regime pretendido.

Contudo o grande foco do processo de treino recaiu em conteúdos tático-técnicos operacionalizados sob a forma de exercícios de MPB, 30% ou 576 minutos, e competitivos, 26% ou 499 minutos. Estes dados vão de encontro à caracterização, já realizada, da ideia e metodologia de treino no futebol de formação do clube. Procurou-se trabalhar os princípios e subprincípios do plano conceptual, do jogo de circulação e posse e do jogo de posição ofensivo através de meínhos, jogos de posição com e sem ligação, jogos reduzidos e sectoriais, 10% ou 192 minutos.

É de assinalar o peso nulo dos exercícios em circuito no processo de treino em período pré-competitivo.

Deve dar-se ênfase ao reduzido volume dos exercícios padronizados que reflete uma filosofia do clube que entende o treino com bola, com tomada de decisão e trabalhando mais do que um fator de jogo em cada exercício.

Podemos concluir que, mesmo no PPC, o foco está no modelar comportamentos do modelo de jogo e a dimensão física será trabalhada de forma preferencial em exercícios de conteúdo tático-técnico. O regime físico poderá e deverá, no nosso entender, ser trabalhado dentro de outro tipo de exercícios variando constrangimentos como o espaço, o número e o tempo.

5.2.2 Macroциclo do Período Competitivo

Neste subcapítulo irei quantificar em termos percentuais o volume de conteúdos de treino operacionalizados no período competitivo. A amostra deste estudo é constituída por 40 microciclos de treino, que na prática são 173 unidades de treino com início a 13 de Agosto de 2018 e terminando a 27 de Junho de 2019, com paragens devido a quadras festivas e competições internacionais de seleções. O volume total deste macroциclo foi de 12975 minutos.

No gráfico que se segue (gráfico 2) encontra-se representado o volume de conteúdos de treino referentes ao Período Competitivo, tendo sido contabilizado a soma dos minutos de cada Período Competitivo.

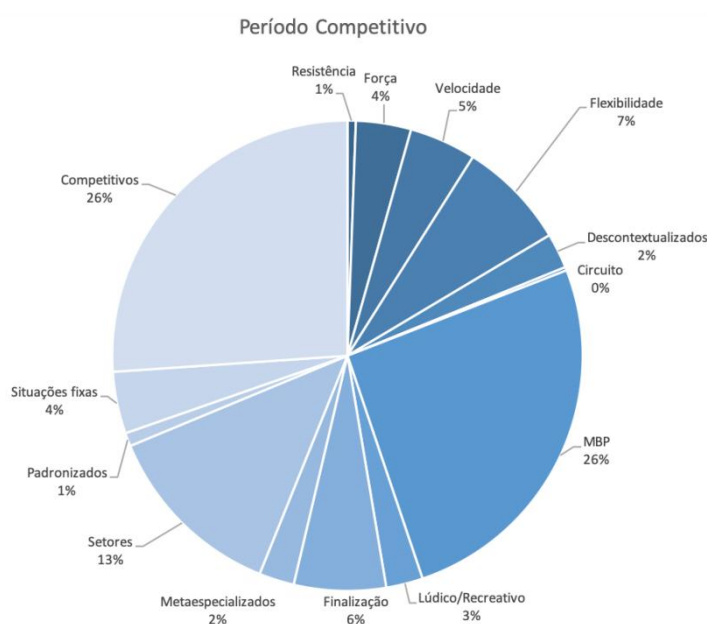


Gráfico 2 - Volume dos Conteúdos de Treino no Período Competitivo

Relativamente aos resultados acima apresentados, podemos verificar que as capacidades condicionais possuem um peso relativo de 17% ou 2206 minutos no processo

de treino. A flexibilidade é novamente a capacidade condicional mais trabalhada, correspondendo a 7% ou 908 minutos, no período competitivo.

Os exercícios competitivos e de MPB são os de maior representatividade, 26% ambos ou 3374 minutos, seguidos pelos sectoriais, 13% ou 1687 minutos. Estes resultados deverão estar mais uma vez no seguimento da filosofia e metodologia de treino presentes na formação do clube.

Destaca-se novamente o peso nulo dos exercícios em circuito. Estes dados correspondem a uma preferência metodológica por parte da equipa técnica.

Desta forma podemos verificar que no período competitivo existiu um predomínio dos métodos específicos, 83% ou 10769 minutos, sobre os métodos de carácter geral, 17% ou 2206 minutos. Os MEP tiveram ainda predomínio, 52% ou 6747 minutos, sobre os MEPG, 31% ou 4022 minutos. A justificação por detrás destes dados prende-se com o privilegiar do trabalho físico mesmo com bola, por exemplo, em contextos situacionais de jogo variando número, espaço e tempo. Também a procura de *transfer* entre treino e jogo leva a que se procure replicar ao máximo aquilo que é e será o jogo seguinte, aumentando a especificidade do exercício e do processo de treino.

No subcapítulo seguinte irá ser aprofundada a análise do processo de treino comparando dois períodos distintos e colocando resultados frente a frente.

5.2.3 Macroциclo do Período Pré-Competitivo vs. Período-Competitivo

A relevância deste estudo prende-se com a determinação das variáveis semelhantes e distintas quando comparados dois períodos da época desportiva com propósitos diferentes, visto que no PPC se procura alcançar a forma desportiva dependente do Modelo de Jogo, e que, por outro lado, no PC almeja-se a manutenção ou um aumento qualitativo progressivo.

O gráfico que se segue (gráfico 3) mostra os resultados obtidos nos dois períodos.

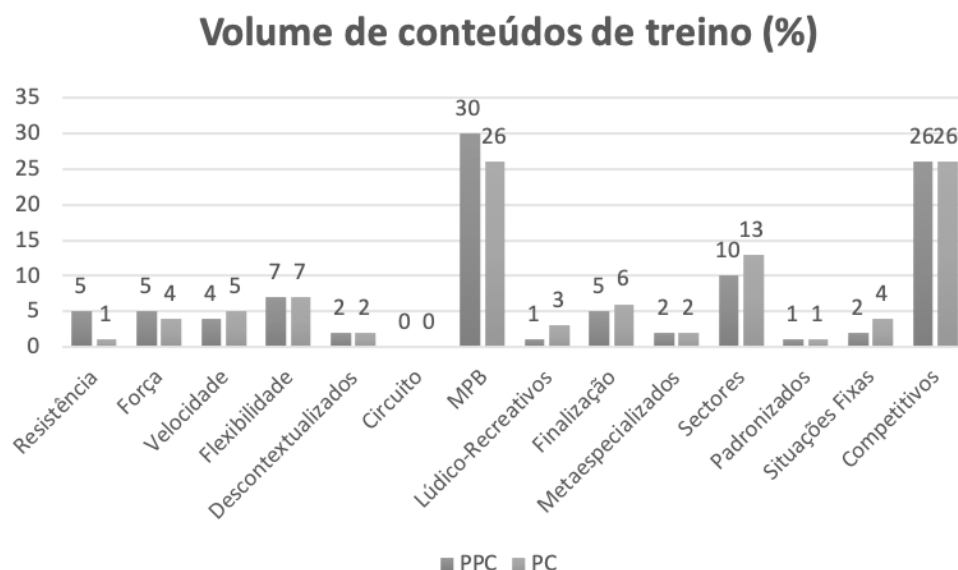


Gráfico 3 – Comparação entre o volume de conteúdo de treino no Período Pré-Competitivo (PPC) e Período Competitivo (PC)

Desta comparação de resultados é observável que a equipa técnica diminui o volume de exercícios isolados de resistência e de força de um macrociclo para o outro. Passando para o período competitivo a equipa técnica muito raramente adotou exercícios isolados para trabalhar os regimes de força e resistência reduzindo a participação das mesmas no processo de treino nesses moldes. A intenção de periodizar sempre com especificidade fez com que a expressão das capacidades condicionais atrás mencionadas, assim como a velocidade, fossem sempre de menor volume, apesar de estarem sempre a ser trabalhadas em exercícios de forma integrada. A velocidade foi a única das capacidades condicionais que aumentou a sua expressividade, contribuindo para tal os exercícios específicos realizados no treino de sexta-feira. A frequência dos exercícios de flexibilidade manteve-se, espelhando a preocupação com a inclusão dos mesmos no retorno à calma.

Os exercícios descontextualizados mantiveram um volume de 2% em ambos os períodos. Este tipo de exercício não foi muito frequente no processo da equipa, todavia quando adotados encaixavam-se sobretudo no momento inicial do treino como exercícios isolados de passe ou drible com o intuito de preparar para o treino.

Os exercícios em circuito não foram utilizados em nenhum dos macrociclos, expressando mais uma vez, a ideia metodológica da equipa técnica.

Os exercícios de MPB foram sempre os mais utilizados, apesar de ter baixado o seu volume em 4% no período competitivo deixando-se igualar pelos exercícios competitivos, 26% em cada período. Este tipo de exercício é muito rico e maleável em

número, espaço, tempo, alvos, entre outros. Ao jogar com estas variáveis conseguimos objetivos diferentes.

Os jogos de posição e meínhos, com e sem ligação, são o exemplo perfeito do exercício padrão utilizado pela equipa técnica para moldar princípios e subprincípios do “nosso jogar” e para potenciar o jogo de posição ofensivo e o jogo de circulação e posse. No entanto, muito provavelmente o processo de treino usou e abusou deste tipo de exercício, principalmente no período pré-competitivo, onde deveria ter sido dado mais tempo a exercícios sectoriais e competitivos. Estes últimos suportariam os comportamentos coletivos mais próximos do plano conceptual.

Se encararmos o treino com uma lógica progressiva do fácil para o difícil, do simples para o complexo e da parte para o todo, podemos concluir enquanto equipa técnica que muitas vezes não foi estimulada a lógica evolutiva, o que poderia ter impedido a predisposição dos atletas para a prática desportiva. Isto teria consequências nefastas no seu processo ensino-aprendizagem.

Os exercícios lúdico-recreativos foram operacionalizados quase de forma exclusiva em treinos pós-jogo ou no dia seguinte ao jogo, pelo que os baixos valores bem como o aumento de volume do PPC para o PC não surpreendem. Apenas os atletas que tivessem jogado mais de 60 é que participavam neste tipo de exercício.

Já os exercícios de finalização praticamente mantiveram a sua expressividade nos dois períodos. A diferença reside no tipo de exercícios de finalização que foram executados, pois no PPC estes eram trabalhados muitas vezes de forma isolada e no PC os exercícios de finalização recaíam maioritariamente sob a forma de ataque às zonas de finalização, vagas para definição em criação dentro e fora nos momentos de organização ofensiva ou de transição ofensiva. Deste forma eram simulados os cenários específicos que se pretendiam ver recriados. No período competitivo a operacionalização deste tipo de exercícios acontecia sobretudo à sexta-feira, procurando trabalhar o micro, depois do macro já trabalhado nas sessões anteriores do microciclo.

Os exercícios metaespecializados com 2% nos dois períodos exemplificam que, apesar da preocupação individual, a incidência foi maioritariamente nos princípios coletivos e só depois no pormenor a nível individual. O potenciar da individualidade aconteceu sobretudo de duas maneiras. No treino em exercícios com foco intrasectorial, sectorial, intersectorial e coletivo, mas com *feedback* para determinados comportamentos individuais e fora do treino com sessões vídeo individuais.

Os exercícios sectoriais foram dos mais utilizados no processo de treino ao longo da época, subindo 3% no PC. A inexistência de uma flutuação ao longo da época demonstra a importância deste tipo de exercícios no processo de treino. No PPC estes foram realizados com o intuito de moldar comportamentos fechando um pouco a forma, do macro para o meso. Foram assim aumentados o número de repetições e das ações pretendidas, controlando melhor os comportamentos coletivos e individuais por redução da forma. Por este motivo deveriam ter sido executados mais vezes.

No PC os exercícios sectoriais para além da manutenção ou aumento qualitativo progressivo do nosso modelo, foram uma ferramenta comum na operacionalização do plano estratégico. Como o processo de treino também se apoia na dimensão estratégica é natural que o volume deste tipo de exercícios tenha aumentado 3%. As limitações espaciais, treinando regularmente em espaços de dimensões mais reduzidos que o espaço efetivo de jogo, levaram a que os sectoriais se tornassem o método favorito na aplicação do plano estratégico. Estes comportamentos deverão ser trabalhados de forma macro, mas perante as dificuldades ou constrangimentos a solução adotada parece-me ajustada.

Os exercícios padronizados tiveram uma representação muito reduzida ao longo da época, cerca de 1%. Este tipo de exercícios são frequentes quando se procura mecanização de comportamentos mais fechados como por exemplo o ataque às zonas predominantes de finalização.

As circulações táticas são muitas vezes utilizadas na procura de trabalhar o jogo de posição ofensivo e defensivo sem “ruído de fundo”, individual e coletivo, bem como o plano estratégico. Embora se utilize mais este tipo de exercícios com esta finalidade no alto rendimento, no futebol de formação também existe essa prática, mas numa escala bastante menor. A reduzida representatividade revela a filosofia de formação do clube e sobretudo as crenças da equipa técnica. Acredito que este tipo de exercícios deveriam ter tido uma expressividade superior, uma vez que conduz ao detalhe de forma mais célere e a partir daí podemos ir complexificando o exercício para que exista um maior *transfer*.

As situações fixas de jogo, ou esquemas táticos, duplicaram a sua importância no PC passando de 2% no PPC para 4%. A equipa técnica nunca deu muito relevo aos esquemas táticos ofensivos e defensivos, apesar de ser nas bolas paradas e na transição ofensiva que a maioria dos golos são obtidos no futebol. Este é um dado curioso e provavelmente se tivessem sido apresentados estudos relativamente ao trabalho dos esquemas táticos e ao sucesso alcançado em jogo, a equipa técnica poderia ter abordado o volume e a qualidade da operacionalização de forma mais pormenorizada.

Este tipo de trabalho pode ser efetuado de forma integrada, em jogos competitivos, em situações em que a bola saia do espaço efetivo de jogo podendo ser assinalado livre lateral, canto, livre direto ou livre frontal para além do lançamento de linha lateral. Ainda assim, a duplicação da aplicação deste tipo de exercícios, de um macrociclo para o outro, deveu-se à adaptação perante o contexto competitivo seguinte. Podemos, deste modo, compreender que em situação competitiva existe uma maior preocupação em trabalhar os esquemas táticos ofensivos e defensivos por parte da equipa técnica, sendo a variável adversário e a adaptação ao mesmo o fator que despoleta tudo isso.

Por último, os exercícios competitivos mantiveram um volume no processo de treino de 26%. Estes valores mostram a importância deste tipo de exercícios ao longo de todo o processo. A par dos exercícios de MPB são os mais significativos, tendo contribuído para isso a ideia de que através destes exercícios existiria maior representatividade e aproximação ao cenário do jogo. Portanto, estes são essenciais para trabalhar os planos conceptual e estratégico. Foram realizados exercícios competitivos de diversas dimensões, de macro a micro.

De forma resumida, verifica-se que em ambos os períodos, existe um predomínio dos métodos de carácter específico sobre os de carácter geral e dentro destes os mais operacionalizados são os específicos de preparação. O princípio da especificidade, segundo a periodização tática, no qual nos baseámos é uma das respostas para estes resultados bastante afirmativos. Segundo este princípio o treino deve ser específico procurando modelar comportamentos que levam à identidade da equipa, sendo que se treina como se joga e joga-se como se treina (Carvalho, Oliveira, & Lage, 2015).

Concluindo que mesmo em macrociclos diferentes e com objetivos ligeiramente distintos, se existir uma metodologia de treino adequada, a variação no volume dos métodos de treino não será especialmente alterada. No futebol profissional esta variação será certamente mais notória do que no futebol de formação.

5.3 Microciclo Padrão

O microciclo poderá ser considerado como o trabalho realizado num período entre três a 14 dias. Comumente o microciclo dura sete dias, no entanto, na periodização tática esta estrutura é denominada de morfociclo (Leite et al., 2016).

A periodização tática é uma conceção de treino que possui uma matriz conceptual que é representada pela intencionalidade coletiva, pelo tático, sustentada em grandes princípios de jogo. É operacionalizada com base na matriz metodológica, suportada por

princípios metodológicos próprios, respeitando um morfociclo padrão com a finalidade de construir um jogar específico (Carvalho, Oliveira, & Lage, 2015).

A organização estrutural do microciclo padrão da época desportiva pertence ao período competitivo (tabela 8). Correspondendo a quatro unidades de treino de terça a sexta-feira e duas sessões de trabalho de ginásio. Relativamente ao trabalho de ginásio, à segunda-feira trabalhava-se a mobilidade e prevenção de lesões e à terça-feira força, hipertrofia e pliometria. A equipa treinou, no campo, predominantemente das 19h30 às 21h00. Já as sessões no ginásio decorreram habitualmente das 18h00 às 18h50. Tanto os treinos no campo como os de ginásio tiveram lugar na academia do VSC.

VSC	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	5ªfeira	6ªfeira	Sábado	Domingo
Manhã	-	-	-	-	-	Folga	Jogo
Tarde	Ginásio 18h	Ginásio 18h Treino 19h30	Sessão Vídeo 18h40 Treino 19h30	Treino 19h30	Sessão Vídeo 18h50 Treino 19h30	Folga	-

Tabela 8 – Organização Estrutural do Microciclo Padrão da Época Desportiva 2018/2019

Apesar do microciclo padrão de Domingo a Domingo apresentado na tabela 8, parece ser necessário fazer referência a desvios padrão ao longo da época.

Nem sempre a equipa técnica teve o auditório do clube disponível para as sessões vídeo referentes à análise do adversário, como tal procurámos fazer face a esta limitação passando as sessões para uma sala de treinadores. Nesta sala as condições nem sempre foram as melhores pelo menor conforto e material de menor qualidade que afetava a qualidade da imagem. Neste cenário, a equipa técnica procurou diminuir o tempo das sessões. As sessões de vídeo do adversário eram da minha responsabilidade.

A sessão vídeo referente à análise do “nosso jogar”, relacionada com o jogo anterior, foi muitas vezes removida do microciclo por questões logísticas como o tempo de demora da chegada das carrinhas que transportavam os atletas ou a impossibilidade de ir ao auditório do clube. Para solucionar este último constrangimento procurámos apresentar, por vezes, a análise do nosso jogo de forma muito reduzida nas sessões de vídeo do adversário, focando os aspetos essenciais a serem corrigidos e os aspetos que necessitam de um reforço positivo. A apresentação deste vídeo era tanto da responsabilidade do treinador principal como minha.

As reuniões individualizadas com os jogadores decorriam segunda e terça-feira e a sua gestão era realizada pelo Treinador Principal procurando marcar as mesmas com os atletas. Estas sessões também eram da minha responsabilidade e do treinador principal.

Os treinos no ginásio e de campo eram muitas vezes afetados pela dificuldade em ter todos os atletas disponíveis às horas pretendidas. O facto de termos muitos jogadores que não residiam em Guimarães, levava a que pudessem surgir problemas deste género pelos atrasos das carrinhas de transporte dos atletas.

Para além do microciclo interessa perceber como a semana de treinos era organizada em termos de conteúdos e regimes.

O morfociclo é o trabalho realizado durante a semana, existindo uma preocupação com a forma deste ciclo. O padrão mantém-se desde o início da época até ao seu término, existindo apenas a exceção do primeiro morfociclo ser de adaptação ao esforço (Leite et al., 2016). Na tabela 9, que se segue, observamos o morfociclo padrão da equipa, também ele pertencente ao período competitivo.

VSC	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	5ªfeira	6ªfeira	Sábado	Domingo
Ginásio	Recuperação Ativa	Tensão da Contração Muscular	-	-	-	Folga	Jogo de Manhã
	-	Subprincípios e Sub-subprincípios	Subprincípios	Princípios	Subprincípios	Folga	Jogo de Manhã
Treino	-	Recuperação Ativa vs. Tensão da Contração Muscular	Tensão da Contração Muscular	Duração da Contração Muscular	Velocidade da Contração Muscular	Folga	Jogo de Manhã

Tabela 9 - Morfociclo Padrão da Época Desportiva 2018/2019

No morfociclo com jogo de Domingo a Domingo não existia treino à segunda-feira, os jogadores realizavam apenas trabalho de ginásio. Os atletas que tivessem jogado no dia anterior executavam um trabalho de menor fadiga, orientado para a prevenção de lesões e mobilidade. Isto de forma a possibilitar uma recuperação ativa dos mesmos e, portanto, mais célere do que a recuperação passiva. A desvantagem prende-se com a fadiga cognitiva que não é contemplada, pois desta forma os jogadores tinham menos um dia de folga. Aos atletas com 30 ou menos minutos de jogo era-lhes dado uma carga mais alta.

À terça-feira o trabalho de ginásio antes do treino tinha como objetivo a força, hipertrofia e pliometria. Este trabalho era realizado por todos os atletas do plantel e a responsabilidade da elaboração das sessões de treino no ginásio pertenciam ao departamento de alto rendimento, mais concretamente ao preparador físico. Na operacionalização deste tipo de sessões o preparador físico era auxiliado à segunda-feira pelos treinadores principal e adjunto, já à terça-feira monitorizava a sessão sozinho. O treino incidia predominantemente na recuperação ativa de quem jogou no jogo anterior e no dar mais carga a quem realizou menos minutos. Este era um treino habitualmente realizado com exercícios reduzidos, como por exemplo, meínhos, competitivos com formas de 1x1 até 4x4 e jogo reduzido com apoios por fora, para quem não jogava ou jogava menos tempo.

Os jogadores com participação no jogo de domingo realizavam apenas corrida contínua uniforme e exercícios lúdico-recreativos como o futevólei, realizando apenas 35 a 50 minutos de treino supervisionados pelo preparador físico. Os jogadores que entraram no jogo e cujo tempo em campo excedia os 30 minutos, também não terminavam o treino, sendo que acabavam por sair na transição após os jogos reduzidos competitivos. Neste treino facultava-se *feedback* a quem necessitava de carga, todavia, não se facultava *feedback* aos atletas que jogaram.

Na quarta-feira o treino voltava a focar a tensão da contração muscular, novamente com exercícios de dimensões reduzidas com mais gente nos exercícios, muitas travagens e mudanças de direção com as paragens adequadas. O *feedback* fornecido era intenso e constante para os atletas, com a intenção de ir de ao encontro do regime trabalhado. Procurávamos comportamentos referentes aos subprincípios do plano conceptual e em muitos momentos também foram trabalhados comportamentos do plano estratégico em dimensões mais reduzidas e com auxílio a jogos de posição com formas menores.

Quinta-feira eram trabalhados os grandes princípios do “nosso jogar” e introduzíamos o plano estratégico no treino. Este era o único dia da semana que sabíamos que iríamos ter um campo de futebol de 11 disponível exclusivamente para nós. De forma muito regular era aqui que realizávamos os exercícios sectoriais e os exercícios competitivos com formas de dimensões superiores, procurando o trabalhar plano conceptual e/ou plano estratégico. Uma vez que eram utilizados espaços mais amplos e com um maior número de jogadores, muito do *feedback* fornecido aos atletas era também de um nível de complexidade superior. Os tempos dos exercícios eram mais longos e com um menor número de séries. Para além do conteúdo específico era neste dia que o treino mais se assemelhava ao jogo, pelo tipo de esforço causado pela duração dos tempos de contração.

A sexta-feira era o último treino da semana antes do jogo e aqui o regime aplicado era o de velocidade da contração muscular. Como tal foram operacionalizados exercícios que solicitassem deslocamentos e execuções rápidas, mas sem um grau de tensão elevado. Os exercícios mais utilizados eram os sectoriais, de finalização e exercícios por vagas que simulam cenários de transições defensiva e ofensiva, maioritariamente esta última e a sua definição. As formas dos exercícios foram executadas com recurso a superioridades numéricas e o espaço utilizado amplo e com tempo de pausa adequado (1:6/1:7). A velocidade de deslocamento foi trabalhada de forma isolada com recurso a exercícios de preparação geral, com estímulos simples e complexos. Neste dia os esquemas táticos ofensivos e defensivos eram sempre trabalhados, mas nem sempre utilizando o regime para o efeito.

Por último, no sábado o plantel gozava de folga para que as suas condições físicas e mentais para o jogo de domingo fossem otimizadas.

Em apêndice IV encontra-se um exemplo de um microciclo padrão no período competitivo.

5.3.1 Microciclo Semanal - Planeamento vs. Operacionalização

A discussão e planeamento do microciclo acontecia segunda-feira da parte da tarde, antes da sessão de ginásio dos atletas. Nesse período a equipa técnica delineava os conteúdos prioritários para a semana de trabalho, cruzando a informação entre a análise do jogo de domingo e a análise do próximo adversário. Neste período, e ao longo da semana, eram recolhidas informações referentes aos diversos departamentos (médico, alto-rendimento e psicologia) para uma melhor planificação. Apesar desta reunião inicial, era impossível delinear todo o microciclo de forma pormenorizada e não ajustar absolutamente nada de dia para dia. Isto, pois basta um atleta lesionar-se ou ser analisado um comportamento do treino anterior que não tenha corrido de forma positiva e os treinos poderão e deverão ser ajustados.

As reuniões da equipa técnica em dias de treino decorriam da parte da tarde, com relativamente pouco tempo de discussão. Para este facto muito contribui a fraca profissionalização que a esmagadora maior parte dos clubes em Portugal proporciona. Este foi claramente um dos pontos mais negativos no processo de treino apesar da competência do trabalho realizado.

Para alargarmos o tempo disponível de discussão e planeamento eram utilizadas ferramentas como a rede social *facebook*, na qual foi criado um grupo com todos os

elementos da equipa técnica apesar de este não substituir de forma alguma a discussão presencial.

Ainda que existissem alguns constrangimentos na discussão e planeamento do microciclo e das unidades de treino de forma diária, considero que os verdadeiros problemas residiram na operacionalização do treino. Em dias de foco aquisitivo, normalmente de quarta a sexta-feira, faltou maior *feedback* durante os exercícios assim como o parar da prática para fornecimento de *feedback* e demonstrações. Faltou ainda instruir e demonstrar com mais qualidade, aquando da introdução ao exercício, para que o treino pudesse ser mais eficaz e eficiente. Desta forma não se perderia tempo útil até que os comportamentos desejados aparecessem.

O *feedback* e a demonstração são instrumentos essenciais na passagem de informação aos atletas. Tanto uma como a outra foram em certa medida desleixadas. Dentro do *feedback* deveria ter sido dado mais do tipo interrogativo, descritivo e até prescritivo.

Importa referir que se a análise dos jogos ajuda a refletir sobre o processo de treino, a análise ao treino ajudará com certeza a encontrar mais informação útil que potencie o crescimento de todos os envolvidos. Tendo em conta os recursos materiais disponibilizados pelo clube e pelo departamento de observação e análise, nem sempre a equipa de sub-17 conseguiu ter os seus morfociclos filmados e como tal essa análise minuciosa não era permitida na sua plenitude.

5.4 Controlo de Treino e Lesões

O controlo de treino foi realizado pelo preparador físico utilizando a Escala de Borg para a recolha da perceção de esforço. A duração dos treinos era também contabilizada para o cálculo de cargas agudas, crónicas e da monotonia.

Mesmo periodizando e controlando de forma competente as cargas de treino, o fenómeno das lesões surge de forma natural durante a época desportiva. Foi uma época muito longa que abrangeu praticamente o período de um ano, aumentando o risco de lesão para os atletas. O registo de lesões da equipa de Juvenis A do VSC durante o período de estágio encontra-se na base de dados do departamento médico do clube que auxilia as equipas técnicas sempre que as mesmas solicitam informação relativamente a algum caso clínico.

Capítulo VI - Processo Competitivo

Neste capítulo pormenorizar-se-á o contexto competitivo em que a equipa de sub-17 do VSC se inseriu, juntamente com o calendário competitivo, a evolução da classificação e dos resultados ao longo da competição. Mais ainda se descreve o volume competitivo dos atletas, a análise individual do mesmo e a caracterização das rotinas em dia de jogo e pré-jogo com contexto de estágio.

6.1 Caracterização do Contexto Competitivo

O objetivo competitivo da equipa de estágio foi almejar a 3ª fase do Campeonato Nacional Juniores B. Na 1ª fase a equipa não sentiu dificuldades para se apurar, pois, desde a 1ª jornada estivemos em posição de apuramento. Na maior parte dos jogos realizados a equipa demonstrou muita qualidade e criatividade nos comportamentos individuais e coletivos com bola, alcançando 50 golos nesta fase da competição.

A 2ª fase - Apuramento Campeão já pode ser caracterizada como um contexto competitivo de dificuldade para uma equipa como a nossa. Apesar de existir muita qualidade individual e coletiva, as ameaças que a qualidade das equipas que lutam pelo mesmo objetivo representam tornam o apuramento para a fase final um objetivo difícil. A 1ª volta desta fase foi bastante positiva e conseguimos ir para a 2ª volta em posição de apuramento direto para a fase final, tendo somado apenas uma derrota nos primeiros sete jogos, com 20 golos marcados e 13 golos sofridos. No entanto a 2ª volta foi muito árdua, apenas somámos nove pontos, com oito golos marcados e nove sofridos. Estes números espelham a dificuldade pela qual passámos durante a 2ª volta.

Considero que aspetos de cariz psicológico e de competências de liderança estiveram no cerne deste menor rendimento, sem nunca obliterar os comportamentos individuais e coletivos que tinham de ser potenciados e melhorados. Contudo a equipa conseguiu o seu grande objetivo competitivo e apurou-se de forma direta para a 3ª fase do Campeonato Nacional na última jornada, beneficiando da derrota do Clube Futebol Os Belenenses (CFB) na zona sul e ficando como 3º melhor classificado.

A 3ª fase, ou fase final do Campeonato Nacional de Juniores B reúne aquelas que são em teoria as seis melhores equipas nacionais. Nesta fase da competição o objetivo que a equipa técnica e a direção abraçaram foi o de alcançar o 4º lugar, sabendo de antemão quão difícil era chegar a essa meta. O 5º lugar era a classificação mais realista que a equipa poderia ambicionar e falhando a 1ª meta este 5º lugar seria sempre positivo. A mensagem passada aos atletas foi o de se valorizarem individual e coletivamente, impondo um jogo de protagonismo com bola e procura da vitória jogo a jogo. Foi uma 3ª fase onde poderíamos e

deveríamos ter pontuado mais, assim como deveríamos ter adotado comportamentos com mais qualidade nos momentos de organização e transição defensivas.

A equipa teve apenas uma vitória em 10 jogos, 13 golos marcados e 30 sofridos num contexto de elite. Ainda assim foi um momento rico em experiências e vivências para os atletas e para a equipa técnica.

No final alcançámos o 5º lugar nacional e conseguimos uma valorização pessoal e coletiva assinalável, prova disso são as transferências de jogadores e elementos da equipa técnica que acabaram por acontecer no final da temporada.

6.2 Calendário Competitivo

Na tabela 10 podemos ver o calendário competitivo referente à 1ª fase do Campeonato Nacional de Juniores B, série A. A dificuldade teórica do contexto dos jogos foi classificada do seguinte modo: C - Favorável; B - Competitivo e A - Adverso.

Jornada	Data	Adversário	Campo	Contexto
J1	19/08/2018	GD Chaves	Campo nº5. Academia VSC	C
J2	26/08/2018	Famalicão	Campo nº1. Academia F.C. Famalicão	B
J3	01/09/2018	SC Braga	Campo nº5. Academia VSC	B
J4	16/09/2018	Rio Ave	Campo de Treinos nº1 Rio Ave F.C	B
J5	23/09/2018	Barroselas	Comp. Des. Barroselas Campo nº1	C
J6	30/09/2018	Palmeiras	Campo nº5. Academia VSC	C
J7	20/10/2018	Cachão	Campo Desp. Da Reginorde	C
J8	27/10/2018	Moreirense	Campo nº5. Academia VSC	C
J9	04/11/2018	Gil Vicente	Estádio Adelino Ribeiro Novo	C
J10	11/11/2018	Paços de	Campo nº5.	C

		Ferreira	Academia VSC	
J11	18/11/2018	Vianense	Campo nº2 Estádio Dr. José Matos	C

Tabela 10 – Calendário Competitivo da 1ª Fase do Campeonato Nacional de Juniores B, série A.

É observável que o conhecimento da equipa técnica no que concerne ao contexto competitivo e valor da sua própria equipa levou a uma avaliação acessível nesta 1ª fase. Isto foi positivo por um lado porque aumentámos as probabilidades de sucesso no apuramento para a fase seguinte, e menos positivo porque um contexto de reduzido grau de complexidade os problemas levantados à nossa equipa ou são menores, ou então de fácil resolução. Poderia ser prejudicial no processo evolutivo dos atletas, no entanto, com a evolução de fases existe também uma evolução progressiva no contexto competitivo, permitindo-se com um processo adequado um desenvolvimento positivo dos atletas.

Na tabela 11 está representado o calendário da 2ª Fase - Apuramento Campeão na Zona Norte.

Jornada	Data	Adversário	Campo	Contexto
J1	09/12/2018	Porto	Campo nº 5. Academia VSC	B
J2	16/12/2018	Boavista	Parque Desportivo Ramalde	B
J3	23/12/2018	Padroense	Campo nº 5. Academia VSC	C
J4	30/12/2018	Rio Ave	Campo de Treinos nº 1 Rio Ave F.C	B
J5	06/01/2019	Tondela	Campo nº 5. Academia VSC	C
J6	13/01/2019	Chaves	Comp. Desp. Francisco Carvalho	C
J7	20/01/2019	Braga	Campo nº 5. Academia VSC	B
J8	27/01/2019	Porto	Campo Principal Ctfd Porto Gaia	A
J9	02/02/2019	Boavista	Campo nº 5. Academia VSC	C

J10	17/02/2019	Padroense	Campo Treinos Padroense F.C	B
J11	23/02/2019	Rio Ave	Campo nº 5. Academia VSC	B
J12	02/03/2019	Tondela	Parque Jogos Bairro Novo	B
J13	05/03/2019	Chaves	Campo nº 5. Academia VSC	C
J14	10/03/2019	Braga	Campo nº 1 Cidade Desportiva SC Braga	A

Tabela 11 - 2ª Fase - Apuramento do Campeão na Zona Norte

A análise antecipada à 2ª fase fez prever um contexto de dificuldade bastante superior à da 1ª fase. Observando a tabela 11, verificamos uma avaliação onde a 2ª volta desta competição é assinalada como de maior dificuldade do que a 1ª volta. O contexto casa/fora e o momento das equipas são alguns dos motivos que levam a esse registo.

A 3ª fase seria sempre um campeonato de grande dificuldade para a nossa equipa. Uma prova curta entre as seis melhores equipas do país, jogadores com muito talento e potencial, para além de clubes e equipas muito bem estruturadas e organizadas. A tabela 12 mostra aquilo que foi o calendário nesta fase, bem como a dificuldade inerente a cada encontro.

Jornada	Data	Adversário	Campo	Contexto
J1	31/03/2019	Porto	Campo nº5. Academia VSC	B
J2	07/04/2019	Belenenses	Campo Major Batista Silva	B
J3	13/04/2019	Sporting	Campo nº5. Academia VSC	B
J4	19/04/2018	Benfica	Benfica Campus- Campo nº1	A
J5	25/05/2019	Braga	Campo nº5. Academia VSC	B
J6	01/06/2019	Porto	Estádio Dr. Jorge Sampaio	B

J7	09/06/2019	Belenenses	Campo nº5. Academia VSC	B
J8	16/06/2019	Sporting	Cgd Stadium Aurélio Pereira	A
J9	23/06/2019	Benfica	Campo nº5. Academia VSC	A
J10	27/06/2019	Braga	Campo nº1 Cidade Desportiva SC Braga	A

Tabela 12 - 3ª Fase – Campeonato Nacional de Juniores B

É perceptível a dificuldade bastante elevada deste ciclo de jogos. A paragem significativa da competição entre a 4ª e a 5ª jornada é um dado extremamente relevante. Muito poderá acontecer nesse intervalo como lesões, perda de forma física e tática ou fatores externos influenciadores do rendimento desportivo dos jogadores.

Terão de ser estudados novos moldes para que esta competição e o campeonato da europa de seleções na categoria de sub-17 não coincidam desta forma uma vez que este cenário poderá influenciar bastante o último mês de competição.

6.3 Evolução da Classificação e dos Resultados ao Longo do Campeonato

Para demonstrar a evolução dos resultados desportivos ao longo da temporada é necessário dividir as três fases competitivas em que participámos. O gráfico 4 representa a variação classificativa durante a 1ª fase na série A do Campeonato Nacional de Juniores B.

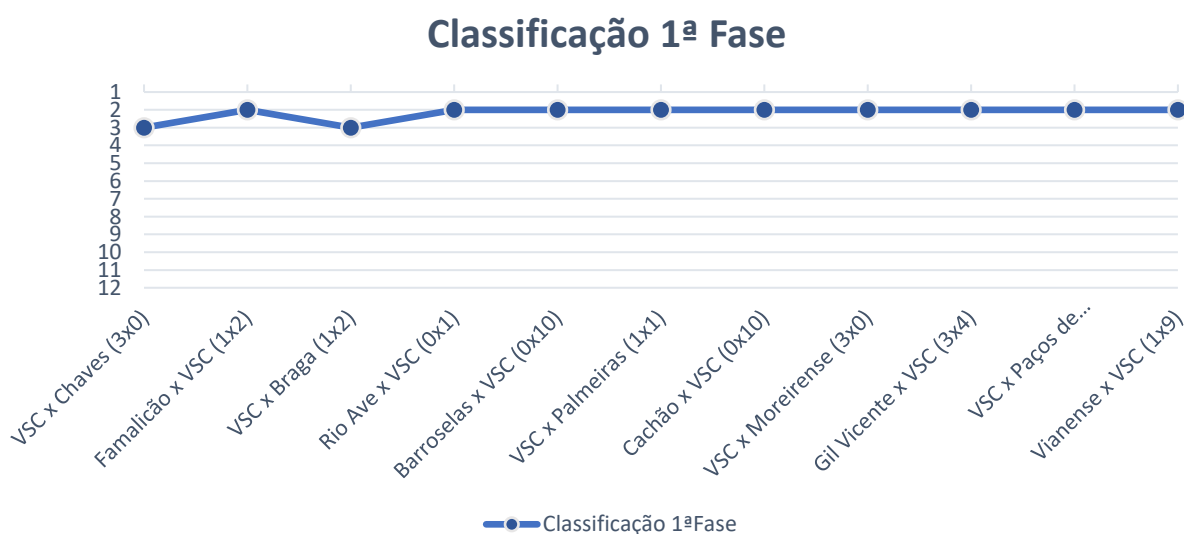


Gráfico 4- Variação Classificativa durante a 1ª Fase

No gráfico é visível uma flutuação quase nula em termos classificativos, demonstrando um contexto competitivo acessível e competência de todos os envolvidos no processo. A equipa somou nesta fase nove vitórias, um empate e apenas uma derrota, mostrando facilidade na concretização do objetivo do jogo, com 50 golos marcados. O melhor marcador e 3º melhor marcador desta fase foram atletas da nossa equipa, os dois avançados somaram 14 e nove golos respetivamente.

No entanto, os 11 golos sofridos neste contexto, numa média de um golo concedido por jogo, suportaram a ideia de que alguns comportamentos defensivos tinham de ser melhorados. Contudo, os golos sofridos não se esgotam em comportamentos menos positivos em organização e em transição defensivas.

Em organização ofensiva a ideia que preconizamos, o método de jogo ofensivo escolhido, o tipo de ligações priorizadas, os princípios, subprincípios e comportamentos de antecipação de cenário, como prever a perda, influenciam os comportamentos defensivos. Trata-se da fluidez que o jogo representa, ou a sua característica de natureza inquebrantável.

O gráfico 5 demonstra a variação classificativa da equipa ao longo da 2ª fase, apesar de não ser totalmente esclarecedor quanto às dificuldades pelas quais passámos para atingir as metas propostas, não deixa de ser ilustrativo relativamente às possibilidades competitivas.

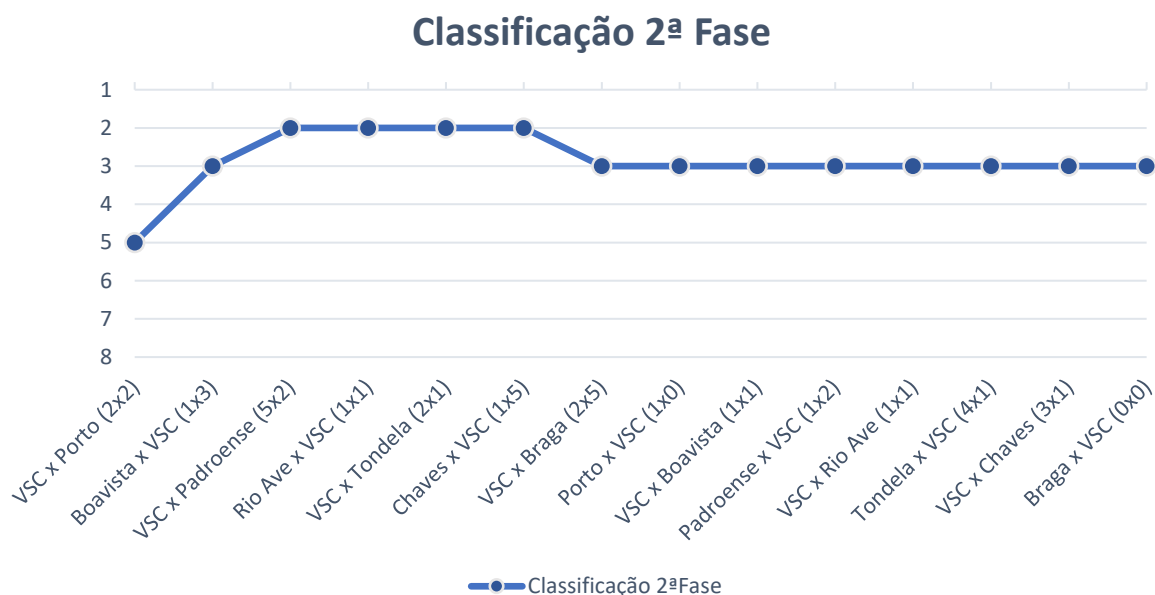


Gráfico 5 – Variação Classificativa durante a 2ª Fase.

Podemos observar no gráfico acima representado que a 2ª fase foi mais competitiva do que a 1ª fase. Rapidamente a equipa subiu à 2ª posição do campeonato, dando acesso direto à fase seguinte. Na 1ª volta a equipa teve um claro sucesso no que diz respeito aos resultados e classificação. Alcançando 14 pontos nas sete primeiras jornadas, com um total de quatro vitórias, dois empates e uma derrota, com 20 golos marcados e 13 sofridos.

Na 2ª volta a evolução dos resultados foi muito distinta daquilo que vinha sendo o período competitivo até então. A equipa apresentou muito maiores dificuldades em ganhar. Acredito que o jogo da 7ª jornada em casa contra o Sporting Clube Braga (SCB) foi o ponto de viragem uma vez que perdemos em casa (2x5) contra um histórico rival e apesar de ser um jogo do futebol de formação em que grande parte dos atletas não é afeto ao clube que representa, a dimensão psicológica não deixa de ser afetada. Estes jovens atletas compreendem a responsabilidade de defender este emblema, este clube. Evidentemente que não foi apenas a dimensão psicológica a justificar estes resultados.

Enquanto analista acredito muito naquilo que são os comportamentos tático-técnicos, e se quando ganhávamos não estava tudo bem quando perdemos também não está tudo mal. O balanço emocional encontra-se através daquilo que é a observação e interpretação do que fazemos e não em função dos resultados.

Apesar de tudo, este foi muito provavelmente o ponto de quebra da época a nível de resultados. O calendário competitivo da 2ª volta também era de uma complexidade superior que já tínhamos antecipado e na verdade concretizou-se aquilo que prevíamos.

Na 2ª volta somámos apenas duas vitórias, três empates e duas derrotas. O registo de golos marcados baixou em mais de 50% com apenas oito golos marcados. Sofremos nove golos levando a uma diferença de golos negativa (-1) nesta volta. Depois da derrota fora frente ao Tondela à 12ª jornada a equipa ficou sem o acesso direto à 3ª fase, apesar da posição de ida ao *play-off* estar praticamente assegurada, devido à vitória do CFB no campeonato da zona sul. Foi apenas na última jornada frente ao SCB com um empate, e beneficiando da derrota do CFB, que garantimos o apuramento direto para a 3ª fase evitando mais fadiga, fruto de viagens e três jogos adicionais.

Na 3ª fase seria sempre de esperar um contexto competitivo de grau de dificuldade e complexidade elevadas. O gráfico 6 ilustra aquilo que foi o desenvolvimento em termos de resultado ao longo desta fase final.

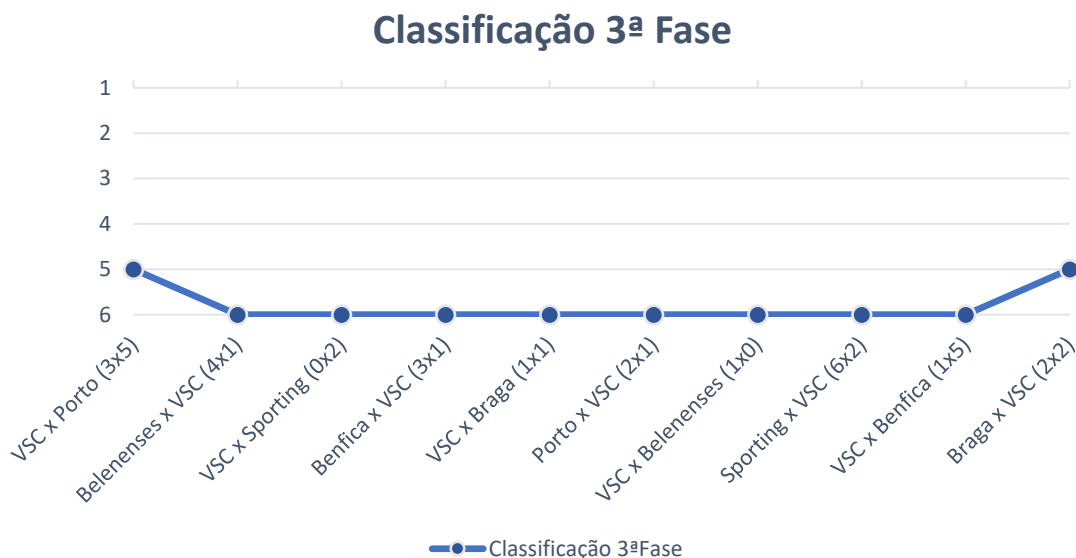


Gráfico 6 - Variação Classificativa durante a 3ª Fase.

A reta acima representada é sinónimo de uma regularidade de nível baixo em termos de resultados pontuais e portanto também classificativos. A equipa teve um saldo de sete derrotas, dois empates e uma vitória na derradeira fase competitiva. Dos cinco pontos alcançados, quatro foram conseguidos em casa e apenas um fora. Os únicos três pontos foram obtidos em casa na vitória frente ao CFB, num total de 13 golos marcados e 30 golos sofridos.

Fomo, deste modo, a equipa que mais golos concedeu neste campeonato, confirmando novamente as análises anteriores relativas a alguns comportamentos menos competentes do ponto de vista coletivo e individual. Deve criticar-se o nosso processo por não termos sido capazes de suprimir essas dificuldades, isto sem esquecer que estávamos num contexto onde ter sucesso nunca seria algo fácil.

Curiosamente a equipa alcançou o 5º lugar nacional após um empate fora de casa frente ao SCB na última jornada, ultrapassando mais uma vez o CFB na classificação da 3ª fase. Este é claramente um cenário com algumas semelhanças com a última jornada da 2ª fase.

De resto, a equipa esteve de forma frequente na 6ª posição visto que ocupámos o 5º lugar somente por duas ocasiões, ao fim da 1ª jornada e no fim do campeonato. Importa

fazer referência à paragem do campeonato na 4ª jornada por um período superior a um mês, sendo uma informação importante para entender como se poderia, ou pode, analisar os resultados a partir de então. As classificações integrais de cada fase encontram-se em anexo. Em anexo I pode ver-se a classificação final do VSC na 1ª fase, na 2ª fase em anexo II e na 3ª fase em anexo III.

Este Campeonato Nacional de Juniores B é uma prova muito longa como já foi referido anteriormente, mas todas as vivências pelas quais passámos, técnicos e atletas, torna-nos mais ricos e com mais faculdades para encarar-mos os desafios futuros.

A direção e equipa técnica estão de acordo quanto ao sucesso desta época desportiva. O apuramento direto para a 3ª fase e 5º lugar no campeonato nacional de sub-17 contribuiu para este sucesso competitivo. Do ponto de vista individual houve uma valorização dos atletas, várias chamadas durante a época às seleções nacionais de sub-16 e sub-17, e transferências para clubes com condições superiores. Por último, alguns elementos da equipa técnica foi promovidos a desafios superiores.

6.4 Volume Competitivo e Análise Competitiva Individual

A equipa de sub-17 do VSC participou num total de 35 jogos oficiais na temporada 2018/2019, perfazendo 2800 minutos em competição. A 1ª fase com 880 minutos de competição, 2ª fase com 1120 minutos e a 3ª fase 800 minutos. Importa referir que vários jogadores fizeram parte do plantel de Juvenis A, uma vez que ao longo do processo houve atletas que foram transferidos, outros contratados e ainda alguns que a equipa técnica decidiu chamar do escalão sub-16.

Na 1ª fase do campeonato a equipa tinha três atletas estrangeiros que ainda não estavam inscritos nas competições e estavam por isso inviabilizados de contribuírem em jogo, sendo que os tempos de utilização variaram entre 48 a 880 minutos. O lateral esquerdo Hélder Sá foi o único totalista. Apenas dois atletas do plantel não jogaram durante esta fase, uma vez que ambos os jogadores sofreram lesões graves que também lhes reduziram a possibilidade de alcançar sucesso individual. O defesa João Cruz foi um desses jogadores e acabou por ser transferido de forma definitiva em Janeiro de forma a poder jogar com regularidade.

Como já foi referido anteriormente, dois dos nossos jogadores foram dos melhores marcadores da 1ª fase - série A. Os avançados Rúben Marques e João Resende, com 14 e nove golos cada, sagraram-se respetivamente melhor marcador e 3º melhor marcador.

Para a 2ª fase o plantel pôde contar com a inscrição de dois dos três atletas estrangeiros, acabando por serem uma ajuda importante na caminhada coletiva até à fase final. Os tempos de utilização dos atletas variaram de 17 a 1120 minutos. Dois dos jogadores do plantel foram totalistas, o defesa central David Branco e o lateral esquerdo Hélder Sá. Já quatro dos jogadores não fizeram qualquer minuto, sendo estes dois guarda-redes e dois defesas centrais. O avançado Rúben Marques voltou a marcar presença na lista de goleadores, com nove golos ficou em 2º lugar empatado com outro atleta e apenas a um golo do melhor marcador da zona norte.

Na 3ª fase os minutos de utilização no plantel estiveram situados entre os 13 e os 800 minutos. Os defesas centrais Mário Rui e David Branco cumpriram com todos os minutos da competição. Por outro lado, esta foi a fase onde mais jogadores acabaram sem minutos de jogo, mais precisamente, cinco jogadores. O avançado Rúben, com apenas um golo nesta fase, acabou ainda assim como 3º melhor marcador do campeonato nacional empatado com outro jogador tendo marcado 24 golos cada.

Por último, o jogador mais utilizado foi o defesa central David Branco, que realizou 2720 minutos. Apenas dois jogadores não cumpriram qualquer minuto durante todo o campeonato, um guarda-redes e um dos atletas estrangeiros que acabou por não ser inscrito. Este tipo de informação estatística como os minutos, condição, golos e castigos foi recolhida pela equipa técnica ao longo do campeonato e pode ser consultada de anexo IV a IX para maior detalhe.

6.5 Dia de Jogo

A grande maioria dos jogos do campeonato nacional de juniores B em que participámos realizaram-se domingo às 11 horas da manhã. A hora de concentração dos jogos em casa foi habitualmente de 1h30 minutos antes do jogo começar. Nos jogos fora a hora de concentração variava em função da distância do deslocamento, desde 1h45 minutos até 4h25 minutos antes do início do encontro. A equipa técnica tomava o pequeno almoço de forma conjunta uma hora antes da concentração, era um momento de confraternização que nos ajudava a libertar a mente para a fadiga cognitiva e física que também nós sentimos mesmo em situações pré-jogo. Os jogadores tomavam o pequeno almoço em casa, só aqueles que habitavam em instalações próprias do clube é que comiam na cantina do complexo.

As deslocações mais longas que a equipa fez em dia de jogo foram para Chaves e para Tondela. As viagens nos jogos fora fizeram-se sempre em autocarro reservado para o

feito. O clube tem de resto uma parceria com uma agência que facilita este tipo de questões logísticas.

Para Chaves a equipa concentrou-se às 07h30 minutos tendo jogo às 11h00. A saída era efectuada normalmente 20 minutos após a hora da concentração, foi uma viagem de 1h30 minutos tendo a equipa chegado ao local de jogo perto das 09h35 minutos.

A deslocação para Viseu foi a mais fatigante uma vez que a equipa teve de reunir 4h25 minutos antes do jogo. Com jogo às 15h00, a equipa concentrou-se na academia do clube às 10h35 minutos, tendo sido realizada uma paragem para almoço num restaurante antecipadamente reservado pela direção do clube. O horário de almoço foi definido pelo departamento médico e de nutrição, ajudando a que todos os atletas pudessem estar em condições ótimas para a prática da modalidade. A chegada ao campo adversário deu-se às 13h45min.

Para evitar fadiga desnecessária em dia de jogo, é natural que por exemplo em jogos da 3ª fase contra equipas como o SLB, Sporting Clube Portugal (SCP) ou CFB tenhamos ido para Lisboa um dia antes do jogo. Realizámos unicamente três estágios durante a época desportiva, tendo sido nos jogos fora contra as equipas acima mencionadas.

Nas tabelas 13 e 14, segue o programa de estágio para o jogo contra o SLB.

18/04/2019

PLANEAMENTO DO DIA ANTERIOR AO DIA DE JOGO

14H30	Hora da Concentração
15H00	Saída Autocarro
16H55	Curta Paragem Durante a Viagem
20H00	Chegada ao Hotel na Costa Caparica
20H15	Jantar
21H00	Curta Sessão Vídeo
21H15	Passeio
22H10	Hora de Recolha para os Quartos

Tabela 13 – Planeamento do dia anterior ao dia de Jogo

A alimentação em estágio era controlada pelo elemento responsável do departamento médico.

Já a sessão de vídeo era curta e tinha como objetivo tocar nos pontos essenciais de preparação para o jogo. A realização do vídeo era da responsabilidade do estagiário e a sessão vídeo era partilhada com o treinador principal. Eu analisava os comportamentos numa dimensão mais tático- técnica, apesar dos comportamentos estarem impregnados

em todas as dimensões. O treinador principal incidia maior foco na dimensão psicológica no final da sessão onde eram realizadas atividades com a colaboração/responsabilidade do departamento de psicologia.

Tendo em conta que a sessão vídeo de análise do adversário já tinha sido realizada, esta sessão servia para reforçar determinados comportamentos. Normalmente era feito um vídeo de curta duração com ações do plano estratégico em treino e comportamentos do adversário anteriormente analisados em vídeo.

19/04/2019

PLANEAMENTO DO DIA DE JOGO

08H30	Pequeno Almoço
09H15	Saída Autocarro
09H40	Chegada ao Campo
09H45	Ver o Campo
10H00	Recolha aos Balneários
10H10	Palestra
10H17	Ida dos GR's para o Aquecimento
10H22	Ida dos Jogadores de Campo para o Aquecimento
10H47	Fim do Aquecimento
11H00	Começo do Jogo

Tabela 14 – Planeamento do Dia de Jogo

Após o término do jogo, os atletas tomavam banho e comiam um lanche. A equipa deslocava-se para o hotel de estágio para almoçar e realizar o *checkout*, viajando de autocarro para a academia do VSC. Todas as deslocações descritas neste período são efetuadas pelo mesmo autocarro.

Tanto nos jogos em casa como nos jogos fora a equipa pisava e observava o estado do campo onde ia jogar.

A recolha aos balneários era feita cerca de uma hora antes do jogo começar e os jogadores tinham aproximadamente oito minutos para se equiparem. A palestra era da responsabilidade do treinador principal, ocupando cerca de 12 minutos. O treinador de guarda-redes e os dois guarda-redes convocados saíam para aquecimento cinco minutos antes da restante equipa. O aquecimento era planeado para ser realizado aproximadamente de 22 a 25 minutos. A recolha ao balneários para identificação dos jogadores teria de ser realizada 13 minutos antes do apito inicial.

Depois de terminado o jogo os atletas tomavam banho, comiam e podiam gozar do restante tempo de forma livre.

Este tipo de planeamento ao minuto nunca é fácil de concretizar, todavia ajuda-nos a controlar aquilo que fazemos criando também uma falsa sensação de controlo para o jogo, pois o jogo é de natureza caótica, reversível e aleatória. Aquilo que para todos nós na realidade trabalhamos é nada mais nada menos que um caos mais controlado.

Capítulo VII - Observação e Análise: Qual o contributo da Metodologia das *Networks* em Situação Prática?

No capítulo seguinte será apresentado, e desenvolvido, o tema de estudo do relatório de estágio.

Parece ser um tema pertinente por encaixar em larga escala na operacionalização do meu trabalho enquanto analista, sendo que a utilização da metodologia das *networks* irá permitir-me entender outras ferramentas e desenvolver a minha prática, bem como, perceber em que medida esta metodologia poderá fornecer informação relevante ao analista.

7.1 Resumo

O presente estudo teve como objectivo entender de que maneira a metodologia das *networks* e a área da observação e análise se poderão relacionar e também qual o contributo, ou relevância, das *networks* para um maior conhecimento do jogo na área da observação e análise. Desta forma, poderei incrementar as minhas competências enquanto analista entendendo as valências desta ferramenta.

Para isso foram observados e analisados dois jogos do VSC A, da 15ª jornada à 16ª jornada da Liga NOS, na época 2018/2019, frente ao CDN e Belenenses SAD. Com a informação das *networks* e posicionamento médio referentes a estes jogos, cedido pelo *wyscout*, foi possível proceder à observação e análise dos jogos e estudar as variáveis resultantes de cada uma destas abordagens.

Efectuou-se o cruzamento dos dados resultantes de cada tipo de abordagem e comparou-se a natureza informacional proveniente das *networks* e da observação e análise. Após a comparação desses resultados foi possível chegar à conclusão que a metodologia das *networks* não contribui de forma significativa mas poderá auxiliar a observação e análise. Os comportamentos defensivos são muito pouco esclarecidos por esta metodologia porque grande parte da informação está focada em relações com bola. Já nos comportamentos com bola poderão ser identificados espaços vitais, mas os princípios que levaram à criação desses espaços e as possibilidades de interação com o mesmo não são vislumbrados.

Importa referir que o estudo realizado apresenta algumas limitações como a ausência de análise inter-observador, a minha reduzida experiência e fraca especialização relativamente a este tipo de metodologia das *networks*, uma amostra reduzida ou a impossibilidade de extração de dados como métricas associadas ao grau de centralidade, *closeness* e *betweenness*. A extração dos dados via *wyscout* fornece dados muito específicos e não permite o manuseamento da *network* através de janelas temporais ou a obtenção de métricas.

7.2 Introdução

Segundo Garganta e Gréhaigne (1999) o Futebol é considerado uma modalidade desportiva incluída naquilo a que podemos chamar de jogos desportivos colectivos. Castelo (2009), aprofunda a caracterização, referindo que as equipas que se defrontam em jogo formam duas entidades coletivas, que planeiam e coordenam os seus comportamentos, sendo estes influenciados pelas relações contrárias de ataque/defesa.

A exigência e competitividade associadas à modalidade, têm levado o jogo a níveis de complexidade cada vez mais elevados. A observação e análise é uma das áreas que mais tem procurado acompanhar a evolução do jogo, descodificando os comportamentos relacionados com o mesmo (Pedreño, 2018).

7.2.1 Observação e Análise

No Futebol, a observação e análise de jogo são imprescindíveis para caracterizar as exigências específicas impostas aos jogadores em situação competitiva (Carling, Williams, & Reilly, 2007). Também por isso, Gréhaigne, Mahut e Fernandez (2001), afirmam que podemos constatar que o interesse na análise do jogo tem vindo a aumentar de forma significativa. Os departamentos de análise do jogo são estruturas que começam a ganhar cada vez maior importância e espaço no âmbito do futebol profissional (Ventura, 2013).

Segundo Carling et al. (2007) esta análise do jogo implica um registo e examinação concretas dos eventos comportamentais que têm lugar durante a competição, acrescentando que o processo de análise de jogo deve fornecer informação sobre como a equipa ou indivíduo actuaram, melhorando o processo de treino e ajudando a atingir uma melhor performance.

Estes eventos comportamentais podem ser recolhidos através de três tipos de observação distinta, de forma direta, indireta ou mista. A observação direta é o meio pelo qual o observador recolhe os dados no momento e no local onde decorre o jogo ou o treino (Ventura, 2013). A observação indireta refere-se à recolha dos dados a partir de registos vídeos e a observação mista recolhe os dados partindo dos pressupostos dos dois tipos de observação anteriormente referidos (Ventura, 2013).

No entanto, o estudo do futebol, observando comportamentos individuais e coletivos não é recente, tendo emergido de forma conjunta com a exigência da especialização, no espaço da prestação desportiva (Garganta J. , 2001). Carling et al. (2007) refere duas formas de recolha de informação, a análise notacional e de movimento. Para o mesmo autor, a análise notacional é uma forma de registar acontecimentos, para que desta maneira exista um arquivo informacional mais preciso e objetivo. Já a análise de

movimento, incide sobre informação relativa à atividade de um indivíduo durante um jogo, sem que exista qualquer tipo de avaliação qualitativa. A origem desta análise vem da ergonomia, e espelha a intenção de relacionar o rendimento com a fisiologia. Neste caso as consequências fisiológicas que advêm do jogo e/ou treino (Carling et al., 2007).

A análise notacional é habitualmente utilizada para registar informação relativa a comportamentos individuais com bola dos jogadores e comportamentos coletivos estratégicos/táticos relacionados com a *performance*. A forma mais comum de realizar este tipo de análise passa pelo recurso a papel e caneta, registando a informação com apontamentos curtos (Carling et al., 2007).

Com a evolução tecnológica e científica a que a sociedade assistiu, o futebol também se desenvolveu e incorporou muitos desses avanços. De acordo com Carling et al. (2007), os sistemas mais modernos permitem inserir os dados no computador e o desenvolvimento da captura digital de vídeo potenciou as possibilidades dos meios da análise notacional. Carling et al. (2007) referem ainda que o material pode ser codificado online e que durante o jogo os eventos podem ser destacados, ou até extraídos para mostrar à equipa ou a um jogador em particular, ao intervalo ou depois do jogo terminar. Evidenciando assim as valências de extraír informação para que se possa aumentar a probabilidade de passar a mensagem aos jogadores e alterar os comportamentos pretendidos para 2ª parte do mesmo jogo (Carling et al., 2007).

Já análise de movimento tem sido aplicada com métodos variados com a intenção de estudar a modalidade. Um desses métodos é o método clássico, que procura estimar a distância percorrida por um jogador apoiando-se num mapa codificado do campo de futebol e de indicadores ao longo das linhas laterais (Carling et al., 2007).

Randers et al. (2010) explicam que tecnologia dos GPS foi desenhada com propósitos militares, mas mais recentemente tem sido utilizada na análise de performance no futebol. É uma metodologia em expansão, e para Jennings, Cormack, Coutts, Boyd e Aughey (2010), a tecnologia GPS poderá oferecer um exame aos jogadores mais preciso, automatizado e compreensível nos desportos coletivos de invasão, como é o caso do futebol.

Vázquez (2012), aponta a possibilidade de dividir a análise em quatro formas fundamentais sendo elas a visual, a notacional, a com recurso ao vídeo e a baseada a recursos tecnológicos. A que necessita de menos recursos é a análise visual pois assenta essencialmente na experiência do analista. Já a análise notacional tem por base a análise visual acrescentando a esta registos escritos. Através do recurso ao vídeo é possível obter

uma análise mais objetiva do jogo, tendo como mais valia a apresentação dos resultados dessa análise à equipa técnica e aos jogadores. Por último, a análise baseada nos recursos tecnológicos, sendo a mais recente, permite a utilização de *softwares* específicos por exemplo, de análise quantitativa e qualitativa, de recolha de informação e de codificação (Vázquez, 2012).

Importa agora entender os conceitos de análise quantitativa e qualitativa. Pedreño (2018) explica que a análise qualitativa permite obter informações dos clubes e das equipas técnicas, tais como os nomes dos elementos e o seu percurso, informações dos jogadores fazendo referência a dados positivos e negativos e informação relativa ao envolvimento do jogo como por exemplo o estado do terreno de jogo e as suas dimensões. O mesmo autor acrescenta ainda que este tipo de análise também possibilita retirar informação do resumo dos jogos observados de forma direta, indireta ou de forma mista. Desta forma, poderá realizar-se uma análise setorial das equipas enfatizando os seus pontos fortes e débeis, uma análise física dos jogadores, uma análise psicológica e analisar os comportamentos coletivos nos diversos momentos do jogo (Pedreño, 2018).

Já a análise quantitativa facilita a obtenção de dados relacionados com a quantidade de golos marcados ou sofridos, o número de ações disciplinares dos jogadores, quantidade de remates, passes, cruzamentos, faltas e recuperações da posse de bola com o instante temporal em que ocorrem os golos. (Pedreño, 2018)

Apesar da existência de um número cada vez maior de ferramentas à disposição dos analistas, mensurar comportamentos continua a ser um exercício difícil e complexo. Teoldo, Guilherme e Garganta (2017) atestam que a performance no futebol é especialmente difícil de analisar e avaliar, visto que não se trata somente de quantificar comportamentos, mas principalmente de os qualificar de acordo com as características do jogo e prestando atenção às respetivas fases e momentos que o sistematizam.

De acordo com Garganta J. (2001), a análise da performance nos jogos desportivos tem facultado a configuração de modelos da actividade dos jogadores e das equipas, a identificação dos traços da actividade cuja presença ou ausência se correlacionam com a eficácia de processos e a obtenção de resultados positivos, o desenvolvimento de métodos de treino que possibilitam uma maior especificidade e, como tal, maior *transfer*. Por último, tem facultado tendências evolutivas das diferentes modalidades desportivas.

O mesmo autor reforça a importância da análise no processo de treino e jogo, dizendo que actualmente treinadores e investigadores procuram esse conteúdo informacional, que a análise do jogo oferece, com o intuito de aumentar o conhecimento de

jogo e melhorar a qualidade da prestação individual e coletiva dos seus atletas (Garganta J. , 2001).

7.2.2 Metodologia das *Networks*

Apesar da maior importância da análise qualitativa comparativamente com a quantitativa, a verdade é que mais recentemente tem vindo a ser disponibilizado uma quantidade enorme de dados estatísticos ao público depois dos jogos terminarem (Peña & Touchette, 2012).

A análise de movimento através de GPS trouxe alguns desses dados para o futebol, sendo o *tracking* uma ferramenta cada vez mais utilizada pelos clubes de alto rendimento quer em treino, quer em jogo. Segundo Carling, Williams e Reilly (2007) os sistemas de *tracking* permitem reconstruir em duas dimensões os posicionamentos, movimentos e ações de cada atleta no terreno de jogo e a qualquer instante.

É também através do tipo de sistema supracitado que se obtém as *networks*. Borgatti, Mehra, Brass e Labianca (2009) ilucidam que durante a última década existiu uma explosão de interesse relativo ao estudo das *networks*, sobretudo nas áreas das ciências sociais e áreas relacionadas com o físico. Indicam também que a teoria da *social network* oferece respostas ao problema da ordem social como: “de que forma os indivíduos autónomos se interligam e criam sociedades funcionais e coesas?” Avançam também que a mesma encontra explicações para variados fenómenos sociais, desde a criatividade individual até à lucratividade corporativa (Borgatti, Mehra, Brass, & Labianca, 2009).

Silva (2016) reforça essa ideia argumentando que a análise de *networks* evoca a importância de comportamentos interdependentes para que se realizem determinadas tarefas essenciais para atingir os objetivos em comum de *performance*.

O estudo das *networks* tem vindo a ser cada vez mais aplicado no futebol. Malta e Travassos (2014) consideram que esta modalidade pode ser encarada como um meio interessante para aplicar a análise da *social network*, de forma a identificar as propriedades da rede de ligações da equipa em estudo. Passos et al., (2011) são mais cautelosos e acreditam ser um desafio importante nas ciências sociais entender a estrutura da rede de interações entre pessoas que aportam para o funcionamento e organização de sistemas sociais complexos, como são o caso dos desportos coletivos.

Yamamoto e Yokoyama (2011) consideram o futebol representativo da interação entre duas *networks* complexas, competitivas e internamente cooperativas. Os autores demonstraram que as *networks* provenientes do estudo desta modalidade podem

enquadrar as ações coletivas através de *small-world network model*, *scale-free network model* e *complex large-scale networks* como a *World Wide Web*, *social networks* e Biologia Celular que têm demonstrado possuir propriedades topológicas semelhantes.

A representabilidade das *networks* no futebol é reforçada por Passos et al., (2011) afirmando que nos desportos coletivos a *network* de relações interpessoais entre os jogadores assegura a performance coletiva.

Segundo Silva (2016), a elaboração de uma *network* aplicada ao futebol fornece uma representação gráfica dos canais de comunicação estabelecidos pelos jogadores numa dada equipa. A observação da *network* poderá ajudar à identificação de determinados padrões coletivos, tal como a identificar quais são os jogadores mais relevantes em determinada fase do jogo.

Para um melhor entendimento e interpretação daquilo que são as *networks* no futebol, Peña e Touchette (2012) definem a *network* de passe de uma equipa como sendo a que contém os jogadores da equipa como nós, ligando dois jogadores através de setas e onde somente as ligações bem sucedidas são contabilizadas. Usando a metodologia das *networks* na análise interna de uma equipa, Passos et al., (2011) defendem que poderá ser possível identificar os jogadores que interagem com maior frequência com os colegas e que contribuem para o sucesso ou insucesso das ações coletivas.

Silva (2016) sugere que de acordo com esta metodologia o comportamento coletivo de uma equipa é suportado por um sistema comunicacional específico em que os jogadores interagem e desenvolvem uma transferência de recursos, de que é exemplo a situação de um passe sucedido.

A teoria das *networks* aplicada ao futebol utiliza uma terminologia específica, classificando os jogadores como nós ou vértices que se relacionam através de uma variável informacional específica como o passe, representado por uma seta. O autor procura sintetizar que segundo este tipo de análise de *networks* as equipas podem ser compreendidas como sistemas sociais complexos em que os seus padrões comportamentais com bola são suportados por um sistema de comunicação específico, garantindo a identidade das equipas relativamente à densidade das interações realizadas, tipologia de subgrupos emergentes na equipa e a identificação de jogadores influenciadores das conexões de uma equipa (Silva R. T., 2016).

A abordagem das *networks* é fundamentada com base na teoria dos grafos, que constitui um método eficaz na medição e análise das ligações entre os jogadores de uma equipa, possibilitando um superior entendimento do processo da equipa e das suas

propriedades (Clemente, Couceiro, Martins, & Mendes, 2015a). Esta teoria dos grafos é um ramo da matemática que se foca no estudo dos objetos de um dado conjunto, tendo sido aplicado às *networks*. Silva (2016) esclarece que é através da teoria dos grafos que são calculadas métricas e que alguns *softwares* de análise disponibilizam, por exemplo o *nodexl*, permitindo o acesso a um conjunto de indicadores que nos auxiliam na análise da performance individual e coletiva.

Freeman (1979) afirma que o conceito de centralidade parece ser uma característica importante na estrutura de uma social *network*. Acrescentando ainda que o cálculo da centralidade de um ponto poderá ser efectuado tendo como referência um qualquer dos seguintes três atributos estruturais de um ponto: *degree*, *betweenness* e *closeness* (Freeman, 1979).

Segundo o mesmo autor o número de pontos, entenda-se nós, a que um outro ponto é adjacente é denominado *degree* desse mesmo ponto (Freeman, 1979).

Já o conceito de *closeness* é baseado no grau de proximidade a que um ponto se encontra dos restantes pontos do grafo, ou seja, quando um ponto está mais próximo do que outro aos restantes pontos, este possuirá uma centralidade maior no sentido em que é independente dos outros (Freeman, 1979). Aplicado ao futebol, Gama, Dias, Couceiro e Vaz (2017), especificam que este conceito se refere ao grau de proximidade de um jogador para com os restantes pares da equipa, podendo traduzir o quão próximo está um dado jogador de receber a bola ou trocar de posição com um colega se encararmos os passes e trocas de posição como elos de ligação dos jogadores.

O conceito de *betweenness* aplica-se ao número de ligações que um nó liga com outros nós (Freeman, 1979), podendo ser classificado como grau de intermediação. Transferindo para o futebol, este grau de intermediação pode indicar que jogador ou jogadores estabelecem mais ligações com outros pares de jogadores, podendo ser aqueles que promovem ligações intersectoriais (Gama, Dias, Couceiro, & Vaz, 2017).

Um estudo realizado por Grund (2012) investigou a relação entre a estrutura da *network* e a *performance* da equipa, contando com uma base de dados de 283,259 passes entre jogadores de futebol. Num total de 760 jogos, 23 equipas da *Premier League* Inglesa foram analisadas num total de 76 observações de forma repetida. O estudo concluiu que grandes níveis de interação, por exemplo a percentagem de passes, levam a um aumento na *performance* da equipa. Os resultados suportaram também conclusões anteriores de que padrões de interação centralizada levam à diminuição da *performance* da equipa (Grund, 2012).

Yamamoto e Yokoyama (2011) estudaram quatro seleções nacionais, tendo como amostra os jogos entre Itália e França na final do Campeonato do Mundo FIFA 2006 e o jogo entre as seleções do Japão e Gana na *Kirin Challenge Cup*. Descobriram que a equipa que formou mais triângulos obteve mais oportunidades para concretizar o objetivo do jogo. Acrescentam ainda que a equipa com mais triângulos teve um ímpeto superior no jogo, apesar do pivot ter mudado. Desta forma os autores sugerem que o número de triângulos pode representar um maior ímpeto no jogo (Yamamoto & Yokoyama, 2011).

Outro estudo na modalidade levado a cabo por Cotta, Mora, Merelo-Molina e Merelo (2013) analisou os últimos três jogos da seleção espanhola no Campeonato do Mundo FIFA 2010, onde apurou que a equipa manteve um elevado coeficiente de agrupamento (*clustering coefficient*), e que este se pode relacionar com o estilo de jogo elaborado da equipa. Verificou-se a particularidade de no jogo com menor rendimento da equipa os jogadores mais importantes foram removidos de posições centrais.

Segundo Gama et al. (2017), este coeficiente de agrupamento possibilita analisar no jogo o grau de interação dos jogadores com a sua proximidade, nomeadamente jogadores no centro de jogo ou próximos do mesmo, facultando a emergência de determinados subgrupos ou comunidades de jogadores no seio da equipa.

Clemente F. M. et al., (2015b) também contribuíram para uma maior compreensão da aplicação das *networks* no futebol, tendo efectuado um estudo com o objetivo de aplicar métricas gerais e de centralidade com base na teoria dos grafos, procurando identificar as propriedades da seleção nacional da Suíça durante o Campeonato do Mundo FIFA 2014. As principais descobertas mostraram que a circulação da equipa foi alicerçada predominantemente nas defesas e médios durante a maior parte do jogo, sendo que os jogadores mais importantes a receber a bola foram os médios. Os autores referem que os resultados das métricas centralizadas é bastante interessante, sobretudo porque podem fornecer uma informação útil relativamente às opções estratégicas da equipa, revelando igualmente o estilo de jogo que a equipa preconiza a maior parte do tempo (Clemente F. M., et al., 2015b) .

Também recentemente, Clemente et al., (2015a) analisaram 577 jogadas ofensivas de uma amostra de cinco jogos referentes a uma equipa da 1ª Liga Portuguesa, no total foram analisados 21 jogadores dessa equipa. Este procedimento realizou-se através de um conjunto de métodos de *network* para medir as propriedades específicos de uma equipa, com as métricas organizadas de forma macro. Clemente et al. (2015a) revelam na sua investigação que a densidade da *network* mostrou uma relação ambígua entre a equipa, sobretudo na 2ª parte, e que os valores de centralidade mostraram não existir uma topologia

tipo estrela na *network*. As métricas utilizadas demonstraram ser possível a identificação da forma como os jogadores interagem entre si e a tipologia da força das suas conexões. Clemente et al. (2015a) afirmam que as métricas da *network* podem ser uma ferramenta poderosa para ajudar treinadores a perceber as propriedades específicas da equipa auxiliando a tomada de decisão e potenciando o processo de treino baseado na análise do jogo.

Clemente F. M., Martins, Kalamaras e Mendes (2015d) analisaram as características da *network* de seleções nacionais com e sem sucesso que participaram no Campeonato do Mundo FIFA 2014. Procurou-se entender a relação entre as variáveis de *performance* geral das equipas e as características das *networks*, para tal os passes entre colegas de equipa foram mensurados. A amostra do estudo consistiu numa base de dados com 37,864 passes entre colegas de equipa em 64 jogos, para que fosse possível investigar a relação entre a estrutura da *network* e a *performance* das 32 seleções nacionais. A grande quantidade de golos marcados foi associada a níveis elevados de ligações, da densidade e de *clustering coefficient*. Os autores também sugerem que a relações mais distantes entre colegas de equipa, medidas pelo diâmetro do grafo da *network*, podem diminuir a possibilidade de marcar ou rematar. Descobertas assinaláveis nesta investigação indicam que as equipas mais sucedidas apresentam uma elevada densidade de ligações na *network*, ligações totais e *clustering coefficient*. Concluem portanto, que a capacidade de aumentar a quantidade de ligações entre todos jogadores pode resultar numa excelente *performance* global da equipa numa competição (Clemente F. M et al., 2015d).

O Campeonato do Mundo FIFA 2014 serviu de palco para vários ensaios num passado recente. Clemente F. , Martins, Wong, Kalamaras e Mendes (2015c) procuraram investigar nesta competição quais as posições que mais contribuíram para a construção do processo ofensivo. Para o efeito foram analisados e codificados todos os jogos do torneio. Este estudo concluiu que independentemente da estratégia da equipa, o posicionamento de jogadores como os médios centro contribuiu de forma significativa para a construção do processo ofensivo. Por exemplo através da cooperação e actividade de perfil destes jogadores (Clemente F. et al., 2015c).

Gama et al., (2014) apontam vantagens na utilização desta metodologia de análise de *networks* no futebol, para estes autores a sua implementação poderá auxiliar treinadores e investigadores a:

- 1) registar padrões de jogo de uma equipa, resultados de comportamentos em situação competitiva e ajustar a estratégia do modelo de jogo estabelecendo

maior especificidade do programa de treinos, focando maioritariamente em necessidades táticas e técnicas da equipa;

- 2) analisar padrões de jogo de uma equipa, que emergem durante o treino e competição interpessoal de interação de jogadores;
- 3) averiguar quem são os jogadores mais interactivos, jogadores-chave, e detalhar como as suas interações com outros muda durante os jogos de uma época desportiva;
- 4) verificar as ligações preferenciais entre colegas da mesma equipa e as alterações dentro das ligações preferenciais ao longo dos jogos durante uma época desportiva;
- 5) registar as principais interações que sobressaem, recorrendo à análise de frequência, do posicionamento médio dos jogadores em campo.

Embora os dados estatísticos fruto da análise quantitativa e o estudo das *networks* tenham chegado ao Futebol, a realidade é que a sua utilização ou contributo prático para as equipas técnicas continua a ser um pouco como uma incógnita. Sarmento, Pereira, Anguera, Leitão e Campaniço (2014) reforçam esta ideia, explicando que os treinadores demonstram preocupações semelhantes relativamente a aspectos a serem observados num jogo, sendo principalmente caracterizados pela deteção de comportamentos padrão que emergem da actividade e por isso encarados com uma perspectiva qualitativa. Assim, não se preocupando tanto com a análise de dados de natureza quantitativa, que consideram ser de menor relevância para o contexto. Teoldo et al. (2017) sintetizam que para treinadores e investigadores no Futebol, a análise que enfatiza comportamentos individuais e coletivos através de uma identificação de padrões de jogo, parece ser mais enriquecedora do que o domínio sobre os números e resultados de comportamentos individuais descontextualizados.

O estudo por mim realizado poderá ser observado no subcapítulo seguinte e teve como intenção averiguar de que forma a nova metodologia das *networks* se poderá relacionar com a observação e análise prática. Este parece ser um tema pertinente por se constituir como uma ferramenta mais abrangente do que os dados estatísticos tradicionais.

A questão que originou este estudo foi “O que poderá aportar a metodologia das *networks* à área da observação e análise?” com o intuito de perceber como esta poderá crescer, visto ser uma área relativamente recente e com muito por onde se desenvolver ainda. O estudo levado a cabo pelo estagiário resultou da sua inquietude em conhecer

novos métodos e acompanhar as tendências evolutivas inerentes à modalidade, que afectam diretamente a minha prática profissional, com a intenção de ser mais eficaz e eficiente nas tarefas desempenhadas.

As hipóteses em causa neste estudo são:

- 1) a metodologia das *networks* contribui de forma significativa para a prática da observação e análise;
- 2) a metodologia das *networks* não contribui de forma significativa para a prática da observação e análise mas poderá auxiliar a observação e análise;
- 3) e a metodologia das *networks* não contribui para a prática da observação e análise.

7.3 Metodologia

Neste subcapítulo apresentar-se-á a metodologia utilizada para a realização deste estudo passando pela caracterização da amostra, enumeração dos instrumentos utilizados e descrição do procedimento utilizado.

7.3.1 Amostra

As equipa estudada foi o VSC nos confrontos com o Clube Desportivo Nacional (CDN) a 2 de Janeiro de 2019 e com o Belenenses SAD a 6 de Janeiro de 2019. Para realizar este estudo foram utilizados videos dos dois jogos em formato MP4 e os respetivos relatórios, retirados do programa *wyscout*, com informação das *networks* e posicionamento médio das duas equipas em confronto em cada jogo.

Procurou-se que as amostras se limitassem a um espaço temporal reduzido, por forma a reduzir a probabilidade de encontrar comportamentos na equipa do VSC demasiado díspares. O espaço temporal utilizado encontra-se limitado às 15ª e 16ª jornadas da Liga NOS da época 2018/2019.

7.3.2 Instrumentos

As ferramentas utilizadas neste estudo foram os programas *wyscout*, *sportscore* e *powerpoint*.

O *wyscout* foi utilizado para fazer *download* dos jogos a observar e analisar, tal como dos relatórios internos dos jogos que contêm os dados estatísticos, entre os quais o posicionamento médio e as *networks* das duas equipas em confronto.

Para codificar os jogos foi empregue o programa *sportscodex*. Escolhi este programa pelo seu fácil manuseamento e adaptabilidade ao usuário, pois permite a criação de linhas com a informação que acharmos necessária, sem estarmos restringidos por botões de código ou conceitos que não são tão eficientes.

Para a edição das imagens dos jogos codificados recorri ao *powerpoint*, um programa simples e com as ferramentas necessárias para o tipo de trabalho exigido.

7.3.3 Procedimento

Após a recolha dos jogos, e dos relatórios dos mesmos, iniciei a sua observação e análise. A análise qualitativa foi realizada aos comportamentos do VSC, embora não sejam ilustrados todos os comportamentos presentes da sistematização do jogo na minha análise por não serem considerados relevantes para a finalidade do trabalho.

Em primeiro lugar foi feita a observação e análise do jogo da 15ª jornada entre CDN e VSC. A codificação do jogo foi realizada ao mesmo tempo em que observava o mesmo. Depois da codificação foram escolhidos lances considerados representativos daquilo que foi o VSC em cada partida. Os lances foram estudados e retiraram-se imagens com potencial ilustrativo. As imagens passaram por um processo de edição para que fosse mais apelativo e acessível a quem as observa.

Depois de concluído o processo acima referido, os dados dos relatórios foram observados e estudados. As conclusões ou questões resultantes dessa análise foram levantadas, permitindo posteriormente um cruzamento com a informação proveniente da observação e análise efectuada.

O procedimento relatado foi o mesmo para os dois jogos. O 2º e último jogo estudado foi o da 16ª jornada.

7.4 Apresentação e Discussão de Resultados

Neste subcapítulo serão apresentadas as *networks* e em seguida as imagens resultantes do trabalho de observação e análise para cada jogo, com o intuito de entender como estas duas metodologias se poderão relacionar. Irá ser feita, no final de cada análise,

uma comparação entre a informação proveniente das *networks* e do trabalho mais interpretativo realizado por mim e respectivas reflexões.

7.4.1 Amostra do Jogo CDN x VSC

A primeira amostra é a do jogo entre o VSC e CDN, jogo da 15ª jornada da Liga Nos na época 2018/2019. O jogo realizou-se no Estádio da Madeira, com resultado final de 1x0 para a equipa do CDN.

Observando a figura em baixo (figura 8) podemos verificar o posicionamento médio dos jogadores do VSC e do CDN, da mesma forma que podemos acompanhar as mudanças macroestruturais no decorrer do jogo.

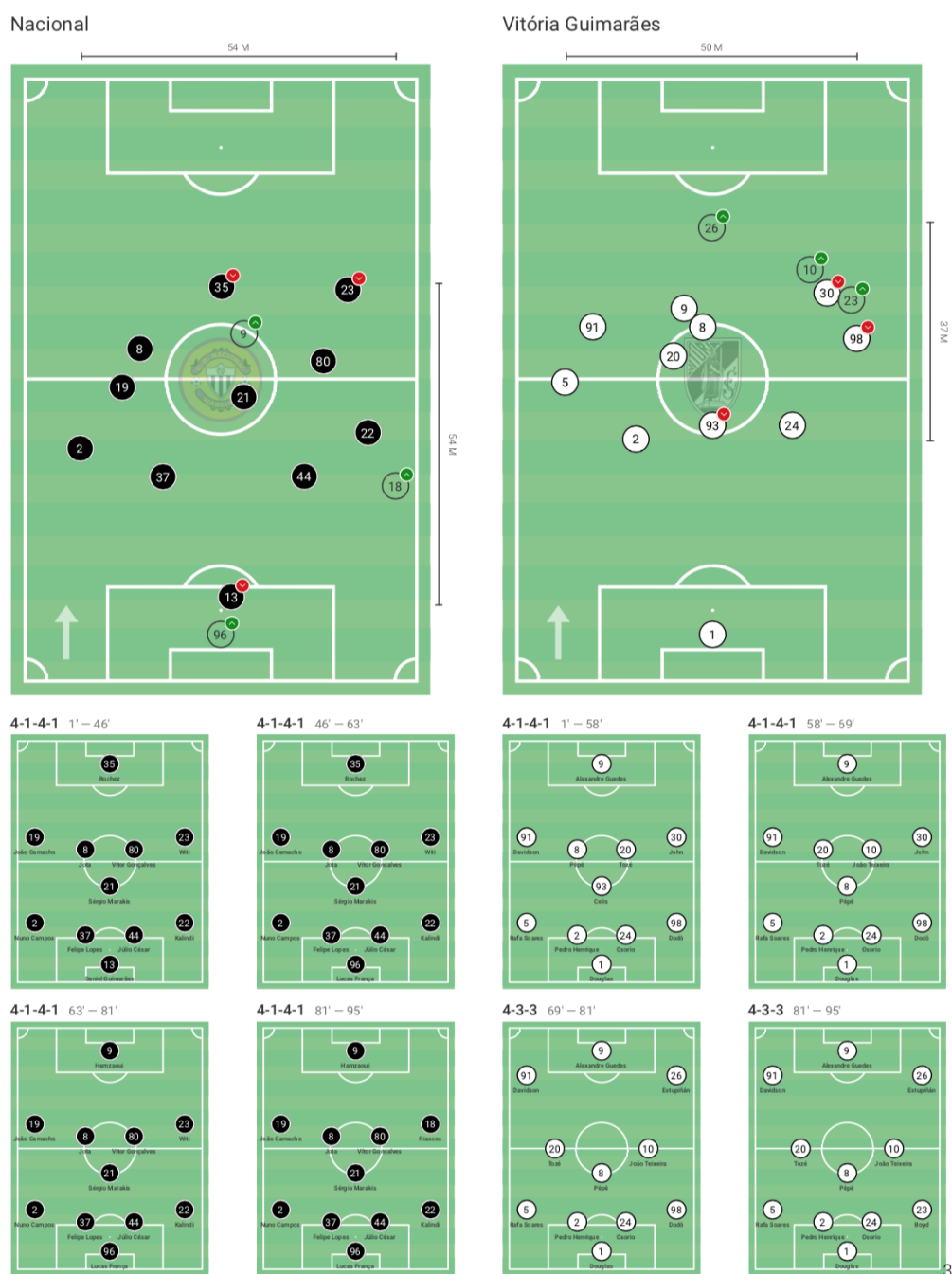


Figura 8 - Posicionamento Médio e alterações Estruturais durante a Partida.

Deste posicionamento médio podemos retirar informações de que na equipa do VSC:

- Os centrais, Pedro Henrique (nº 2) e Osório (nº 24) apresentaram um posicionamento médio alto e próximos da linha do pivot Celis (nº 93);
- O lateral e ala do corredor esquerdo adotaram um jogo de posição médio mais baixo do que o lateral e ala do corredor contrário;

- O ala Ola Jonh (nº 30) apresentou um posicionamento médio mais alto do que o avançado Guedes (nº 9);

De referir que segundo os dados da figura 8 não existiu alteração estrutural significativa na equipa do VSC, tendo esta sempre jogado no sistema táctico 4x3x3. Tal informação não é correta, visto que com a entrada do avançado Estupiñan, já na 2ª parte, o VSC passou a jogar em 4x4x2.

Através destes dados não conseguimos retirar conclusões sobre aquilo que foi o jogo. No entanto estas informações levantam dúvidas que fazem reflectir ou confirmam determinadas interpretações, como por exemplo:

1. Porque é que os dados demonstram um posicionamento médio alto dos centrais, próximos do pivot?

Apenas ao observar e interpretar/analisar é que chegamos à conclusão de que jogo de posição médio, muito próximo da mesma linha horizontal entre centrais e pivot, deve-se essencialmente à formação da linha de três muito utilizada na 1ª parte (figura 9).

Para um jogo de posição alto dos centrais e dessa linha de 3 muito contribui o facto da equipa do CDN ter defendido predominantemente num bloco médio/médio-baixo e com muitas referências individuais que faziam a equipa montar linhas de 5 e de 6 na sua última linha defensiva. Desta forma era dado espaço a um possível protagonismo dos centrais numa linha de 3 nem montada a 1+2. Na 2ª parte também contribuiu para estes dados o facto do VSC ter instalado o seu jogo.

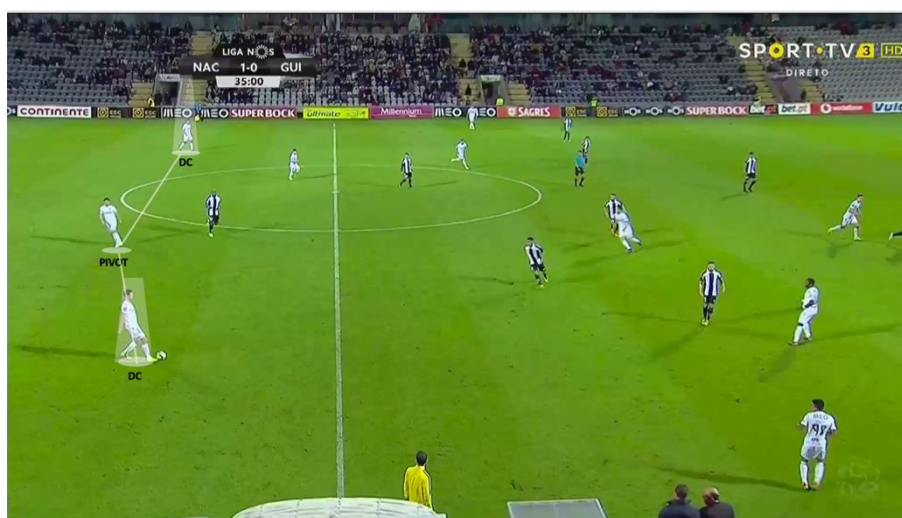


Figura 9 - Jogo de posição da linha de 3 em construção.

2. Que influência existiu para que o lateral e o ala do corredor direito tivessem um jogo de posição médio mais alto do que o lateral e o ala do corredor esquerdo?

Os dados não revelam, mas resposta a esta questão reside no facto do VSC ter privilegiado a maior parte das suas ligações de 2º fase, ou de 1ª fase de construção vs. Bloco Médio/Médio-Baixo a partir de zonas próximas desse corredor (figura 10) ou em espaço exterior esquerdo potenciando as ações de apoio do lateral e do ala.

Perante o método de jogo defensivo do CDN o ala esquerdo do VSC procurou muitos movimentos em apoio. Já o lateral esquerdo perante o cenário do jogo poderia ter procurado mais ações em profundidade, mas claramente a sua característica individual não potencia tanto esse tipo de comportamento que era possível neste jogo.

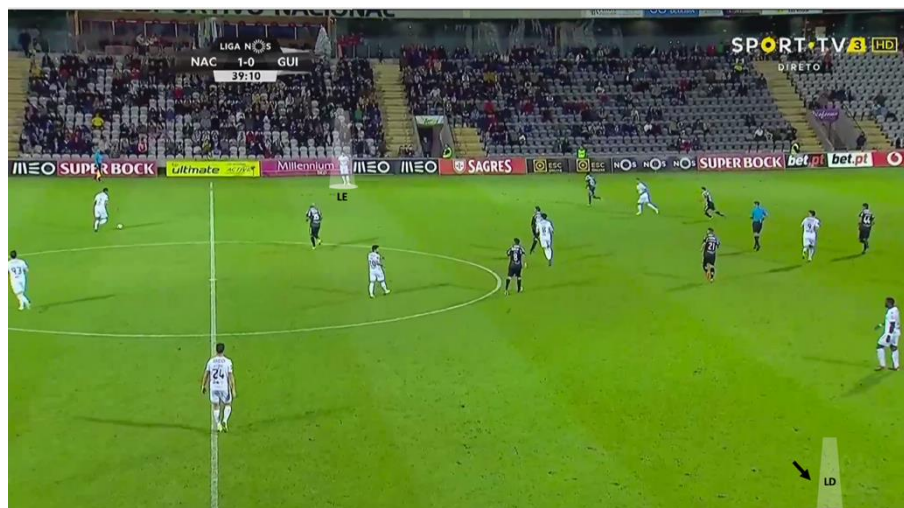


Figura 10 - 1ª Fase de construção vs. Médio/Médio-Baixo com saída pelo corredor esquerdo.

3. Qual a explicação para os dados que apontam para um posicionamento médio mais alto do ala direito do que o avançado?

Perante uma equipa como a do CDN que defendeu com tantas referências individuais, e formação de linhas de 5 e de 6, é normal que o avançado Guedes (nº 9) tenha procurado movimentos de apoio arrastando o defesa central do lado direito do CDN, Júlio César (nº 44). Este tipo de comportamento aconteceu sobretudo quando a bola se encontrava no central do lado esquerdo do VSC. Concomitantemente o ala direito Ola Jonh (nº 30) procurava movimentos de rutura nas costas do lateral esquerdo do CDN Nuno Campos (nº 2).

Este tipo de intenções poderão estar na origem destes dados que apesar de tudo são pouco elucidativos. O plano da câmara de jogo também não fornece as melhores imagens para chegar a conclusões.

Nas tabelas (15 e 16) que se seguem estão representados os tipos de passe que cada atleta das duas equipas realizou com e sem sucesso.

Passe

Jogador	Minutos jogados	Passe para a frente / precisos	Passe para trás / precisos	Passe lateral / precisos	Passe curto + médio / precisos	Passe longo / precisos	Passe progressivo / precisos	Passe para o third final / precisos	Passe na diagonal / precisos	Deep completions	Passe decisivo	Segunda / terceira assistência	Shot assists	Pass length médio
69 Dodô	85'	10/5 50%	6/6 100%	23/15 65%	43/34 79%	1/0 0%	6/3 50%	4/3 75%	-	1	-	-	-	18.7
24 Y. Osorio	99'	30/23 77%	3/3 100%	35/34 97%	72/63 88%	6/5 83%	16/12 75%	10/8 80%	-	3	-	-	1	20.3
2 Pedro Henrique	99'	31/27 87%	2/2 100%	37/35 95%	70/66 94%	4/2 50%	16/13 81%	9/7 78%	-	1	-	-	-	20.5
1 Rafa Soares	99'	21/18 86%	10/10 100%	13/9 69%	49/42 86%	4/3 75%	17/15 88%	6/5 83%	-	-	-	-	-	16.7
20 G. Celis	63'	10/10 100%	4/4 100%	30/29 97%	45/45 100%	2/1 50%	3/3 100%	5/4 80%	-	-	-	-	-	20.5
20 O. John	74'	6/5 83%	10/9 90%	8/7 88%	29/25 86%	1/1 100%	5/3 60%	5/4 80%	-	1	-	-	-	18.4
20 Tozé	99'	16/14 88%	13/13 100%	25/24 96%	52/50 96%	4/3 75%	8/8 100%	7/6 86%	1/0 0%	2	-	-	-	18.9
1 Pépê	99'	12/9 75%	10/9 90%	29/27 93%	50/44 88%	7/6 86%	8/6 75%	14/11 79%	1/1 100%	1	-	-	1	21.3
60 Davidson	99'	11/8 73%	8/7 88%	10/10 100%	34/29 85%	4/3 75%	7/6 86%	5/5 100%	1/1 100%	3	1	-	3	17
1 Alexandre Guedes	99'	7/3 43%	5/4 80%	1/1 100%	16/11 69%	1/0 0%	1/0 0%	4/4 100%	-	-	-	-	-	9.6
10 João Teixeira	37'	3/2 67%	3/3 100%	13/10 77%	20/19 95%	1/0 0%	1/0 0%	5/5 100%	-	-	-	-	-	19.3
20 O. Estupiñán	26'	1/1 100%	1/1 100%	2/1 50%	4/4 100%	1/0 0%	1/1 100%	2/1 50%	-	-	-	-	-	19.8
23 T. Boyd	14'	1/1 100%	-	-	1/1 100%	-	-	1/1 100%	-	-	-	-	-	7.1

Tabela 15 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do VSC.

Passe

Jogador	Minutos jogados	Passe para a frente / precisos	Passe para trás / precisos	Passe lateral / precisos	Passe curto + médio / precisos	Passe longo / precisos	Passe progressivo / precisos	Passe para o third final / precisos	Passe na diagonal / precisos	Deep completions	Passe decisivo	Segunda / terceira assistência	Shot assists	Pass length médio
22 Kalindi	99'	16/11 69%	5/5 100%	7/6 86%	25/18 72%	7/5 71%	10/6 60%	5/4 80%	-	-	-	1/0	-	26.8
44 Júlio César	99'	17/11 65%	2/2 100%	16/15 94%	28/27 96%	11/5 45%	8/5 63%	9/6 67%	1/0 0%	-	-	-	-	24.5
17 Felipe Lopes	99'	10/6 60%	4/4 100%	19/19 100%	32/31 97%	4/1 25%	3/2 67%	4/2 50%	-	-	-	-	-	22.5
2 Nuno Campos	99'	9/9 100%	9/7 78%	2/2 100%	20/18 90%	5/5 100%	9/7 78%	2/2 100%	-	1	-	-	-	21.9
41 Sérgio Marakis	99'	8/5 63%	-	17/13 76%	24/19 79%	3/1 33%	6/4 67%	5/2 40%	1/1 100%	2	1	-	1	21.1
23 Witi	86'	3/2 67%	3/3 100%	5/4 80%	12/10 83%	-	2/2 100%	1/1 100%	-	-	-	-	-	29.1
40 Vitor Gonçalves	99'	6/4 67%	3/3 100%	5/5 100%	22/18 82%	-	4/2 50%	2/2 100%	-	-	-	0/1	1	15.5
1 Jota	99'	10/9 90%	8/8 100%	9/9 100%	31/29 94%	1/1 100%	3/3 100%	3/3 100%	-	-	-	-	1	16.6
11 João Camacho	99'	6/4 67%	6/5 83%	7/5 71%	18/14 78%	3/0 0%	8/3 38%	-	2/1 50%	2	1	-	1	20.8
15 B. Rochez	68'	1/0 0%	3/2 67%	1/1 100%	9/5 56%	-	-	-	-	-	-	-	-	13
7 O. Hamzaoui	31'	4/0 0%	1/1 100%	3/2 67%	8/3 38%	-	1/0 0%	3/0 0%	-	2	1	-	1	21.1
11 B. Riascos	14'	-	-	-	1/1 100%	-	-	-	-	-	-	-	-	11

Tabela 16 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do CDN.

Cruzando mais uma vez a informação dos dados acima com os dados das *networks* e matriz das duas equipas, poderemos aproximarmo-nos de encontrar informação mais pertinente.

Relativamente à equipa do CDN, encontram-se nas seguintes figuras a sua *network* e matriz (figura 11 e 12).

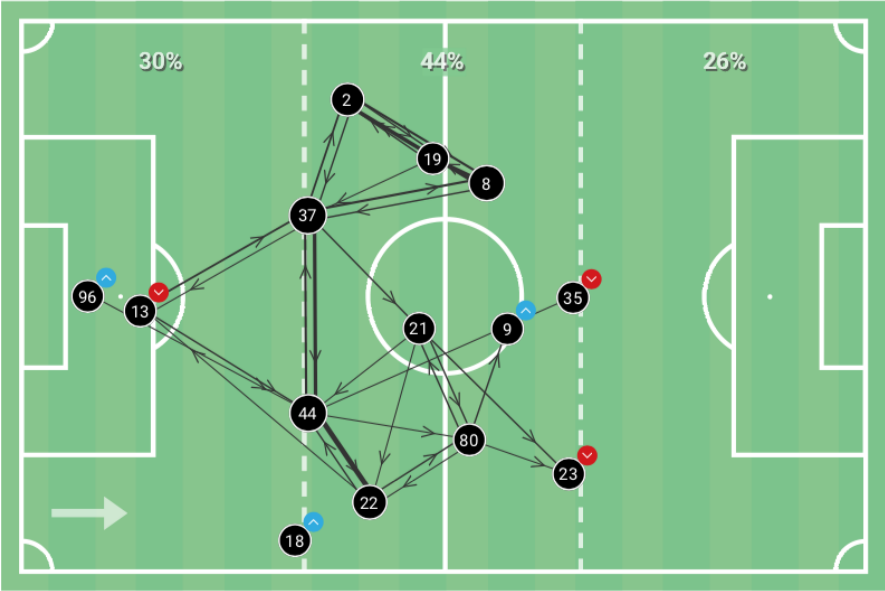


Figura 11 – Network do CDN.

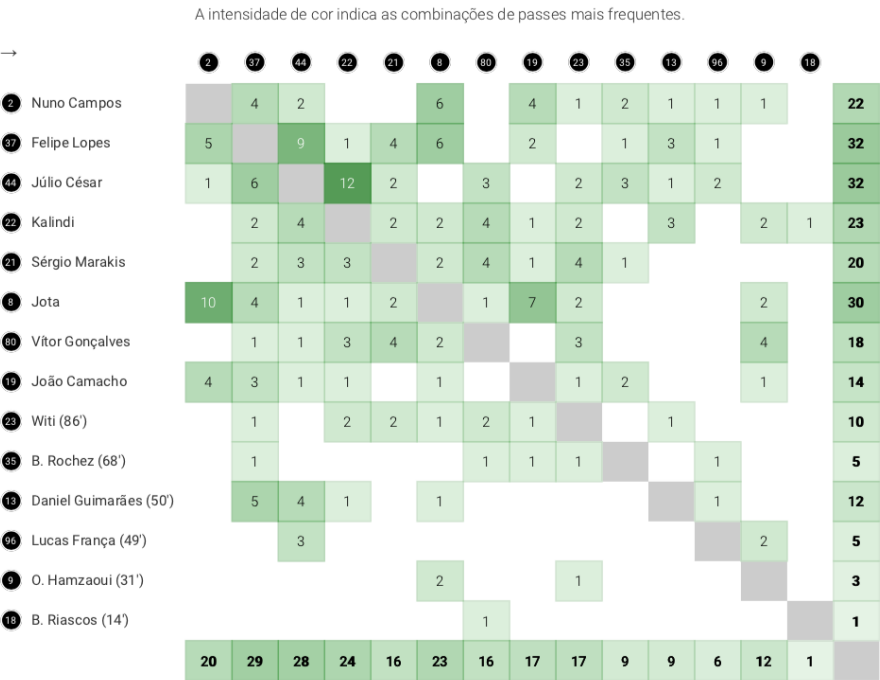


Figura 12 – Matriz do CDN.

A *network* do CDN possui informações como:

- A relação mais forte da equipa foi entre o defesa central do lado direito Júlio César (nº 44) e o lateral direito Kalindi (nº 22);
- O posicionamento médio do interior esquerdo Jota (nº 8) foi mais alto do que do ala do mesmo lado João Camacho (nº 19);
- O jogador que mais passes recebeu foi o defesa central do lado esquerdo Filipe Lopes (nº 37), maior valor de *closeness*;
- Os jogadores que mais passes realizaram foram os dois defesas centrais (nº 44 e nº 37), valores mais altos de *betweenness*;
- Os dois defesas centrais foram os *key-players*;
- A densidade e a centralidade da rede não parecem assumir valores elevados;
- A maior parte das ligações aconteceram no 2º e 1º sectores, com 44% e 30% respectivamente.

Nas seguintes figuras (13 e 14) obtemos a informação relativa à *network* e matriz da equipa do VSC.

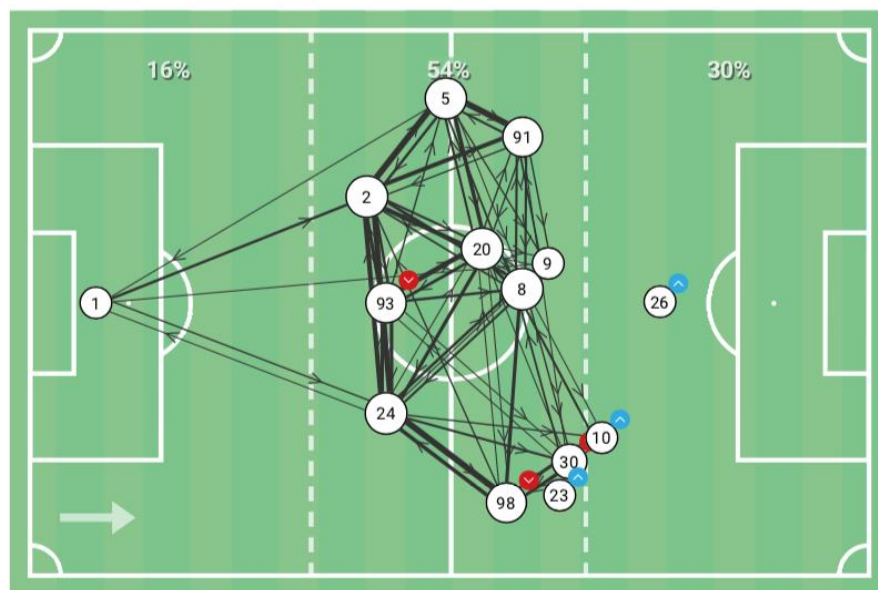


Figura 13 – Network do VSC.

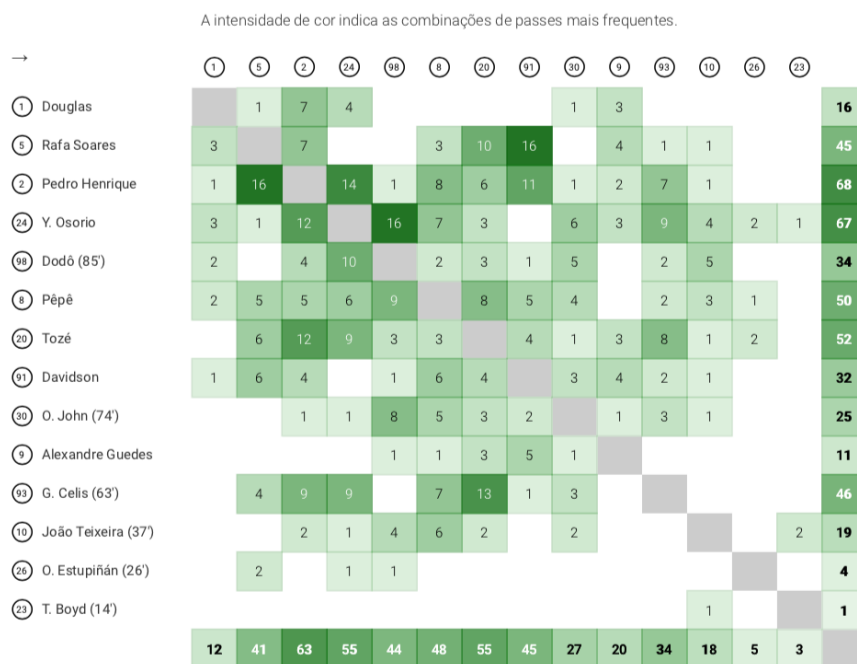


Figura 14 – Matriz do VSC.

Na *network* do VSC podemos observar:

- Uma rede mais densa do que a do CDN;
- Que as relações mais fortes foram entre o lateral esquerdo Rafa Soares (nº 5) e o ala Davidson (nº 91), entre o defesa central do lado esquerdo Pedro Henrique (nº 2) e o lateral esquerdo Rafa Soares (nº 5) e entre o defesa central do lado direito Osorio (nº 24) e o lateral direito Dodô (nº 98);
- Que o lateral esquerdo Rafa Soares (nº5) revelou elevados índices de closeness;
- Que o jogador que mais passes recebeu foi o defesa central do lado esquerdo Pedro Henrique (nº 2);
- Que o jogador que mais passes realizou foi o defesa central do lado esquerdo Pedro Henrique (nº 2) com 68 passes, seguido do defesa central do lado direito Osorio (nº 24) com 67 passes-valores mais altos de *betweeness*;
- Que um dos *key-players* foi certamente o defesa central do lado esquerdo Pedro Henrique (nº 2);
- Que o 2º sector foi o local onde se criaram mais ligações, com 54% no total;
- Que o 1º e 3º sectores apresentam um total de 16% e 30% de ligações, respectivamente.

Juntando as informações retiradas das *networks* de ambas equipas, podemos assumir que:

- Existiu um posicionamento mais alto do interior esquerdo do CDN comparativamente com o ala do corredor esquerdo;
- Com bola, o jogador da equipa do CDN mais influente foi o defesa central do lado direito Júlio César (nº 44);
- O VSC teve mais tempo em organização ofensiva do que o CDN;
- O VSC esteve predominantemente em 2ª fase ou em 1ª fase de construção vs. Bloco Médio/Médio-Baixo;
- Os defesas centrais do VSC tiveram protagonismo quando a equipa estava em processo ofensivo;
- Existiu mais associação em, ou próximo de espaço exterior esquerdo.

Como é perceptível, as conclusões retiradas sobre o jogo são ainda insuficientes. Não existem informações relevantes acerca dos comportamentos sem bola, ofensivos e defensivos.

A observação e análise deste jogo revela dados mais específicos que são essenciais à compreensão deste jogo, entre os quais: a caracterização dos momentos de organização ofensiva e transição defensiva do VSC, as dificuldades sentidas num breve período durante a 1ª parte que levou ao golo do CDN e os ajustes do treinador do VSC para chegar ao golo do empate, entre outras variáveis.

As imagens retiradas deste jogo procuram demonstrar a informação proveniente do trabalho de observação e análise, procurando respostas acerca daquilo que foi o jogo e as diferenças de conteúdo entre as duas metodologias.

O VSC foi dominador durante grande parte do jogo, uma vez que assumiu o seu jogo de circulação e posse, passando a partida predominantemente nos momentos de organização ofensiva e transição defensiva.

Na 1ª parte a organização ofensiva do VSC aconteceu maioritariamente em 2ª fase, ou 1ª fase de construção vs. Bloco Médio/Médio-Baixo, como está representado nas imagens 38 e 39. O jogo de posição ofensivo montou-se com formação de linha de 3 e construção a 3+2, com projeção dos laterais e com os alas em espaço interior. Desta forma provocou no adversário a formação de linhas de 5 e de 6, pelo comportamento com referências individuais nos corredores. As formação deste tipo de linhas depende da projeção de ambos laterais da equipa adversária ou apenas o do corredor da bola.

Nas figuras 15 e 16 é possível ver a linha de 5 do CDN pelo afundar do ala do lado da bola. É importante referir que grande parte do jogo decorreu neste tipo de cenário, até porque o CDN apresentava muitas referências individuais.

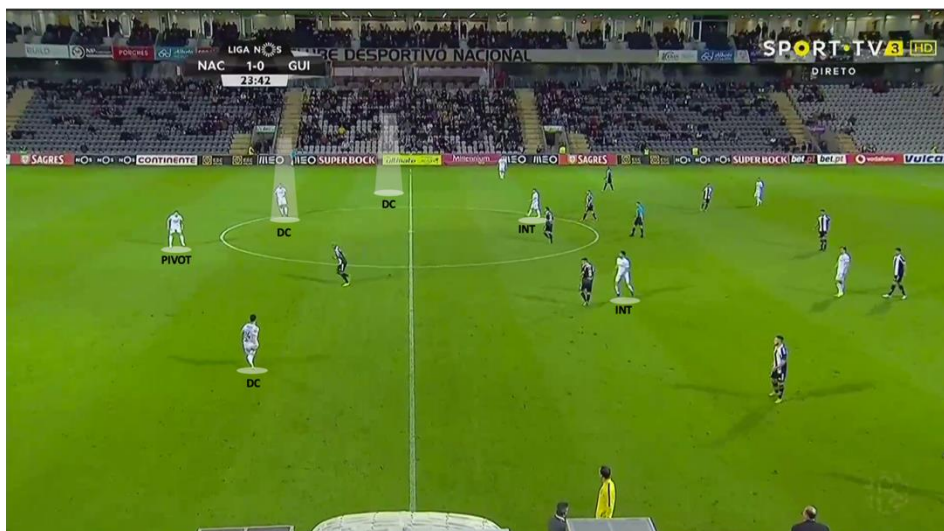


Figura 15 – Debilidades no jogo de posição dos homens em construção.



Figura 16 - Jogo de posição ofensivo e movimento em apoio do ala do lado da bola.

A figura 15 retrata o jogo de posição dos homens em construção do VSC. Estes deveriam ter estado num a 1+2, com maior amplitude e projeção dos centrais para provocar as linhas seguintes do CDN. Este jogo teve características onde os defesas centrais teriam que ser protagonistas pelos espaços que lhes eram oferecidos para progredir.

Na figura 16 observamos os constantes movimentos de apoio dos alas, neste caso o ala do lado esquerdo do VSC, Davidson (nº 91). Intenção de arrastar o lateral direito do CDN para rutura circular do avançado ou rutura de fora para dentro do lateral. Este último tipo de rutura é muito comum contra linhas defensivas compostas por cinco elementos e com as características deste CDN. Na verdade esta parecia ser uma das soluções para desmontar a equipa do CDN.

As figuras 17 e 18 demonstram a dinâmica anteriormente referida, ala em movimento de apoio e rutura de fora para dentro do lateral solicitada com passe em profundidade do defesa central. Faltou, no entanto, maior chegada a zonas de finalização.



Figura 17 - Ala em apoio com rutura de fora para dentro do LE.



Figura 18 - Seguimento do lance da figura 17.

As figuras 19 e 20 pretendem mostrar a mesma dinâmica utilizada embora no corredor direito. No espaço exterior direito temos um lateral com característica individual mais acentuada para este tipo de comportamento, ou seja com maior velocidade de deslocamento do que o lateral esquerdo para conquistar a profundidade.

No entanto foi pelo defesa central do lado esquerdo que o VSC saiu mais vezes. Existiram várias ligações curtas com o lateral desse lado e jogo associativo com o ala a quebrarem o controlo de corredores do adversário para chegar a definição, ou ligação do

defesa central com o lateral travando e atraindo para realizar a VCJ para o espaço exterior direito procurando superioridades.

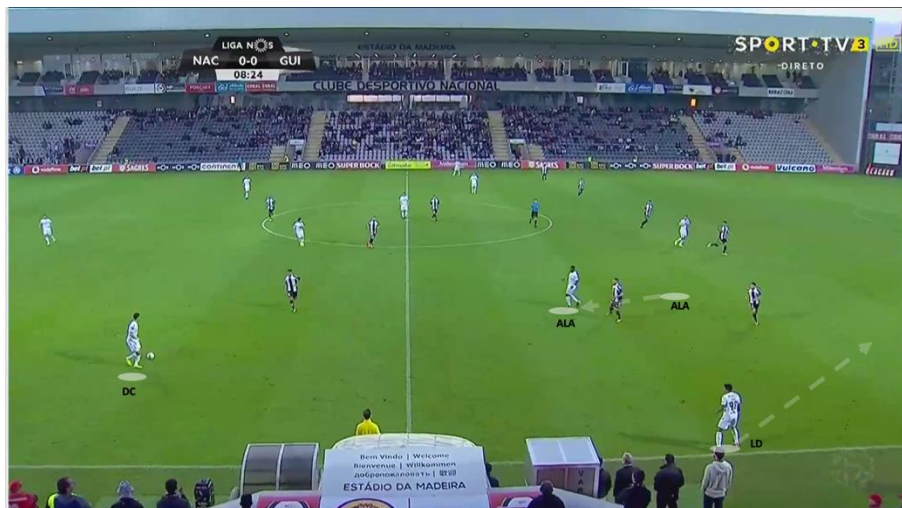


Figura 19 - Ala em apoio com rutura de fora para dentro do LD.



Figura 20 – Mesma dinâmica da figura 17, mas com interior na largura.

Durante a 1ª parte essa dinâmica de apoio/rutura foi a solução que mais vezes fez o VSC chegar à definição em 3ª fase ,ou zonas de criação, com algum perigo.

A figura 21 pretende mostrar o porquê do jogo de posição dos defesas centrais do VSC ter sido tão alto, em alguns momentos houve um VSC instalado em meio campo defensivo do CDN com os defesas centrais a assumirem a progressão, sendo que deveriam ter assumido mais e e melhor para criação de superioridades.

Para além das dinâmicas já referidas a rutura do ala do lado contrário foi ameaça por duas situações, uma delas com finalização que só o guarda-redes parou em situação de

1x0 (figura 22). O portador da bola enquadrar e realizar um passe a contrariar os apoios da última linha poderia também ter sido mais vezes solução, mas teria de ter existido maior presença entrelinhas e movimentos diferentes.

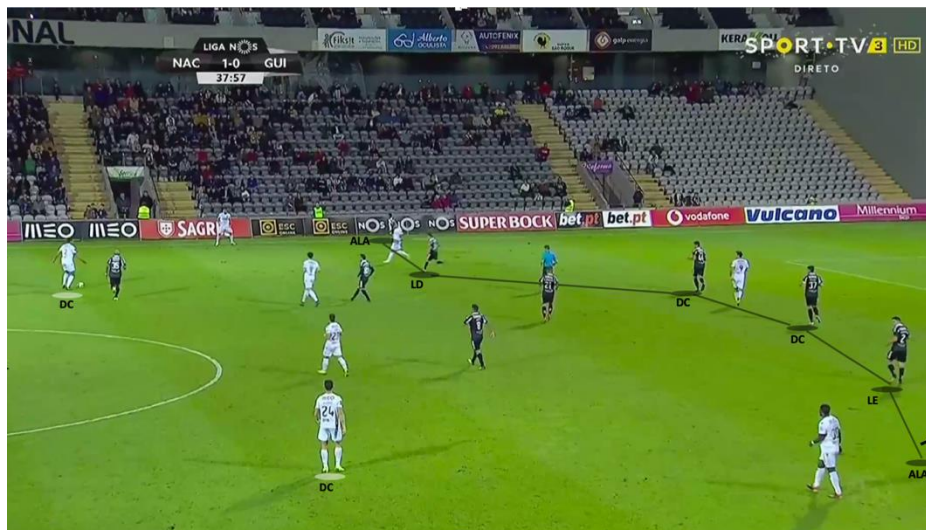


Figura 21 – Jogo de posição ofensivo alto dos DC.

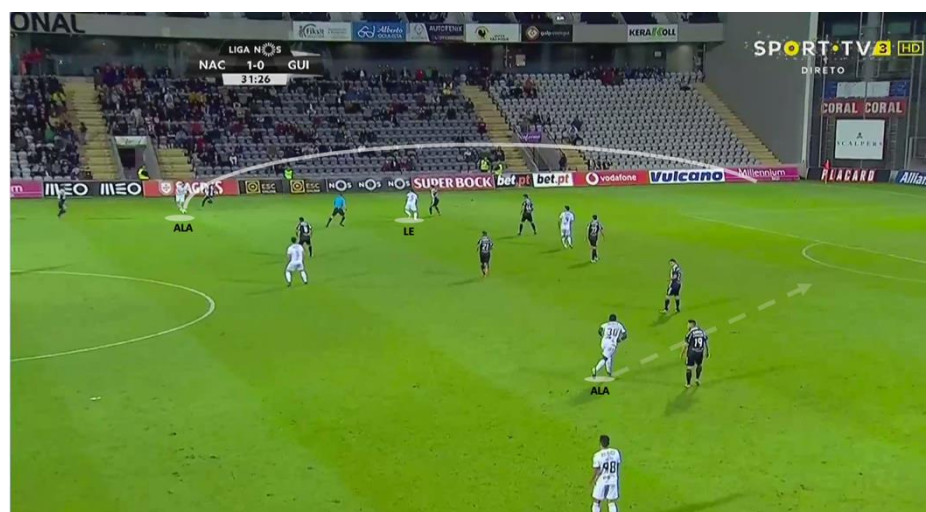


Figura 22 – Rutura do Ala do lado contrário de fora para dentro entre ala e LE.

Na figura 23 observa-se o defesa central do lado direito em condução criando superioridades, de forma concomitante observa-se o contra movimento do ala para ganhar condições espaço temporais para conquistar a zona espaço com uma rutura no lado cego do lateral. Esta é mais uma dinâmica interessante da 1ª parte, embora não tenha sido padrão.

Na 2ª parte o VSC largou mais vezes a formação da linha de 3 em construção, esta passou a ser realizada de forma mais frequente a 4+1 ou 2+1 dependendo do jogo de posição dos laterais. A equipa passou mais tempo em organização ofensiva e apresentou maior capacidade para se instalar em meio campo defensivo do CDN. O jogo de posição ofensivo dos interiores foi também mais adiantado.

Na figura 24 é ilustrado o jogo de posição ofensivo do VSC nos minutos iniciais da 2ª parte. A dupla largura do lateral e ala nos dois corredores, provavelmente com a intenção de evitarem a formação de linhas de 5 e de 6 no adversário, tinha como objetivo acelerar por fora com uma ligação de 2ª fase com 3ª fase fora. Esta dupla largura é usada sobretudo para criar espaços intractoriais, por exemplo para criar espaços para a rutura entre central-lateral, e tem sido cada vez mais uma solução frente a linhas de 5 contra equipas num sistema de três centrais, para fixar o ala adversário e criar espaço para o lateral. O jogo de posição dos interiores mais alto em campo evidencia a intenção de conquistar esse espaço exterior para definir e ter mais jogadores próximos de zonas predominantes de finalização.



Figura 23 – DC em condução e criação de superioridades.

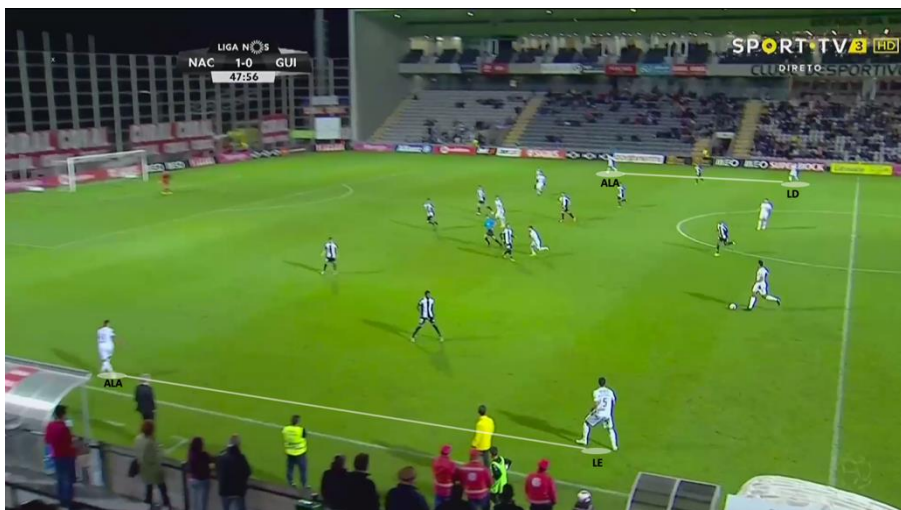


Figura 24- Jogo de posição ofensivo no início da 2ª parte.

Com o passar do tempo e a perder por 1-0 frente ao CDN, o treinador Luís Castro do VSC alterou o sistema tático para 4x4x2 (figura 25), procurando ter mais jogadores entre linha média e linha defensiva do adversário e ser mais capaz no ataque às zonas de finalização em situação de cruzamento.

Foi um VSC incapaz em organização ofensiva de provocar e aproveitar os espaços vitais, a circulação foi pouco fluída e não conseguiram criar as melhores vantagens. O VSC encontrou dificuldades naturais em 3ª fase/criação e, como tal, as situações de finalização com probabilidade de sucesso não abundaram.

No momento de transição defensiva o VSC apresentou bons comportamentos no centro de jogo, obrigando o CDN a procurar a referência ofensiva mais em profundidade, Rochez nº 9. O comportamento dos homens do equilíbrio sempre a controlar e a encurtar de forma agressiva no alvo, bem como as superioridades montadas, não permitiram ao CDN ter sucesso neste tipo de ações. A forma mínima do equilíbrio foi a 2+1.



Figura 25 – Alteração estrutural para 4x4x2, definição e espaço exterior.

Apesar do pouco tempo sem bola, o VSC em organização defensiva montou o seu jogo de posição em 4x1x4x1. Procuraram realizar a sua 1ª fase de pressão num bloco médio-alto/médio. As figuras 26 e 27 ilustram essa 1ª fase de pressão vs. construção a 4+1 do adversário, com o avançado a condicionar os defesas centrais para espaço exterior após indicador de pressão, permitindo aos alas encurtar de dentro para fora nos laterais adversários. O indicador de pressão do avançado é o passe central-central.

No entanto, os alas poderiam aguentar mais vezes em espaço interior e não ocuparem um jogo de posição tão próximo de espaço exterior, o interior do lado da bola poderia estar ligeiramente mais baixo e dentro. Os espaços intersectoriais também deveriam estar mais reduzidos por forma a controlar melhor os espaços mais próximos do centro de jogo e a profundidade, sobretudo pela maior probabilidade de ajustarem neste espaço com o pivot.

É perceptível a dificuldade em trancar a ligação/VCJ pelo pivot. A figura 26 representa o condicionar para o corredor esquerdo e a figura 27 para o corredor direito.

Ainda na figura 27, o posicionamento alto dos interiores adversários poderia ter causado mais problemas à estrutura defensiva do VSC, observa-se que o interior direito do CDN já conquistou uma vantagem posicional.

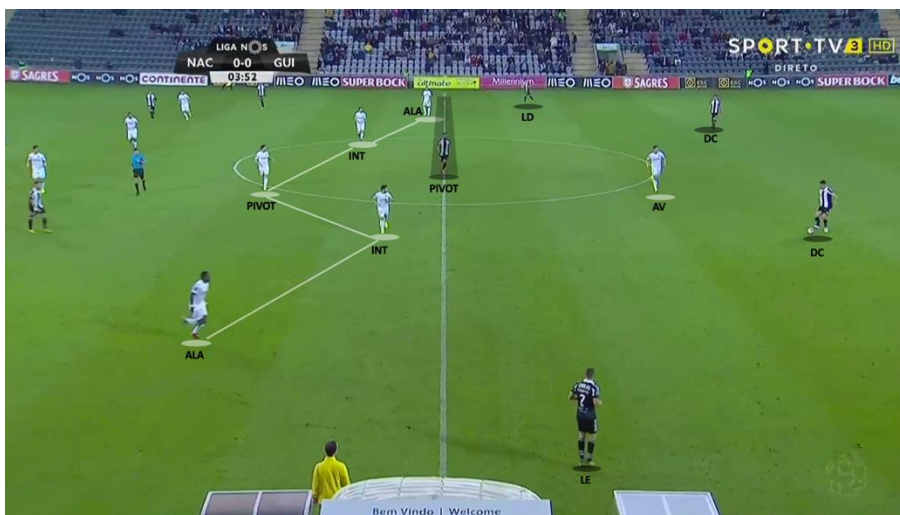


Figura 26 – 1ª Fase de Pressão em bloco médio vs. Construção a 4+1.



Figura 27 – 1ª Fase de Pressão em bloco médio alto vs. Construção a 4+1.

Na figura 28 é visível que também o controlo de corredores do VSC tinha alguma referência individual. Sempre que o CDN montava linha de 3, na maior parte das vezes com pivot entre centrais mas também com interior esquerdo na largura do lado esquerdo, projectando alas para junto da última linha os alas do VSC afundavam em demasia acompanhando os laterais, na figura 28 observamos a linha de 6.

Foi já perto do final da 1ª parte que o VSC ajustou o comportamento de trancar a VCJ pelo pivot adversário (figura 29). O comportamento passou a ser o interior do lado contrário a pressionar pelo lado cego. Este ajuste trouxe mais sucesso nos comportamentos de condicionar/trancar.



Figura 28 – Controlo de corredores com referência individual dos alas.



Figura 29 – Ajuste no trancar VCJ pelo pivot adversário.

Um dos comportamentos que o CDN mais procurou foi o passe de rutura com movimento de apoio do ala, arrastando lateral, e interior com rutura no espaço entre central-lateral (figuras 30 e 31). Rutura esta que foi controlada pelo defesa central com relativa facilidade.



Figura 30 – Rutura de 2ª linha do interior (2ª fase).



Figura 31 – Rutura de 2ª linha do interior em zonas baixas (1ª fase).

Por duas vezes o controlo de profundidade do VSC, no controlo de ruturas curtas, sentiu marcadas dificuldades e o CDN chegou ao golo numa dessas situações (figura 32). Sendo que na figura 33 é possível observar mais uma vez a coordenação intrasectorial frágil e uma orientação dos apoios débil.

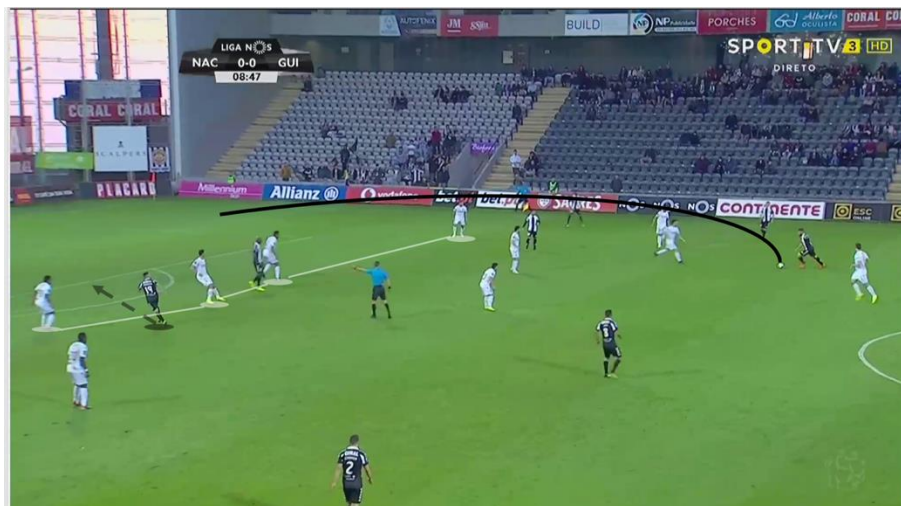


Figura 32 – Lance que originou o golo.



Figura 33 – Controlo de rutura curta frágil.

Na 2ª parte o VSC passou a esmagadora parte do tempo com bola e praticamente com o seu jogo instalado. Das poucas vezes em que o CDN esteve em organização ofensiva era rapidamente condicionado e procuravam a profundidade com a intenção de ligar com a sua referência ofensiva, o avançado (figura 34). Constantemente sem apoios, sem movimentos de rutura e com pouca presença para a 2ª bola, o CDN acabou por não ter sucesso neste tipo de lances. Mais ainda, os defesas centrais que disputaram duélos aéreos

com o avançado do CDN foram competentes impedindo o adversário de saírem em contra-ataque. No entanto o resultado final foi favorável à equipa da casa, CDN 1x0 VSC.



Figura 34 - Adversário a procurar ligar com avançado profundo.

Desta 1ª amostra podemos reforçar a ideia de cargas informacionais muito distintas entre os dados fornecidos pelas *networks* e a interpretação fruto do trabalho de observação e análise. É evidente na amostra que a informação do trabalho de observação e análise revela comportamentos padrão individuais e colectivos relevantes, sobretudo contextualizando aquilo que foi o jogo.

7.4.3 Amostra do Jogo Belenenses SAD x VSC

A 2ª amostra deste estudo foi o jogo entre o VSC e o Belenenses SAD, jogo da 16ª jornada da Liga Nos da época 2018/2019. O jogo realizou-se no Estádio do Jamor e acabou com o resultado de 1x0 para a equipa do Belenenses SAD. As imagens com os dados relativos ao posicionamento médio e ligações das duas equipas poderão ser observadas de seguida (figura 35).

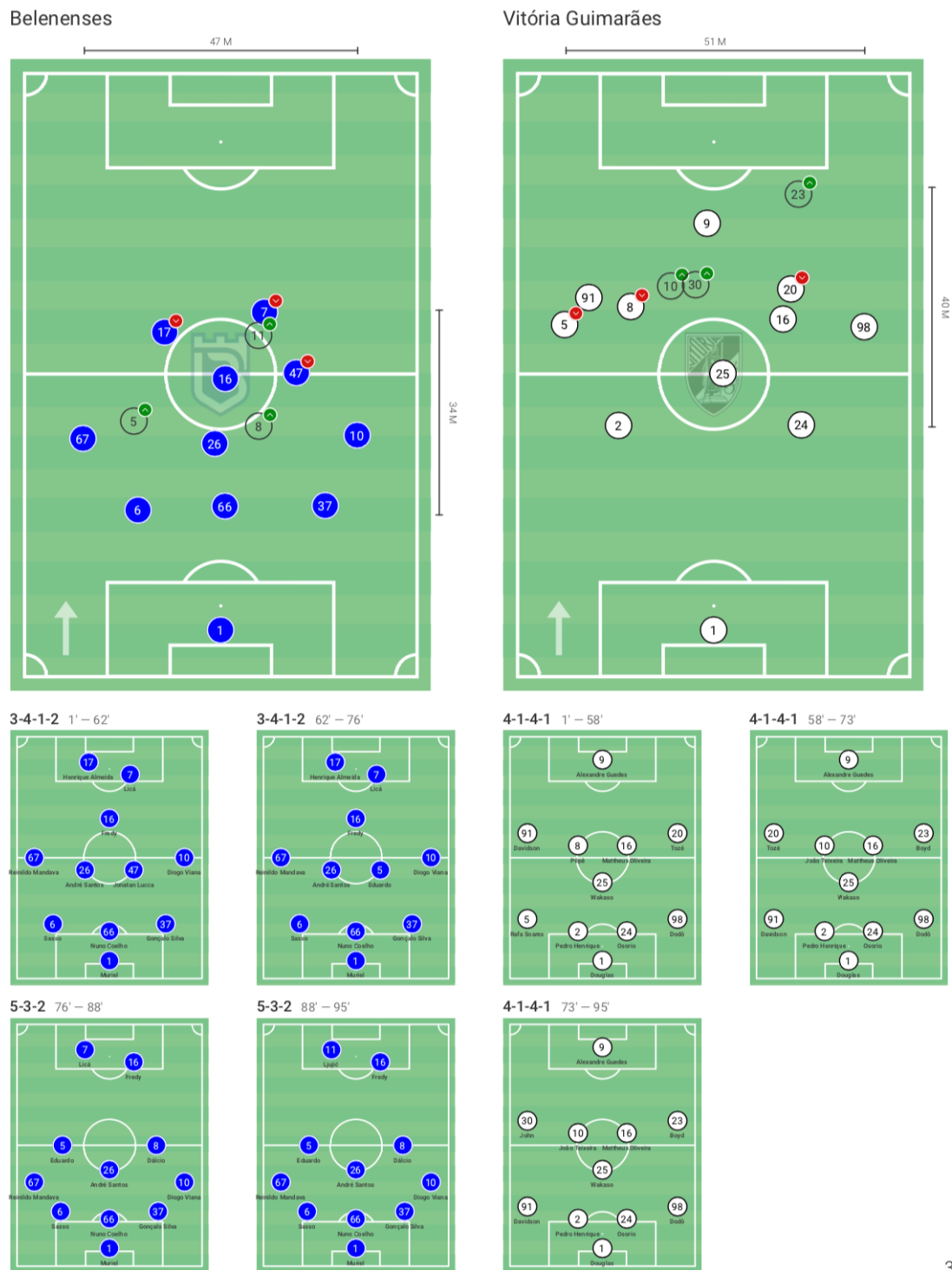


Figura 35 - Posicionamento Médio e alterações Estruturais durante a Partida.

Da figura 35 observamos que na equipa do VSC:

- O posicionamento médio colectivo é mais alto comparativamente com a equipa do Belenenses SAD;

- O jogo de posição médio do avançado Guedes (nº 9) foi muito isolado relativamente ao posicionamento médio dos seus colegas;
- Posicionamento médio do ala direito Tozé (nº 20) foi declaradamente mais interior que o do ala do corredor contrário;
- A distância do posicionamento médio dos dois interiores (nº 8 e nº 16) foi relativamente distante.

Mais uma vez torna-se difícil perceber o que aconteceu efectivamente no jogo. Por exemplo:

1. Porque é que o posicionamento médio coletivo do VSC é superior ao do Belenenses SAD?

Após a observação e análise do jogo percebe-se que o VSC esteve predominantemente em organização ofensiva e a construir à entrada do meio campo defensivo do Belenenses SAD como poderá ser observado mais à frente.

2. Que tipo de comportamentos existiram para que o avançado Guedes (nº 9) tivesse um jogo de posição mais isolado relativamente aos seus colegas?

Para além de ser avançado e ter de forma natural um jogo de posição ofensivo alto, quando a equipa realizava a sua 1ª fase de pressão podemos constatar a distância elevada entre a linha do avançado e a linha média. A imagem que comprova esta ideia será mostrada mais à frente neste capítulo.

Nas tabelas 17 e 18 encontramos os tipos de passe que cada atleta das duas equipa realizou com sucesso e sem sucesso.

Passe

Jogador	Minutos jogados	Passes para a frente / precisos	Passes para trás / precisos	Passes laterais / precisos	Passes curtos + médios / precisos	Passes longos / precisos	Passes progressivos / precisos	Passes para o third final / precisos	Passes na diagonal / precisos	Deep completions	Passes decisivos	Segunda / terceira assistências	Shot assists	Passe length médio
⑨ Dodó	94'	15/13 87%	15/14 93%	26/24 92%	64/61 95%	1/1 100%	10/9 90%	4/3 75%	-	-	-	-	3	16.1
⑫ Y. Osorio	94'	28/25 89%	4/4 100%	26/25 96%	57/55 96%	6/4 67%	10/9 90%	7/6 86%	-	-	-	-	-	22.8
③ Pedro Henrique	94'	24/18 75%	2/2 100%	40/38 95%	60/57 95%	10/5 50%	9/6 67%	7/2 29%	-	-	-	-	-	23.6
① Rafa Soares	57'	17/13 76%	10/10 100%	10/6 60%	35/32 91%	5/2 40%	7/6 86%	9/7 78%	-	-	-	-	1	18.1
⑫ A. Wakaso	94'	15/11 73%	6/6 100%	36/33 92%	47/43 91%	11/8 73%	8/7 88%	13/8 62%	1/0 0%	-	-	-	1	23.1
⑫ Tozé	73'	6/3 50%	9/9 100%	16/14 88%	35/32 91%	3/2 67%	4/3 75%	6/5 83%	1/1 100%	-	-	-	2	17.9
⑩ Matheus Oliveira	94'	14/14 100%	7/7 100%	25/22 88%	43/41 95%	8/7 88%	6/5 83%	5/4 80%	1/1 100%	1	-	-	1	19.6
④ Pêpê	57'	4/4 100%	3/3 100%	12/11 92%	24/22 92%	1/1 100%	2/2 100%	6/6 100%	-	-	-	-	-	17.3
⑥ Davidson	94'	12/10 83%	13/12 92%	15/11 73%	41/38 93%	8/4 50%	7/6 86%	8/7 88%	-	1	-	-	1	17.9
⑨ Alexandre Guedes	94'	2/2 100%	4/4 100%	2/2 100%	12/12 100%	-	1/1 100%	1/1 100%	-	-	-	-	-	12.9
⑩ João Teixeira	37'	6/6 100%	4/4 100%	3/2 67%	15/14 93%	-	-	2/2 100%	-	-	-	-	1	18.7
⑫ T. Boyd	37'	-	2/1 50%	1/1 100%	5/4 80%	-	1/1 100%	-	-	-	1	-	1	17.9
⑫ O. John	22'	2/2 100%	2/2 100%	6/6 100%	12/11 92%	-	3/3 100%	1/1 100%	-	1	-	-	-	21.8

Tabela 17 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do VSC.

Passe

Jogador	Minutos jogados	Passes para a frente / precisos	Passes para trás / precisos	Passes laterais / precisos	Passes curtos + médios / precisos	Passes longos / precisos	Passes progressivos / precisos	Passes para o third final / precisos	Passes na diagonal / precisos	Deep completions	Passes decisivos	Segunda / terceira assistências	Shot assists	Passe length médio
17 Gonçalo Silva	94'	22/14 64%	2/2 100%	27/26 96%	45/43 96%	10/3 30%	10/5 50%	5/0 0%	2/0 0%	-	-	-	-	22.5
66 Nuno Coelho	94'	14/13 93%	2/2 100%	32/32 100%	44/44 100%	6/5 83%	4/4 100%	3/2 67%	-	-	-	-	-	18.9
4 V. Sasso	94'	26/21 81%	4/4 100%	25/24 96%	52/50 96%	7/3 43%	10/7 70%	2/0 0%	-	-	-	-	-	19.5
10 Diogo Viana	94'	8/4 50%	7/7 100%	9/6 67%	22/16 73%	5/2 40%	5/2 40%	2/0 0%	-	-	-	-	-	20.5
7 Jonatan Lucca	61'	5/3 60%	4/3 75%	3/2 67%	13/9 69%	1/1 100%	1/1 100%	2/1 50%	-	-	-	-	-	17
23 André Santos	94'	13/6 46%	4/4 100%	11/6 55%	22/17 77%	11/4 36%	6/3 50%	8/3 38%	2/1 50%	-	-	-	-	25.2
19 Reinildo Mandava	94'	12/6 50%	11/11 100%	8/7 88%	32/26 81%	5/1 20%	6/3 50%	4/2 50%	-	-	-	-	1	17.9
16 Fredy	94'	13/6 46%	10/10 100%	9/8 89%	34/28 82%	3/0 0%	8/5 63%	10/6 60%	1/0 0%	-	-	-	-	18.9
2 Licá	88'	3/1 33%	3/3 100%	2/2 100%	13/9 69%	-	1/1 100%	2/1 50%	-	-	-	-	1	14.7
17 Henrique Almeida	75'	4/4 100%	2/2 100%	4/3 75%	10/8 80%	2/2 100%	3/2 67%	-	-	2	2	-	2	19.4
4 Eduardo	33'	1/1 100%	2/2 100%	2/2 100%	3/3 100%	2/2 100%	1/1 100%	1/1 100%	1/1 100%	1	-	-	-	24.8
4 Dálcio	19'	-	-	1/1 100%	1/1 100%	-	-	-	-	-	-	-	-	24.6
11 M. Ljujić	6'	-	-	-	1/1 100%	-	-	-	-	-	-	-	-	9.4

Tabela 18 - Dados Estatísticos relativos aos tipos de Passe de cada atleta do Belenenses SAD.

Os dados acima deverão acrescentar informação aos dados das *networks* e matrizes correspondentes (figura 36 e 37).

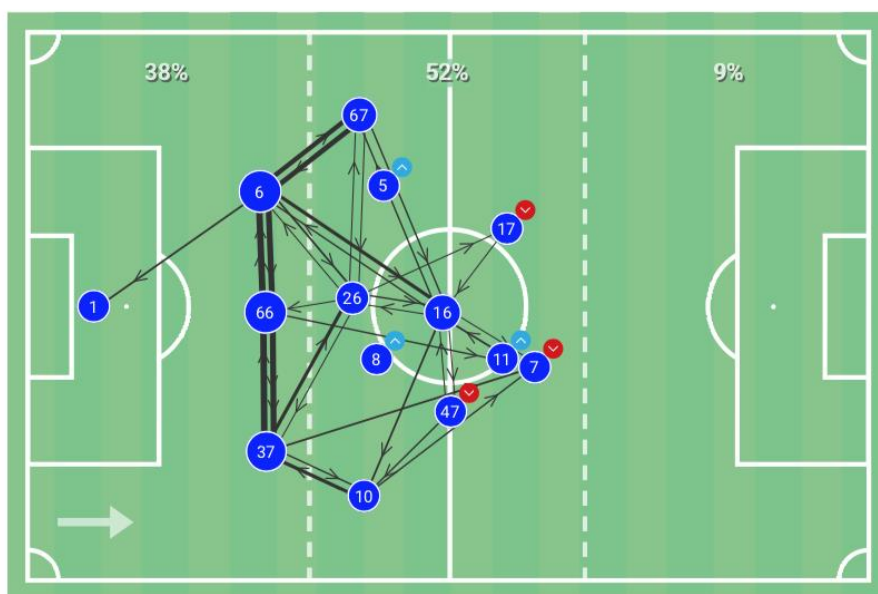


Figura 36 – Network do Belenenses SAD.

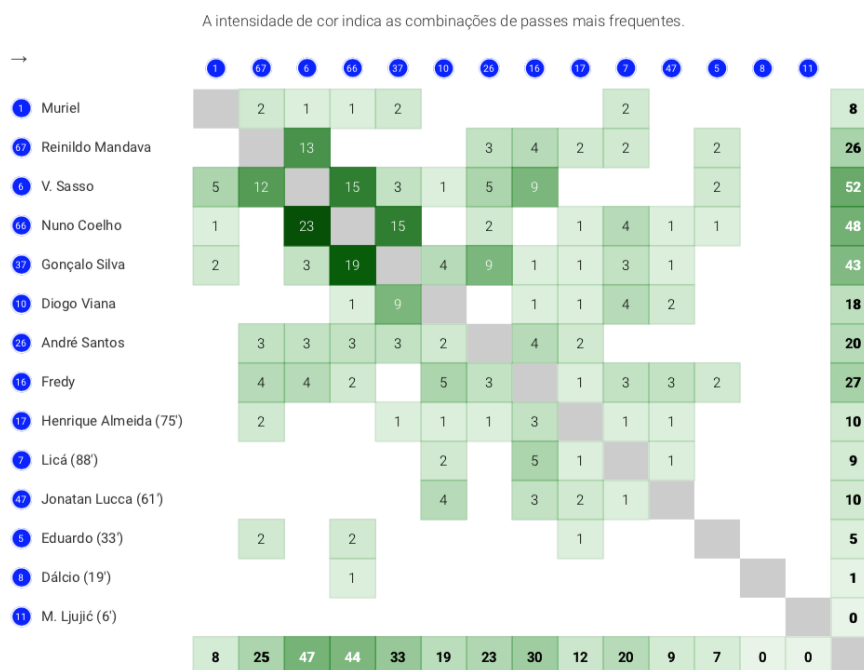


Figura 37 – Matriz do Belenenses SAD.

A *network* do Belenenses SAD possui informações como:

- A densidade da rede, se contextualizada nos dados globais do jogo, não foi intensa
- Existiu centralidade representada pelos três defesas centrais;
- O defesa central do lado esquerdo Sasso (nº6) apresentou os valores mais elevados de *betweenness* e *closeness*.
- A maior parte das ligações ocorreram no 1º e 2º sectores, com 38% e 52% respectivamente;
- Os jogadores com mais passes foram os três defesas centrais;
- Os jogadores que mais passes receberam foram os três defesas centrais;
- Existiu uma grande influência dos três defesas centrais, *key-players*, no processo ofensivo da equipa;
- A relação mais forte aconteceu entre o defesa central e o defesa central do lado esquerdo, com passes de Nuno Coelho (nº 66) para Sasso (nº 6);
- A 2ª relação mais forte foi entre o defesa central do lado direito e o defesa central, com passes de Gonçalo Silva (nº 37) para Nuno Coelho (nº 66);
- Aconteceu uma circulação padrão entre os três defesas centrais;
- O defesa central do lado direito Gonçalo Silva (nº 37), foi o central que mais procurou passes em profundidade sobretudo relacionando-se com o avançado Licá (nº 7).

Nas seguintes figuras (38 e 39) obtemos a informação relativa à *network* e matriz da equipa do VSC.

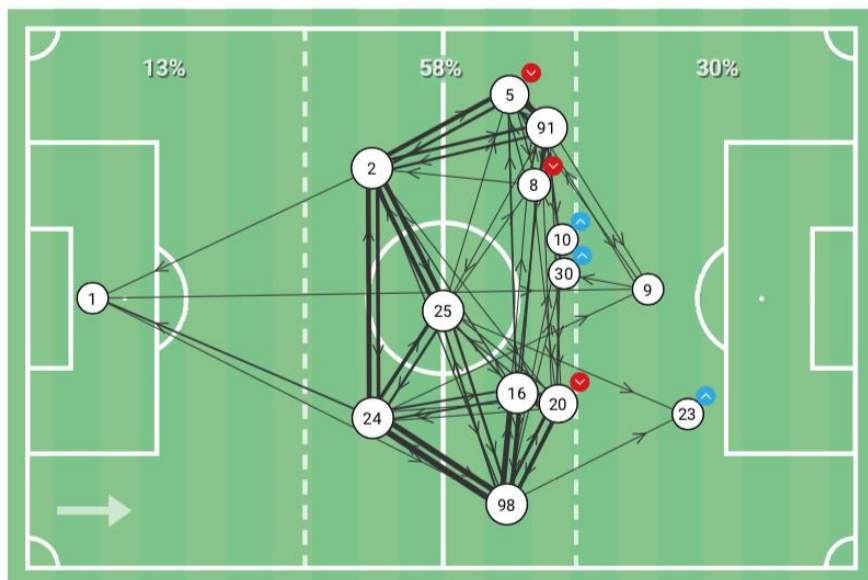


Figura 38 – Network da VSC

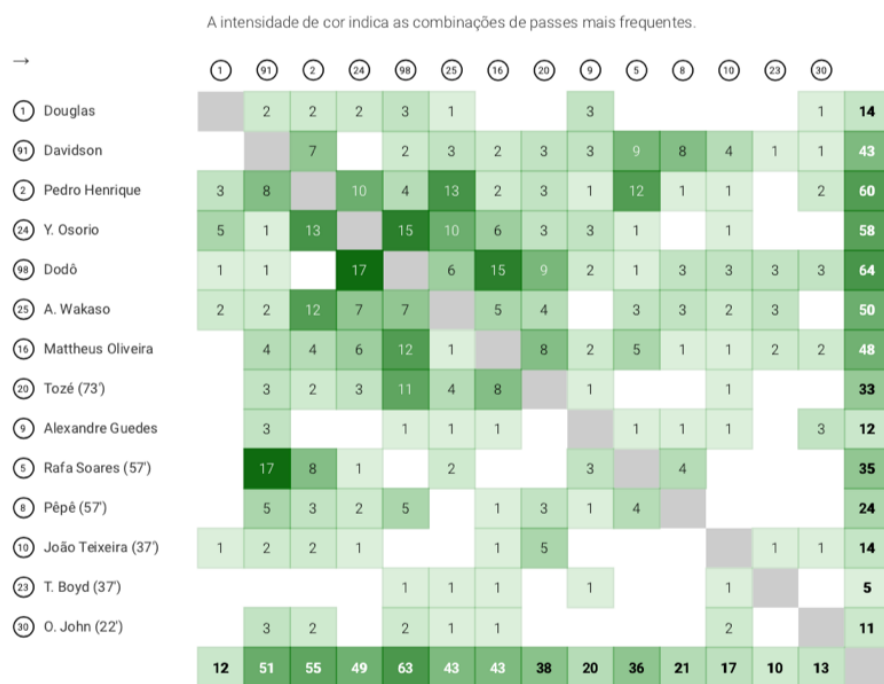


Figura 39 – Matriz do VSC.

Na *network* do VSC observamos:

- Uma rede mais densa e menos centralizada do que a do Belenenses SAD;

- As relações mais fortes aconteceram entre o lateral direito Dodô (nº 98) e o defesa central do lado direito Osorio (nº 24), e entre o lateral esquerdo Rafa Soares (nº 5) e o ala esquerdo Davidson (nº 91);
- O jogador que mais passes recebeu foi o lateral direito Dodô (nº 98);
- O lateral direito Dodô foi também o jogador com mais passes realizados;
- O lateral direito Dodô foi o *key-player* do VSC, apresentando também elevados valores de *closeness* e *betweness*;
- Aproximadamente 88% dos passes foram executados no 2º e 3º sectores.

Com as informações retiradas das *networks* podemos concluir que neste jogo:

- O VSC esteve mais tempo em organização ofensiva do que o Belenenses SAD;
- Grande parte do jogo ocorreu predominantemente à entrada do meio campo defensivo do Belenenses SAD ou dentro dele;
- O Belenenses SAD jogou de forma apoiada dando protagonismo aos três DC's;
- O Belenenses SAD apresentou mais ligações para o defesa central do lado esquerdo;
- O VSC esteve durante muito tempo em 2ª fase de construção ou 1ª fase de construção vs. Bloco Médio/Médio-Baixo do adversário;
- Devido à maior complexidade e menor grau de centralidade da equipa do VSC, a *network* indica que o VSC teve uma *performance* superior.

Relativamente ao último ponto é necessário compreender o que é uma *performance* superior um vez que a equipa demonstrou ser superior e acabou por perder. Efectivamente a equipa do VSC teve uma *performance* superior à do Belenenses SAD neste jogo tendo tido mais posse de bola, maior capacidade de chegada a zonas próximas da baliza do adversário e mais situações de finalização, sem no entanto ter tido sucesso.

Parece-me interessante relacionar que a *performance* possível de retirar desta metodologia refere-se a uma *performance* sobretudo ofensiva, até porque os comportamentos sem bola são omitidos, sobretudo os comportamentos defensivos.

Realizando a observação e análise do jogo, encontramos informação diversa que podemos observar nas imagens que se seguem.

O VSC esteve mais tempo em organização ofensiva do que o Belenenses SAD e em construção esteve perante uma equipa que se organizou essencialmente em Bloco Médio/Médio-Baixo (figura 40). Não foi um VSC muito paciente em 2ª fase ou 1ª fase de construção vs. Bloco Médio/Médio-baixo.



Figura 40 – 1ª fase de construção a 3 vs. Bloco Médio/Médio-baixo.

Nesta 1ª parte podemos observar o jogo de posição ofensivo do VSC maioritariamente em 3+2 contra um Belenenses SAD que defendeu predominantemente em 5x3x2 (figura 40). O VSC teve durante todo o jogo muitas dificuldades em ligar a sua 2ª com 3ª fase, ou 1ª fase de construção vs. Bloco médio/médio-baixo com 2ª e 3ª fases.

A forma como a equipa montou o seu jogo de posição não facilitou um jogo mais fluido e com maior conquista de espaços. O jogo de posição paralelo dos interiores, o jogo de posição da linha de 3 muitas vezes sem perceberem onde estar, a tomada de decisão do pivot entre centrais, ou até mesmo o jogo de posição dos alas frequentemente dentro perante esta estrutura não foi eficaz.

A figura 41 mostra um dos espaços sensíveis para “quebra” da estrutura defensiva do adversário. Com outro tipo de jogo de posição ofensivo, como por exemplo com o lateral ligeiramente mais dentro e o ala fora poderiam ter conquistado espaços de forma mais eficaz.



Figura 41 - Espaço possível de quebra da estrutura do adversário.

No entanto, essa ligação não aconteceu muitas vezes de forma intencional. O posicionamento dos centrais e das linhas seguintes levaram a ligações com espaço exterior e profundidade resultando em perdas constantes da posse de bola (figura 42).



Figura 42 – Jogo de posição do DC do lado contrário e sugestão.

A maior parte das ligações nesta fase de construção foi feita fora nos laterais e como podemos observar nas figuras 43 e 44 esse espaço era facilmente controlado pelo adversário, tirando partido das vantagens de ter uma linha de 5 capaz a defender. A bola entrava em espaço exterior e existia perda ou teriam de travar e ligar com coberturas, sendo que também não conseguiram sair de forma célere para ir buscar o espaço interior ou corredor contrário.



Figura 43 – Dificuldades em conquistar espaço exterior.



Figura 44 - Dificuldades em criar superioridades espaço exterior.

Como já foi dito anteriormente a circulação não foi muito paciente e ligou em zonas não débeis do adversário. Com mais paciência o VSC poderia ter criado vantagem com um dos defesas centrais à largura ou ligar em passe na estrutura sensível para quebra que a figura 45 ilustra. Para que tal fosse possível seria necessário que o pivot adoptasse outro tipo de comportamentos.



Figura 45 – Superioridade no corredor através da condução do defesa central.

Mesmo em zonas de criação o VSC sentiu sempre muitas dificuldades. Bola em espaço exterior, não houve criação dentro, e não conseguiam conquistar o corredor sendo que definiam rápido ou travavam e procuravam ir buscar o corredor contrário para definir (figuras 46 e 47).



Figura 46 – Desvantagem no corredor em 3ª Fase, travar/variá.



Figura 47 – Sequência da imagem anterior com definição no corredor contrário.

Muito poucos cruzamentos de 1ª linha foram procurados. Na figura 48 podemos observar uma das poucas definições em espaço exterior onde o VSC conseguiu criar algum perigo no ataque às zonas predominantes de finalização.



Figura 48 – Definição em zonas de cruzamento com ataque às zonas de finalização.

Na 2ª parte a equipa sentiu as mesmas dificuldades da 1ª, sendo que o estado do relvado deteriorou-se e o campo tornou-se ainda mais pesado não facilitando a circulação da bola. O jogo de posição da equipa não se alterou de forma relevante.

Na figura 49 temos uma possível circulação perante os comportamentos desta estrutura adversária em 5x3x2 que poderia ter surtido efeito. É representado um jogo de posição fora-fora com lateral-ala, avançado em apoio, interior do lado da bola a aproximar para 3º homem, interior do lado contrário mais dentro e ligeiramente mais alto, com ala do corredor contrário onde mostra a imagem e lateral projectado.



Figura 49 – Dificuldades perante organização defensiva do adversário, possível circulação.

Com o jogo de posição descrito e movimento de apoio do avançado, abrir-se-iam várias possibilidades para desestabilizar a equipa do Belenenses SAD.

Mais uma vez constatamos a possibilidade de ligar nos espaços sensíveis, mas a tomada de decisão do pivot foi débil e o jogo de posição dos jogadores entrelinhas não possibilitou o melhor seguimento (figuras 50 e 51).



Figura 50 – Espaço sensível para chegar a 3ª fase com probabilidades de sucesso.



Figura 51 - Espaço sensível para chegar a 3ª fase com probabilidades de sucesso e pivot em condução.

Nas figuras 52 e 53 temos o golo sofrido pelo VSC em transição defensiva após perda na ligação de 2ª fase ou 1ª fase de construção vs. Bloco Médio/Médio-Baixo com procura de movimento de fora para dentro do avançado. É perceptível o posicionamento demasiado baixo do pivot que permitiu ao Belenenses SAD criar superioridade posicional e chegar a zonas de criação em espaço interior originando o golo.



Figura 52 – Momento da execução do passe e jogo de posição antes da perda.



Figura 53 – Instantes que antecedem o golo do Belenenses SAD.

Em organização defensiva o VSC apresentou-se numa estrutura de 4x1x4x1. Inicialmente a procurarem condicionar/trancar em bloco alto, mas acabaram por baixar um pouco a estrutura por insucesso na sua 1ª fase de pressão. A figura 54 mostra o avançado a libertar o pivot adversário e a procurar condicionar a construção adversária e o ala a encurtar de forma vertical ou de fora para dentro várias vezes na 1ª fase de pressão. Com este tipo de comportamentos ficou bem visível a dificuldade em impedir ligações com o pivot ou até mesmo no movimento em apoio do médio ofensivo onde o lateral direito do VSC deveria estar fechado por dentro.



Figura 54 – 1ª fase de pressão em bloco médio-alto/alto ala a encurtar sobre central da largura adversário.

Ao baixar um pouco o seu bloco, procurando controlar os espaços onde o Belenenses SAD estava a ligar de forma frequente, o VSC acabou por baixar demasiado a linha média sobretudo o jogo de posição dos alas. Na figura 55 é observável a distância intersectorial considerável entre linha média e linha ofensiva do VSC.



Figura 55 – Espaço claro entre linha ofensiva e linha média, alas muito baixos sem conseguir encurtar.

Para além das ligações em espaço interior no pivot ou no médio ofensivo em apoio, com origem nos passes do DCE que é o defesa do Belenenses SAD que se mostrou com maior capacidade em condução, outra das ligações mais procuradas foi a profundidade (figuras 56, 57, 58 e 59) tanto pelo DCE, pivot e DCD. Este último jogador demonstrou ser o defesa com menor capacidade para ligar dentro neste jogo.



Figura 56 – Ligação longa do DCE, 2x1 dos DC do VSC contra o AV do Belenenses SAD.



Figura 57 – Ligação com o Pivot.



Figura 58 – Sequência da imagem anterior, ligações longas para espaço exterior e sobretudo zona espaço foi recorrente.



Figura 59 – O DCD do Belenenses SAD foi o elemento da linha de 3 que mais procurou as ruturas sobretudo de Licá.

O controlo de profundidade do VSC foi bastante competente perante uma equipa com qualidade neste tipo de procura de espaços, sobretudo pelo *timing* do avançado Licá.

O VSC também conseguiu controlar corredores não permitindo ao Belenenses SAD ligações com 3ª fase ou finalização.

Na 2ª parte o Belenenses SAD esteve muito pouco tempo em organização ofensiva, os comportamentos foram semelhantes aos da 1ª parte embora com a entrada do pivot Eduardo a equipa tenha alterado o seu jogo de posição, sem apesar de tudo ter criado constrangimentos à equipa do VSC (figura 60).



Figura 60 – Alteração estrutural no Belenenses SAD, construção adversária a 3+2, médios do VSC a pegar de forma mais individualizada.

Nesta 2ª amostra constatamos mais uma vez que a influência da metodologia das *networks*, se encarada de forma isolada, apenas fornece informações relativas a interações e que ainda assim falta algum significado às mesmas.

O cálculo do posicionamento médio ajuda-nos a compreender alturas de bloco, possivelmente os métodos de jogo defensivo e intencionalidades e o jogo de posição ofensivo de forma individual que recorrendo apenas à observação e análise poderá ser de difícil identificação. Contudo a identificação micro, meso e macro dos comportamentos de uma equipa são invisíveis a esta metodologia, dificultando a resposta às perguntas do jogo.

7.5 Conclusões

A metodologia das *networks* tem vindo a ganhar alguma popularidade no futebol, mas ainda não se revelou de que forma esta ferramenta poderá ser realmente aproveitada por treinadores e analistas.

Após a comparação dos resultados obtidos foi possível chegar à conclusão que esta metodologia não contribui de forma significativa mas poderá auxiliar a observação e análise. Grande parte dos treinadores e *staff* ainda têm dificuldades em criar espaço para este tipo de metodologia e dados resultantes, quer seja por não entenderem a sua verdadeira natureza ou por não acreditarem ser relevante sobretudo se tivermos em conta os recursos necessários para produzir e utilizar esses dados. Garganta J. (1997, 2008)⁶ esclarece “que embora a utilização de procedimentos estatísticos tenha crescido de forma considerável, e apesar de reconhecerem que o seu aporte é relevante, consideram que a problemática relacionada com o jogo e processo de treino vai muito além das estatísticas” (Teoldo et al., 2017).

De acordo com Gama et al., (2017), a análise da performance no Futebol é predominantemente realizada com recurso à análise quantitativa, que fornece dados descontextualizados dos comportamentos dos jogadores e que não retrata de forma fidedigna a complexidade do jogo. Esta análise quantitativa leva o treinador a obter resultados pouco relevantes e frequentemente inconclusivos (Gama et al., 2017).

Segundo Teoldo et al., (2017), é a natureza complexa das interações que ocorrem dentro do jogo que oferece alguma opacidade aos desportos como o Futebol quando encarados como um objeto de estudo científico. A robustez de determinados projectos

⁶ Garganta J. (1997, 2008), Porto in Teoldo, I., Guilherme, J., & Garganta, J. (2017). *Training Football for Smart Playing - On tactical performance of teams and players*. Curitiba: Appris Editora.

experimentais que servem o actual modelo científico não se ajustam à sensibilidade necessária para entender as diferentes variáveis e lógicas organizacionais do jogo.

Parece-me que como variável dependente os dados oferecidos pelas *networks* poderão ser úteis à observação e análise embora isolados muito pouco, ou nada, esclarecem. Os comportamentos sem bola, sobretudo os defensivos, não são passíveis de análise visto que a metodologia se baseia nas ligações entre jogadores e portanto em ações do processo ofensivo. Até se poderá perceber quem são os jogadores-chave, o posicionamento médio individual e estrutural no qual a equipa esteve mais tempo em organização ofensiva e que método de jogo ofensivo adotou. Os espaços mais procurados também poderão ser identificáveis mas os comportamentos por detrás disso não são visados. Os princípios que levam a esse jogar não são esclarecidos e vários comportamentos relevantes são obliados e essa é a principal lacuna das *networks*. Carling (2007) defende que esta análise é pouco abrangente, por não mostrar nenhum real comportamento ou conteúdo técnico, contrariamente ao vídeo.

A interpretação resultante do processo de observação e análise é claramente mais enriquecedora quando se pretende analisar comportamentos de uma equipa, individuais ou colectivos, da nossa equipa ou do adversário. Ainda assim, se estes dados das *networks* forem integrados numa análise mais ampla juntamente com a observação e análise poderão auxiliar a figura do analista e treinadores a exponenciarem o desempenho dos jogadores de forma individual e coletiva. As *networks* têm o potencial para ajudar a suportar interpretações e fazer reflectir sobre determinados dados, e é nesse acto reflexivo que poderão provocar mais informação e ser um acrescento válido ao processo.

Reforçando a ideia anterior Belli, Dias, Gama, Couceiro e Vaz (2015) são da opinião que uma análise multidimensional do jogo de futebol tem vantagens para o treinador no treino e em competição, porque através dos indicadores de rendimento desportivo de equipas profissionais de futebol pode combinar a análise mais interpretativa das ações de jogo com a probabilidade de dada interação ocorrer entre pares e o jogador centróide. Visão semelhante tem Garganta (1998)⁷, sugerindo que o uso de dados qualitativos em conjunto com uma análise estatística adequada poderá contribuir para tornar os sistemas de análise de jogo mais adequados para o Futebol (Gama et al., 2017).

Em futuras investigações, sugiro que a amostra seja superior para que se entenda com menor percentagem de erro quais as verdadeiras faculdades dos dados oferecidos

⁷ Garganta J. (1998) in Gama, J., Dias, G., Couceiro, M., & Vaz, V. (2017). *Novos Métodos para Observar e Analisar o Jogo de Futebol*. Portugal: Prime Books.

pelas *networks*. Sugiro também realizar este processo com mais de uma pessoa para que se possa reduzir o conteúdo perdido e se possível fazê-lo com pessoas que dominem o jogo e os dados provenientes das *networks*, percebendo o verdadeiro alcance da junção destas duas metodologias. As *networks* deverão ser extrapoladas de forma a podermos obter informação das suas medidas métricas e não apenas retiradas de um *software*, limitando desta forma o alcance dos dados. Este será um tema que procurarei desenvolver de forma mais profunda no futuro.

Considerações Finais

As conclusões, reflexões e sugestões para o futuro resultantes das vivências do processo de estágio serão expostas neste último capítulo do relatório.

Uma das grandes conclusões referentes a este processo de estágio foi a importância de sair da zona de conforto, desenvolvendo desta forma mais competências humanas e consequentemente mais competências profissionais.

Antes de fazer um balanço daquilo que foi o estágio, metas atingidas ou não, importa referir a minha crença de que se pode fazer sempre mais e melhor. Relativamente aos objectivos gerais traçados pelo estagiário, acredito que os que se referem a um desenvolvimento relacional, individual e de aumento de competências na área da observação e análise foram atingidos com sucesso. Apesar de não ser possível mensurar com exactidão o nível de desempenho, a minha percepção e o *feedback* dos meus colegas e estrutura ajudam a balizar o que foi alcançado e o que não foi atingido.

De resto, o *feedback* recebido da estrutura e colegas foi sempre muito positivo relativamente a todos os objectivos gerais traçados. Contudo, creio que o desenvolvimento relativo aos objectivos orientados para a metodologia do processo de treino e jogo foi o que teve uma menor percentagem de incremento nas minhas competências. A organização e planeamento em função de conteúdo e carga, bem como a operacionalização de exercícios competitivos com formas elevadas são os objetivos específicos que acabaram por não ser tão trabalhados por mim na área do treino, sobretudo pela forma como o processo de treino foi orientado pela estrutura e equipa técnica.

Os objetivos formativos e competitivos que orientavam o processo da equipa de sub-17 do VSC foram também almejados. Do ponto de vista formativo houve uma valorização de vários jogadores que foram chamados de forma regular à seleção nacional do escalão em questão, existiu um crescimento dos atletas enquanto jogadores e homens, houve uma subida da maior parte dos jogadores ao escalão de sub-19 e alguns atletas foram transferidos para clubes de dimensão superior. Os objetivos competitivos foram alcançados com um apuramento direto para a 3ª fase do Campeonato Nacional de Juniores B e uma classificação final no 5º lugar a nível nacional.

O estudo levado a cabo neste relatório é um espelho do meu interesse na área da observação e análise tendo sido esse o departamento que me acolheu. É uma área cada vez mais importante no futebol, auxiliando técnicos a melhorar o seu processo de treino e a alcançar os objectivos propostos. Todavia ainda tem muito que crescer em Portugal as *networks* foram alvo de estudo para perceber as suas valências e entender se poderiam ser

uma ferramenta importante neste desenvolvimento. Acredito que como meio auxiliar estes dados demonstram ser uma solução interessante, potenciando a reflexão e suportando interpretações. Por outro lado, como variável independente parecem no entanto um pouco vazias para o real entendimento do jogo, faltando-lhes conteúdo relevante nas diferentes dimensões do jogo.

Este foi um processo de estágio que muito valorizo pelas partilhas, discussões e ensinamentos a que fui sujeito rodeado de bons profissionais. Sem margem para dúvidas que foi na área da observação e análise que mais cresci e me valorizei.

Refletindo sobre este processo de estágio posso afirmar que foi uma época desportiva muito rica do ponto de vista pessoal e profissional. Conheci pessoas muito competentes nas mais diversas áreas que me fizeram reflectir e crescer.

Não foi fácil largar a minha cidade e as minhas pessoas pelo desconhecido, no entanto fui incentivado a arriscar e realizar este estágio em Guimarães, no VSC. A adaptação foi mais fácil do que esperava, desde o 1º dia em que fui apresentado à estrutura e equipa técnica senti um carinho especial e abertura para ser empreendedor e demonstrar iniciativa. Rapidamente fui ganhando o meu espaço neste projecto e, de forma concomitante, fui desenvolvendo mais competências de tal forma que me tornei num elemento fundamental na equipa técnica. Acredito piamente que foi essa abertura e a forma como sempre me reconheceram e motivaram que levou a que fosse um ano muito feliz para mim.

Grande parte dos objetivos que tinha proposto para mim foram cumpridos e aqueles que não foram, apesar de existir um sentimento de insatisfação, serão certamente alcançados num futuro próximo. Os objetivos competitivos e formativos foram atingidos com sucesso apesar de sabermos que poderíamos ter feito ainda melhor. Aprendi com o que de bem e com o que de mal se fez, na certeza de que hoje sou mais competente do que ontem.

Foi um estágio abundante em conhecimento e oportunidades, mas não foi apenas no futebol que cresci. Como Homem conheci uma cidade e cultura diferentes, uma cidade que tal como o clube tem valores muito diferenciados, direi únicos em Portugal. O clube é da cidade, e a cidade é do clube. Existe quase uma fusão entre os dois. O amor que a gente de Guimarães nutre pelo clube e pela cidade remete para um sentimento de pertença e até de patriotismo. Também a cidade e as suas pessoas me deram a oportunidade para ser melhor Homem e profissional.

Em jeito de balanço final, as situações relevantes positivas foram em larga escala mais pesadas do que as situações relevantes negativas. Ainda assim, situações menos

positivas como os momentos menos felizes do ponto de vista competitivo ou algum stresse fruto de carga exacerbada de funções permitiram o meu desenvolvimento.

A observação e análise já era uma área que conhecia e na qual tinha algumas vivências. Esta época desportiva 2018/2019 serviu para reforçar a ideia de que esta é essencial na modalidade, permitindo um acréscimo de conteúdo a qualquer processo. É imperativo que se tenha paixão pela observação porque sem ela seremos incapazes de cumprir com qualidade as tarefas a realizar. É uma área muito desgastante cognitivamente e fisicamente, exige muitas horas de trabalho, muitas horas de vídeo e pouco tempo de recuperação.

O estudo que realizei permitiu chegar à conclusão de que os dados estatísticos, mais especificamente as *networks* e o posicionamento médio, ainda não constituem uma ferramenta muito relevante no processo de observação e análise, possuindo limitações óbvias para identificar comportamentos padrão. Poderá contudo ser utilizada como ferramenta secundária, com vista à obtenção de dados que corroborem interpretações ou provocando um acto reflexivo que origine maior busca de respostas, encontrando desta forma mais informações possivelmente relevantes. Considero ser um tema de estudo pertinente devido à cada vez maior influência da tecnologia e da ciência na modalidade e da importância crescente do papel da análise no processo de treino e processo competitivo.

Como sugestão de estudo considero que o mesmo deverá ser realizado com mais do que uma pessoa para reduzir a probabilidade de erro. A amostra terá de ser superior comparativamente à apresentada no estudo deste trabalho para procurar cruzar a informação estatística com a interpretativa em diferentes cenários. Com isto, aumenta-se as hipóteses de perceber as verdadeiras valências dos dados. Por último, as pessoas envolvidas no estudo deverão ter a capacidade de perceber o jogo e as variáveis em estudo.

Como perspectiva futura espero continuar a trabalhar com o mesmo prazer de sempre, se possível com mais ainda. Espero continuar a perseguir o conhecimento, dentro e fora do futebol, que me faça crescer de forma contínua. E finalmente, gostaria de trabalhar em locais como aquele em que tive o privilégio de estagiar esta época desportiva, onde tenha o sentimento de pertença e de significado.

Bibliografia

- Barbosa, A. (2014). *Os jogos por trás do Jogo*. Portugal: Prime Books.
- Belli, R., Dias, G., Gama, J., Couceiro, M., & Vaz, V. (2015). Análise multidimensional dos indicadores de rendimento desportivo de equipas profissionais de Futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 34-50.
- Borgatti, S., Mehra, A., Brass, D., & Labianca, G. (13 de Fevereiro de 2009). *Science*. Obtido de ScienceMag: <https://science.sciencemag.org/content/323/5916/892/tab-pdf>
- Carling, C., Williams, A. M., & Reilly, T. (2007). *Handbook of Soccer Match Analysis*. New York: Routledge.
- Carvalho, C. (2014). *Entre Linhas*. Portugal: Prime Books.
- Carvalho, C., Oliveira, J. M., & Lage, B. (2015). *Futebol - Um saber sobre o saber fazer*. Portugal: Prime Books.
- Casanova, M. P. (2015). A Avaliação como Promoção da Aprendizagem dos Alunos. *Atas do XXII Congresso da AFIRSE: Diversidade e Complexidade da Avaliação em Educação e Formação*, 1282-1290.
- Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização Dinâmica do jogo*. Lisboa: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Castelo, J., & Matos, L. F. (2013). *Futebol - Conceptualização e organização de 1100 exercícios específicos de treino*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Clemente, F. M., Couceiro, M. S., Martins, F. M., & Mendes, R. S. (2015a). Using Network Metrics in Soccer: A Macro-Analysis. *Journal of Human Kinetics*, 123-134.
- Clemente, F. M., Martins, F. M., Kalamaras, D., & Mendes, R. S. (2015d). General network analysis of national soccer teams in FIFA World Cup 2014. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 80-96.
- Clemente, F. M., Martins, F. M., Kalamaras, D., Oliveira, J., Oliveira, P., & Mendes, R. S. (2015b). The social network analysis of Switzerland football team on FIFA World Cup 2014. *Journal of Physical Education and Sport*, 136-141.
- Clemente, F., Martins, F., Wong, D., Kalamaras, D., & Mendes, R. (2015c). Midfielder as the prominent participant in the building attack: A network analysis of national teams in

- FIFA World Cup 2014. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 704-722.
- Cotta, C., Mora, A. M., Merelo-Molina, C., & Merelo, J. J. (2013). FIFA World Cup 2010: A Network Analysis of the Champion Team Play. *Journal of Systems Science and Complexity*, 21–42.
- Farias, C. (2018). Anuário do treino desportivo 2018. In C. O. Portugal, *Anuário do Treino Desportivo 2018* (pp. 49-62). Lisboa: Omniserviços/Visão e Contextos.
- Freeman, L. C. (1979). Centrality in Social Networks Conceptual Clarification. *Social Networks*, 215-239.
- Gama, J., Dias, G., Couceiro, M., & Vaz, V. (2017). *Novos Métodos para Observar e Analisar o Jogo de Futebol*. Portugal: Prime Books.
- Gama, J., Passos, P., Davids, K., Relvas, H., Ribeiro, J., Vaz, V., & Dias, G. (2014). Network analysis and intre-team activity in attacking phases of professional football. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 692-708.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 57-64.
- Garganta, J., & Gréhaigne, J. F. (1999). Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? *Movimento*, 40-50.
- Gréhaigne, J. F., Mahut, B., & Fernandez, A. (2001). Qualitative observation tools to analyse soccer. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 52-61.
- Grund, T. U. (2012). Network structure and team performance: The case of English Premier League soccer teams. *Scocial Networks*, 682-690.
- Jennings, D., Cormack, S., Coutts, A. J., Boyd, L., & Aughey, R. J. (2010). The Validity and Reliability of GPS Units for Measuring Distance in Team Sports Specific Running Patterns. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 328-341.
- Kerr, J. (2016). *Legado - 15 lições de Liderança*. Alfragide: Texto Editores.
- Lage, B. (2017). *Formação - Da Iniciação à Equipa B*. Portugal: Prime Books.
- Leite, B., Dinis, E., Escudeiro, J., Coutinho, R., & Escudeiro, V. (2016). *Ser Profissional no Amador*. Portugal: Prime Books.

- Mallo, J. (2015). *Complex Football - From Seirul-lo's Structured Training to Frade's Tactical Periodisation*. Spain: Topprosoccer S.L.
- Malta, P., & Travassos, B. (2014). Caraterização da transição defesa-ataque de uma equipa de Futebol. *Motricidade*, 27-37.
- Passos, P., Davids, K., Araújo, D., Paz, N., Minguéns, J., & Mendes, J. (2011). Networks as a novel tool for studying team ball sports as complex social systems. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 170-176.
- Pedreño, J. M. (2018). *Scouting en Fútbol - Del fútbol base al alto rendimiento*. Vigo: MC Sports.
- Peña, J., & Touchette, H. (2012). A network theory analysis of football strategies. *Sports Physics*, 1-6.
- Perarnau, M. (2016). *Pep Guardiola. La metamorfosis*. Barcelona: Roca Editorial de Libros, S.L.
- Prudente, J. (22 de Abril de 2018). *A avaliação nos jogos desportivos coletivos de invasão*. Obtido de Repositório Digital da Universidade da Madeira: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/2032/1/A%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20nos%20Jogos%20Desportivos%20coletivos%20de%20invas%C3%A3o%20.pdf>
- Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de treino em Futebol*. Lisboa: FPF.
- Randers, M. B., Mujika, I., Hewitt, A., Santisteban, J., Bischoff, R., Solano, R., . . . Mohr, M. (2010). Application of four different football match analysis systems: A comparative study. *Journal of Sports Sciences*, 171-182.
- Rodrigues, J., & Louro, H. (2016). *Observação e Análise das Habilidades Desportivas*. Lisboa: IPDJ.
- Sarmiento, H., Pereira, A., Anguera, M. T., Leitão, J., & Campaniço, J. (2014). The Coaching Process in Football - A qualitative perspective. *Montenegrin Journal of Sports Science and Medicine*, 9-16.
- Sharkey, B. J., & Gaskill, S. E. (2006). *Sport physiology for coaches*. USA: Human Kinetics.
- Silva, M. (2008). *"O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática"*. Ponte Vedra: MC Sports.

- Silva, R. T. (2016). *Análise de Networks em Futebol: Estudo do padrão comportamental ofensivo dos Juniores C (sub-15) do Rio Ave Futebol Clube*. Porto: Faculdade de Desporto - Universidade do Porto.
- Tamarit, X. (2016). *Periodización Táctica vs Periodización Táctica*. Espanha: MBF.
- Teoldo, I., Guilherme, J., & Garganta, J. (2017). *Training Football for Smart Playing - On tactical performance of teams and players*. Curitiba: Appris Editora.
- Vázquez, Á. V. (2012). *Fútbol: del Analisis del Juego a la Edición de Informes Técnicos*. Espanha: MC Sports.
- Ventura, N. (2013). *Observar para Ganhar*. Portugal: Prime Books.
- VSC. (21 de Abril de 2020). *Património*. Obtido de Vitória Sport Clube - Site Oficial: vitoriasc.pt/pt/index/stadium
- Yamamoto, Y., & Yokoyama, K. (21 de Abril de 2011). *Common and Unique Network Dynamics in Football Games*. Obtido de Plos One: journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0029638

Apêndices

Apêndice I – Relatório Coletivo “Nosso Jogar”

RELATÓRIO DE JOGO - ACADEMIA VITÓRIA

Competição	Campeonato Nacional de Juniores "B"-3ª Fase	Jornada	1ª
Jogo	V.S.C x F.C. Porto	Escalão	Sub-17
Resultado	3x5	MVP	André Amaro
Sistema Inicial	4x4x2 Losango	Sistema Alternativo	4x3x3

Organização Ofensiva

Qualidade no jogo de posição ofensivo; Construção a "2" e "3"; Ligações de 1ª Fase predominantemente para espaço exterior em 2ª Fase, aquando de construção a "2" (não predominante) ligações para 2ª Fase "Dentro" no "6". Chegada a zonas de criação/3ª Fase sobretudo em espaço exterior (corredores 1 e 5), pouca qualidade na tomada de decisão com e sem bola (definição) a impedir chegada a finalização. Rever chegada a 3ª Fase para condições espaço temporais superiores. Plano estratégico de procura de atrair fora em 2ª Fase e procurar janela entre "6" e "10" adversário para conquista de espaço interior/lado cego" a acontecer de forma "natural". Em TO procura de contra-ataque e/ou ataque rápido procurando ligação com referência ofensiva de apoio. Com equilíbrio adversário "montado" e qualidade na recuperação de linhas/posições vitais entrada em ataque posicional. Qualidade a sair da 1ª zona de pressão.

Organização Defensiva

Jogo de Posição Defensivo em 4x4x2 Losango em Bloco Alto. Jogo de Posição defensivo em 4x4x2 linha/clássico em Bloco Médio/Médio-Alto. Qualidade nos movimentos em diagonal dos avançados, movimento em "L", procura de condicionar com sucesso, mais dificuldade em trancar. Linha média ajustada na largura. Espaço interior condicionado. Maiores dificuldades apresentadas no controlo de corredores/dinâmica de corredor lateral em processo defensivo. Débil percepção espaço temporal de encurtamento do Lateral (LD-Negrão). Em OD ajustados no controlo de cruzamento/espço baliza. Em TD competentes no comportamento do "Nosso Jogar" no centro de Jogo, fora do centro de Jogo maiores dificuldades nos últimos 15 minutos (anarquia característica também do Jogo).

RELATÓRIO DE JOGO - ACADEMIA VITÓRIA

Esquemas Táticos

Esquemas Táticos Ofensivos: Cantos- equilíbrio em "2+1"; 5 jogadores no ataque às zonas predominantes de finalização; pouco aproveitamento de superioridades 2x1/3x2 (soluções apoladas); direto com sucesso, pé fechado 1º poste/estratégico, 2º pé aberto; Esquemas Táticos Defensivos: Cantos- Losango no 1º poste; 4 a formar linha zonal com referência na linha da pequena área; 2 homens a zona na proteção da 1ª linha de proteção de baliza; 1 homem na preparação de conquista em "apolos"; Apolos geral a melhorar, postura corporal/posição defensiva de base a melhorar, pouco "ativos";

Observações

Ao minuto 70' efectuada alteração de sistema tático para 4x3x3.

Jogadores Destaque Adv.

Leandro Dias (2003)-defesa esquerdo

Desempenho

Avaliação	1 - Mau	2- Médio	3- Bom	4- Muito Bom	5- Excelente	6
-----------	---------	----------	--------	--------------	--------------	---

Observador João Cancela Data 03/03/2019

Apêndice II – Relatório Individual em Competição

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO - JOGADOR VITÓRIA

Jogador	Helder Sá											
Jogo	VSC x FC Porto	Escalão	Sub-17									
Posição Observada	Lateral Esquerdo											
Minutos	80'	Condição	Titular									
Observação nº	5											
Postura Competitiva	Mais focado que o seu padrão. Competitivo em processo defensivo e ofensivo. Melhorou comunicação com os colegas.											
Aspectos Táticos	Continua com comportamentos débeis em processo defensivo; Melhorar na formação de triângulos para controlo de corredores, controlo de cruzamento. Em TD-montar "equilíbrio" (quando); comportamentos de controlo de profundidade											
Aspectos Técnicos	Recursos para em processo ofensivo conseguir bater linhas/quebrar estruturas. Recursos em gesto de "fugir para o espaço", qualidade para travar e ligar com 2ª Fase dentro tanto em passe como em condução para chegada a "quebra" de estrutura defensiva do adversário.											
Desempenho	<table border="1"> <tr> <td>Avaliação</td> <td>1 - Mau</td> <td>2- Médio</td> <td>3- Bom</td> <td>4- Muito Bom</td> <td>5- Talento</td> <td>4</td> </tr> </table>					Avaliação	1 - Mau	2- Médio	3- Bom	4- Muito Bom	5- Talento	4
Avaliação	1 - Mau	2- Médio	3- Bom	4- Muito Bom	5- Talento	4						
Observações												
Observador	João Cancela		Data	04/04/2019								

Apêndice III – Relatório Adversário



ANÁLISE ADVERSÁRIO

F.C. Porto

Campeonato Nacional de Juvenis
18/19
3ª Fase
Jornada 1

Equipa Provável
ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto

Nota: Antecipação de cenário para comportamentos específicos a partir da estrutura "esqueleto" do S.T-4x4-2 Losango. Rever Relatório da 2ª Fase 2ª Volta (antecipação de cenários). Provável Mobilidade no jogo de posição ofensivo dos elementos da linha ofensiva e (posição) "10". A dinâmica de conquista de espaço entre central-lateral adversário também observada com bola em OO-1ª Fase/3ª Fase Fora (amostra mais escassa). Se todos disponíveis, dúvida essencialmente na posição "6" e "10".

SISTEMA TÁCTICO
1-4-4-2 LOSANGO

TREINADOR – Manuel Tulpa

Nota: Para efeitos de observação e interpretação do jogo, daqui para a frente os números utilizados no infograma serão referentes à posição.

#Aqui é só vitória

Equipa Provável
ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto

SISTEMA TÁCTICO
1-4-4-2 LOSANGO

TREINADOR – Manuel Tulpa

Nota: Para efeitos de interpretação-Nºs referentes à posição.

#Aqui é só vitória

CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS

- 1-Não parece confortável no controle de cruzamento e ET's Def. Qualidade em Proteção de Baliza. Pós ação de proteção de Baliza procura frequentemente referência(s) ofensiva(s).
- 2-Alguns indicadores de pressão, capacidades condicionais desenvolvidas. Capacidade nos duelos e condução.
- 3-Estatura elevada, "capacidades". Forte em controle de profundidade e duelo aéreo. DC com maior dificuldade na relação com bola. Velocidade de deslocamento com dificuldades, bom controle de referências ofensivas em TD e OD. Utilização escassa do pé não dominante.
- 4-Estatura elevada, capacidades condicionais. Forte em controle de profundidade e duelo aéreo. Bom controle de referências ofensivas em TD e OD. Melhor relação com bola e tomada de decisão que o Rúben C. Desconfortável se condicionado para espaço exterior.
- 5-Maior envolvimento no processo ofensivo, baixa estatura, qualidade individual. Forte em 1x1 ofensivo e defensivo. Velocidade de deslocamento e resistência específica, qualidade na recuperação de lances. Conquista a "caixa".

ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C. Porto

- 7- Procura de espaço interior e futebol associativo ou procura de contrariar apoios da linha defensiva adversária em zonas de criação. Ganho e Conquista de espaço exterior (com ações em profundidade na "caixa", forte em 1x1 (imprevisível). Agressivo c/e sem bola. Referência Ofensiva em TO.
- 8-Envolvimento débil em OD. Conquista a "caixa", trancar pé no meio e prepara apoios para ganho na profundidade. Irá procurar predominantemente jogo de posição em ou próximo de espaço exterior.
- 9-Agressivo nos duelos, com e sem bola. Boa relação com bola, qualidade em espaços reduzidos. Não tem tanta qualidade em OO-3ªFase. Pouca chegada a zonas predominantes de finalização.
- 10-Qualidade no processo defensivo.
- 9-Capacidades condicionais desenvolvidas, forte no duelo sempre muito profundo. Referência ofensiva em TO. Mais confortável procurando jogo de posição em corredor 4º em OO-1ªfase.
- 10-Boa relação com bola e TD. Melhor qualidade em zonas de criação que "8". Maior chegada a zonas predominantes de finalização.
- 11-Qualidade individual, agressivo no 1x1 ofensivo. Boa relação com bola. Mobilidade.



ORGANIZAÇÃO OFENSIVA

ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto

PONTAPÉ DE SAÍDA

- PONTAPÉ DE SAÍDA** – Expectável (por não ter sido observado desvio padrão) entrada em ataque posicional. Preparação evidente do Jogo de Posição Ofensivo (predominantemente) 2x5x3, 3x4x3.



Pontapé de Saída. Branca em ataque posicional. preparação jogo de Posição Ofensivo: 2x5x3, 3x4x3.

#Aqui é só vitória

ORGANIZAÇÃO OFENSIVA

ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto

PONTAPÉ BALIZA

- LIGAÇÃO APOIADA/CURTA** - Solução Padrão: Jogo de Posição: centrais na largura e "6" em apoio frontal, interiores em 2ª Fase "Dentro" (no máximo a dividir com 3ª Fase), Laterais em 2ª Fase "Fora", "10" a dividir 2ª/3ª Fase "Dentro" e Avançados em 3ª Fase espaço interior (cenário mais provável). "4" mais solicitado do que o "3". "3" com maiores dificuldades se condicionado para dentro, "4" se condicionado para fora. (jogo vs. Rio Ave, Francisco Ribeiro a adotar um jogo de posição muito próximo (ou em) espaço exterior (corredor 5). Jogo de Posição Ofensivo: 2x5x3/3x4x3 (jogo de posição do "6" como variável).
- LIGAÇÃO LONGA** - Em condições espaço temporais pouco favoráveis, solução de recurso (último). Não foi observado padrão de exploração de espaços/referências Ofensivas (amostra reduzida).

Ligaç. Longa. Condições espaço-temporais desfavoráveis (último). Não foi observado padrão de exploração de espaços/referências Ofensivas que atenda requisitos.

Set Piece. Acção padrão. Ligações posicionamento canchais 20x10 (jogo desfavorável maior nº de ligações com times, jogo de maior distribuição jogo de entrada no espaço exterior interior).

Sequência de jogagem interior.

2023/24 - 1.ª edição



ORGANIZAÇÃO OFENSIVA

ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto

1ª FASE DE CONSTRUÇÃO

- Construção Predominantemente a "2" e/ lateral em 2ª Fase "Fora", "6" com jogo de posição em 2ª Fase "dentro" (próximo de, ou em zonas de 1ª Fase), probabilidade de vs. Bloco Alto/Baixo procurar construção a "3". Interiores em 2ª Fase "Dentro". "10" a dividir 2ª/2ª Fase espaço interior. Avançados em 3ª Fase (Existe uma clara procura de espaço exterior, para arrastar ou ser ele de ligação). Nota: Jogo vs. Rio Ave, Francisco Ribeiro a dotar um jogo de posição muito próximo (ou em) espaço exterior (corredor 5)

Jogo de Posição Ofensivo próximo de Estrutura: 2x5x3/3x4x3.

Ligações de 1ª Fase

Vs. Bloco Médio-Alto/Ato ou Médio/Médio-Baixo as ligações parecem ser semelhantes

1ª Fase-2ª Fase "Fora"

1ª Fase-2ª Fase "Dentro"

1ª Fase-3ª Fase "Fora"

Nota: Vs. Bloco Alto e vs. Bloco Médio-Baixo/Baixo "ganha" maior probabilidade uma construção a "3" com "6" entre centrais aquando da condução destes. Folia com característica individual para "saltar" fora da estrutura defensiva do adversário. Como "6" poderá aumentar probabilidades de construção a "3", como interior (observado) aproxima de zonas de 1ª Fase para potenciar o bater de linhas do adversário.



Imagem de: Bloco Médio/Alto, ligação com espaço exterior, ataque da 3ª Fase



Imagem de: Bloco Médio, Ligação com 2ª Fase "Dentro", jogadora com predominância interior

!Aqui é a vitória

 ORGANIZAÇÃO OFENSIVA
ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C. Porto

2ª FASE DE CONSTRUÇÃO

- vs. Bloco Médio-Alto/Alto ou Médio/Médio-Baixo as ligações parecem ser semelhantes. Nota para maior probabilidade de ligação de 2ª fase "Fora" com Zona Espaço em Espaço Exterior para Interior do lado forte (rutura entre central e lateral) quando vs. Bloco Médio/Médio-Baixo.

Ligações de 2ª Fase

2ª Fase "Fora"-3ª Fase "Fora"

2ª Fase "Fora"-2ª Fase "Dentro" " (Maior procura deste espaço a partir dos jogos de posição "montados" com "origem" no Sistema Tático 4x4x2 Losango)

2ª Fase "Fora"- Zona Espaço em espaço exterior/corredores 4/2 (Rutura de "10", predominantemente, entre central e lateral - o como?/dinâmica está descrito na imagem do canto inferior direito)

2ª Fase "Dentro"-3ª/2ª "Fora"

2ª Fase "Dentro"-3ª Fase "Dentro" (Maior procura deste espaço a partir dos jogos de posição "montados" com "origem" no Sistema Tático 4x4x2 Losango)




Aqui é só vitória

ORGANIZAÇÃO OFENSIVA

ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto

3ª FASE

- Chegada a finalização sobretudo através da conquista do espaço exterior em 3ª Fase (Zonas de Cruzamento-Dinâmica na "Caixa")
- Dinâmica de CL em Processo Ofensivo a 2/3 (relação: Lateral-Interior-AV; "10" poderá criar vantagem em espaço exterior)
- 3/4 jogadores (variável, dependendo da Dinâmica de CL em Processo Ofensivo) no ataque às zonas predominantes de finalização.
- Parece existir uma intencionalidade superior (comparativamente com as análises anteriores), consequência de alteração de sistema e jogo de posição ofensivo na conquista de 3ª Fase "Dentro". Soluções em 3ª Fase dentro: Procurar ligar na ruptura para conquista da zona espaço e 1x0+Gr e Remate Exterior.

3ª Fase "Dentro": Ruptura para conquista de zona espaço em 1x0+Gr
Soluções também sempre superior.

3ª Fase "Dentro": Ruptura para conquista de zona espaço em 1x0+Gr
Soluções também sempre superior.

3ª Fase "Dentro": Ruptura para conquista de zona espaço em 1x0+Gr
Soluções também sempre superior.

F.C. Porto

TRANSIÇÃO OFENSIVA	ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto
• Método de Jogo Ofensivo Predominante: Contra-Ataque e/ou Ataque Rápido. Identificação de ataque posicional. • Pós-Esquema Tático Defensivo (predominantemente cantos) acção do Gr na procura da referência(s) ofensivas: 9 e 7 (Pedro Vieira e Francisco Conceição). • Capacidade para sair da 1ª zona de pressão em condução mesmo em MCD. • Procura das Referências Ofensivas: 2 Profundas e 1 em apoio (AV's e "10"). Ligações imprevisíveis (no corredor da bola ou com variação do centro de jogo aproveitando lado "cego"), em 2º momento de TO imprevisibilidade e verticalidade (característica individual para...) • Referências Ofensivas- de <u>profundidade</u>: Francisco Conceição (nº7) e Pedro Vieira (nº9); de <u>apoiar</u>:"10" (observado Mauro Ferreira)	
#Aqui é só vitória	10

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA	ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto
PRESSÃO PONTAPÉ DE BALIZA • BLOCO sem trancar soluções DC's em espaço exterior, jogo posicional em 4x4x2 Losango. Negação de espaço interior e condicionamento para "Fora" (Amostra sem 1ª Fase de Pressão pós solução apoiada do adversário). • Em caso de jogo direto do adversário e bola descrevendo trajetória aérea. Possuem jogadores fortes nos duelos aéreos, preparam bem a 1ª e 2ª Bola, bom controlo de profundidade e de referências ofensivas do adversário.	
	
#Aqui é só vitória	11

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA	ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto
1ªFASE DE PRESSÃO Mais do que a variável "Altura"/"Profundidade do Bloco (por não parecer tanta influência no jogo de posição) parece pertinente analisar a OD-1ª Fase de uma perspetiva vs. 1º adversário. • Vs. Construção "2ª": Probabilidade de Bloco a "montar" jogo de posição mais próximo do 4x4x2 losango. • Vs. Construção "3ª": Probabilidade de Bloco a "montar" jogo de posição aproximado do 4x3x3. Nota: Amostra reduzida e pouco conclusiva das intenções (condicionar). Expectável que intenção seja a de condicionar para espaço exterior (Procuraram na 1ª volta da 2ª Fase condicionar para "fora" Mário Rui-Plano estratégico). Variações do centro de jogo e jogo de posição desajustado permitindo espaço intrassectorial poderá potenciar encurtamentos de fora para dentro. Característica individual dos AV's para encurtar de forma agressiva e por vezes anárquica. Se relação tempo-espaço permitir, AV's irão procurar colocar bola coberta (recuperando linha/posição específica) sempre que existirem ligações de 1ª para 2ª Fase Fora. Não parece existir clara intenção em "trancar", comportamento de trancar 2ª Fase Dentro débil quando ligações apoiadas para espaço exterior/2ª Fase Fora, sobretudo vs. Construção a "3".	
	
#Aqui é só vitória	12

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

ANALISE ADVERSÁRIO

F.C.Porto

2ªFASE

- Batidos por "Dentro"

Tendo em conta jogo de posição defensivo do adversário e "Nosso Jogar" provavelmente a 2ªFase Dentro dar-se-á com "10" batido.

- Batidos por "Fora"

Interior a encurtar na portadora da bola, possível recuperação de linhas de AV procurando ser ele a colocar bola coberta. Em Bloco Médio-Alto/Alto e vs. Construção a "3" cenário possível de espaço intersectorial ("janela") entre "10" e "6". Proteção débil do lado cego.

2ªFase batidos por "Dentro" - Cenário de construção 2 e 4.

2ªFase batidos por "Dentro" - Cenário de construção 3.

2ªFase batidos por "Fora" - Bloco intersectorial "Dentro" entre "10" e "6" - lado protegido do lado cego.

#Aqui é só vitória

13

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

ANALISE ADVERSÁRIO

F.C.Porto

CONTROLO DE CRUZAMENTO/ESPAÇO-BALIZA

- CONTROLO DE CRUZAMENTO/ESPAÇO DE BALIZA- Dinâmica de Corredor Lateral em Processo Defensivo predominantemente a 3/4 (lateral-Interior-"6" com "10" e/ou AV" do corredor da bola a poder envolver). Frequentemente Linha de "3" + "1" (INT do lado contrário). DC do lado da bola mais vezes (do que anteriormente observado, e ambos) desengradado com proteção de baliza em zonas 1/2/3 de cruzamento. Bom controlo de referências no ataque às zonas predominantes de finalização, qualidade na orientação dos apoios, ajustados no espaço intersectorial ("altura da linha"), qualidade na comunicação. Rever jogo de posição das referências ofensivas em TO (vídeo-relatório para QD-3ªFase "Fora").

Controlo de Cruzamento: Espaço exterior direito.

Controlo de Cruzamento: Espaço exterior esquerdo.

#Aqui é só vitória

14

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

ANALISE ADVERSÁRIO

F.C.Porto

CONTROLO DE PROFUNDIDADE

- CONTROLO DE PROFUNDIDADE- Duelo com formação de linha de cobertura e encurtados na largura, qualidade na orientação dos apoios. Bom controlo de referências ofensivas do adversário, ajustados no espaço intersectorial ("altura da linha"), possível criar espaços intrasectoriais (Central-Lateral/Central-Central) sobretudo se em Bloco Médio-Alto/Alto. (Rever vídeo-relatório da 2ªVolta 2ªFase)

Controlo de Profundidade.

#Aqui é só vitória

15

IX

	TRANSIÇÃO DEFENSIVA	ANÁLISE ADVERSÁRIO F.C.Porto
---	---------------------	------------------------------

- Equilíbrio em 2+2/3 (DC-DC+LAT-6"/possivelmente Interior-Francisco Ribeiro aquando de 3ª Fase fora e como Int do lado contrário por menor chegada a zonas de finalização), montam com entrada em 3ª Fase "Fora"
- Centrais dão indicadores em 1ª Fase.
- 1ª zona de pressão (agressivos no centro de jogo 2/3 jogadores a encurtar de imediato) batida várias vezes (campo de dimensões elevadas) e espaço para provocar e ligar provavelmente com lado "cego".
- Bom controlo de profundidade e de referências fora do centro de jogo
- Se desequilíbrio identificado e probabilidade de saída de 1ª zona de pressão "Matam"/"Falta Tática" (mesmo em MCD).

Apêndice IV – Microciclo 37

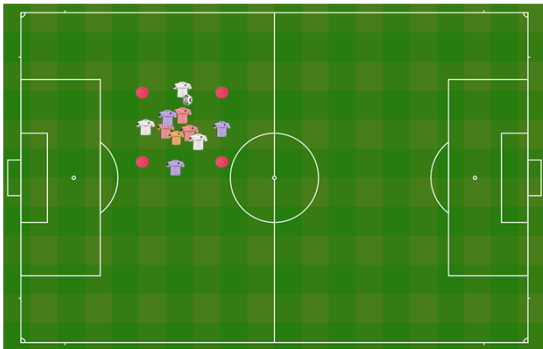


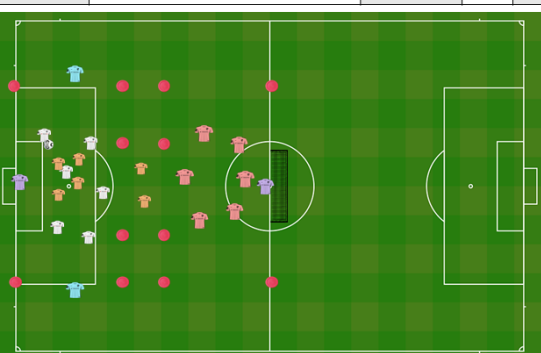
Plano de Treino

Vitória Sport Clube

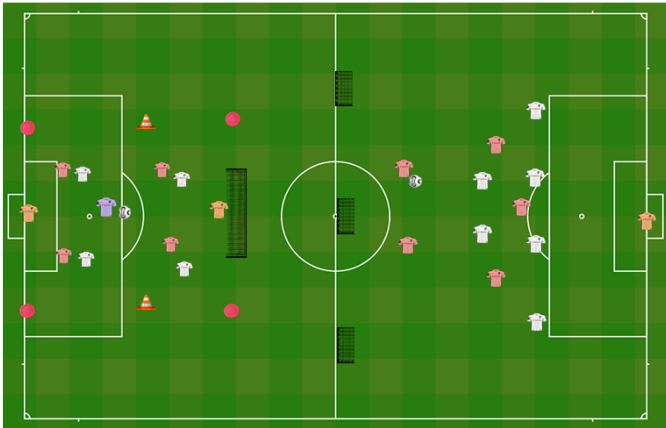
2018-2019

Nº Treino	163	Escalão	JUV A	Microciclo	37
Data	26/03/2019	Dia	3ªFeira	Hora	19h30
Nº Jogadores	20	Tempo	01h30	Local	Complexo nº4
Objectivos	OO-Jogo de Posição Ofensivo; Circulação e Posse; Atrair para variar; “quebra” de estrutura defensiva do adversário; OD-3ªFase “Dentro”/”Fora”				
Material	Bolas; Cones; Coletes				
Observações:					

 Vitória Sport Clube 2018-2019							
Exercício nº1	Jogo de Posição	Nº Campos	2	Nº Jogadores	20		15'
				Objectivos Jogo Posicional Ofensivo, atrair para variar, jogo dentro/fora, definição de linhas de passe. TD-Comportamentos no cj TO-1º momento OD-Formação e fecho de estrutura; Condicionar/Trancar, reacção a indicadores de pressão			
				Descrição Forma: 6+(1j)x3 As equipas em superioridade procuram manter um jogo de posse e circulação. Equipa em inferioridade procura recuperar a posse. Com transições.			
Classificação				Dimensões			

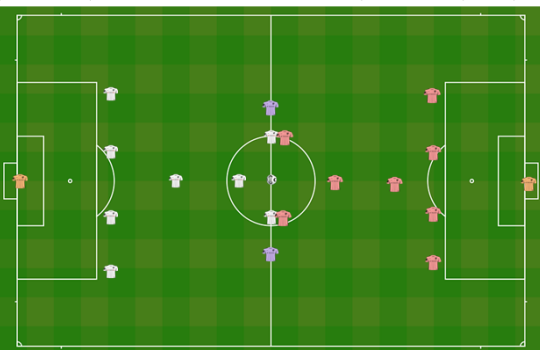
							
Exercício nº2	Holandês Modificado	Nº Campos	1	Nº Jogadores	20		22'
				Objectivos			
				Jogo Posicional c/ bola; Circulação e Posse; Ligação de fases através de jogo apoiado; "Quebra" de estrutura defensiva adversária; Atrair para cj e fora para conquista de espaço exterior batendo estrutura do adversário; Gestos/Combinações potenciadas: combinação direta, indireta (dinâmica do 3º homem), passe vertical e diagonal interior; Cadeia comunicação-Tomada de Decisão-Execução.			
				Descrição			
				Forma micro: Gr+6+(2j)+(6+Gr em espera)x4+(2) -Equipa em posse procura ligar com espaço contrário tendo a bola de passar obrigatoriamente pelo espaço interior da zona neutra. Passe vertical-1p; Passe diagonal-3p; Combinação com apoio frontal (direta ou indireta/3º homem) e passe posteriormente-3p (pontos adicionados à equipa que defende); 7 passes-1p -Equipa que defende estará em tal condição durante tempo pré-definido, se recuperar bola irá procurar fazer golo nas balizas de fut11 e 7. Se forem sucedidos serão adicionados 3 pontos à equipa que perdeu a posse. <u>Nota:</u> Na reação à perda os jokers podem reagir até ao 3º passe ser executado.			
Classificação				Dimensões			

Vitória Sport Clube
2018-2019

Exercício nº2	Decisão pós "Quebra"/OD-3ªFase	Nº Campos	1/1	Nº Jogadores	9+2/11+1		15'
							
Objectivos 1-Ligação de 2ª para 3ªFase "Dentro" (Dentro-Dentro); Definição/Tomada de Decisão em 3ªFase "Dentro" 2-OD 3ªFase "Dentro"/"Fora"							
Descrição Forma1: Gr+2+(2)+(1)x2+(2) 1-Joker Ofensivo, jogo de posição com referência em MCO. Idealmente procurar ligação com o "10"/Joker para "quebra" de estrutura defensiva do adversário. Equipa com bola só pode ligar com MCO pós "quebra" de estrutura defensiva do adversário ou dinâmica do 3º homem "quebrando"/batendo linha do adversário. Forma2: 5x6+Gr 2-Bola inicia sempre da equipa em inferioridade, procuram finalizar com sucesso na baliza de futebol 7. Equipa em superioridade procura comportamentos do "Nosso Jogar" para impedir progressão, proteger baliza e recuperar bola. Quando recupera procura de finalizar nas mini-balizas.							
Classificação				Dimensões			



2018-2019

Exercício nº4	Jogo Modificado	Nº Campos	1	Nº Jogadores	18+2		25'
							Objetivos Observação/Aquisição e Assimilação de comportamentos do “Nosso Jogar”
							Descrição Forma: Gr+8+(2j)x8+Gr -Sem condicionantes
							Equipas
Classificação				Dimensões			



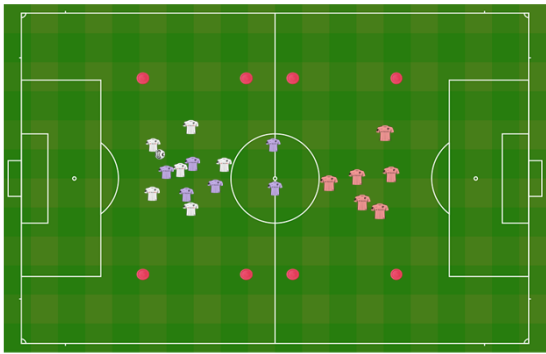
Plano de Treino

Vitória Sport Clube
2018-2019

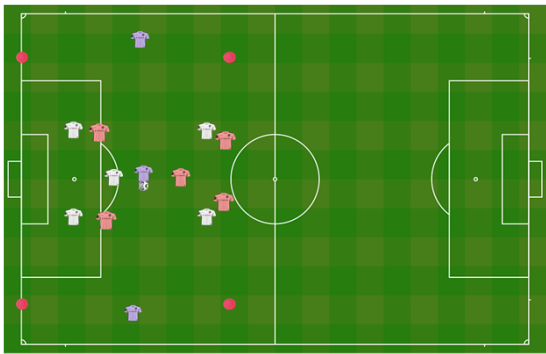
Nº Treino	164	Escalão	JUV A	Microciclo	37
Data	27/03/2019	Dia	4ªFeira	Hora	19h30
Nº Jogadores	18	Tempo	01h30	Local	Complexo nº1
Objectivos	OO-Jogo de Posição Ofensivo; Atrair para Variar; Chegada a "Quebra" de estrutura defensiva do adversário				
Material	Bolas; Cones; Coletes				

Observações:

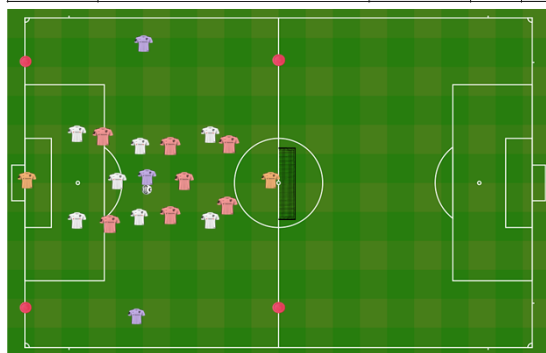
Vitória Sport Clube
2018-2019

Exercício nº1	"Bobby Robson"	Nº Campos	1	Nº Jogadores	18	🕒	12'
							
Objectivos OO-Jogo de Circulação e Posse; Atrair para Variar; "Quebra" de estrutura defensiva do adversário TD-comportamentos do "Nosso Jogar" no centro de jogo							
Descrição -Equipa com bola procura ligar com espaço mais distante após realização de 6 passes. Ligação com espaço mais distante sem condicionantes. -Equipa sem bola procura recuperar a posse e ligar sem condicionantes com equipa em espera. Na zona neutra ficarão sempre 2 jogadores da equipa em OD.							
Equipas							
Classificação				Dimensões			

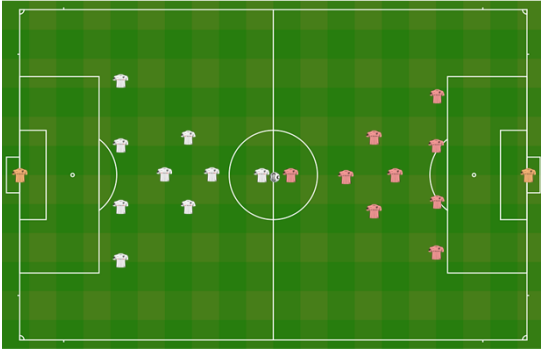
Vitória Sport Clube
2018-2019

Exercício nº2	Jogo de Posição	Nº Campos	1	Nº Jogadores	13	🕒	18'
							
Objectivos OO-Jogo de Posição Ofensivo; Conquista da profundidade; Atrair para Variar; Jogo de circulação e Posse							
Descrição Forma: 5+(3j)x5 -Equipa com bola procura conquistar "zona espaço" com bola controlada pela "linha de fundo" ou passe e receção em zona pré-definida. Nota: Em espaço anexo 2+(1)x2 com 4 balizas de "hóquei".							
Equipas							
Classificação				Dimensões			

Vitória Sport Clube
2018-2019

Exercício nº3	Jogo Reduzido	Nº Campos	1	Nº Jogadores	17	🕒	18'
							
Objectivos OO-Jogo de Posição Ofensivo; Conquista da profundidade; Atrair para Variar; Jogo de circulação e Posse; Chegada a "quebra"; Remate exterior, Gesto de finalização							
Descrição Forma: Gr+7+(3j)x7+Gr -Equipa com bola procura concretização do objetivo do jogo, finalizar com sucesso. -Equipa sem bola procura impedir a progressão, proteger baliza, recuperar bola e preparar TO com comportamentos do "Nosso Jogar". Nota: Em espaço anexo 2+(1)x2 com 4 balizas de "hóquei".							
Equipas							
Classificação				Dimensões			

Vitória Sport Clube
2018-2019

Exercício nº4	Jogo Modificado	Nº Campos	1	Nº Jogadores	18+2		20'								
															
Objectivos															
Observação/Aquisição/Assimilação de Comportamentos do "Nosso Jogar"															
Descrição															
Forma: Gr+9x9+Gr															
-Sem condicionantes															
Equipas															
<table border="1"> <tr> <td>Classificação</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>Dimensões</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>								Classificação				Dimensões			
Classificação				Dimensões											

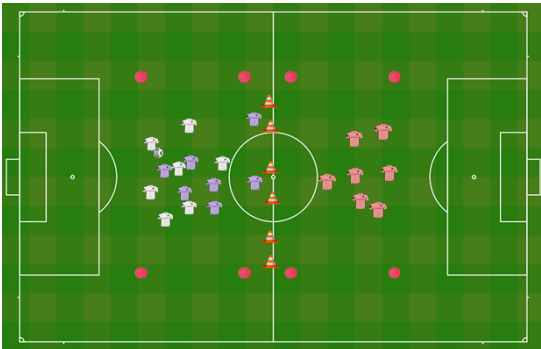


Plano de Treino

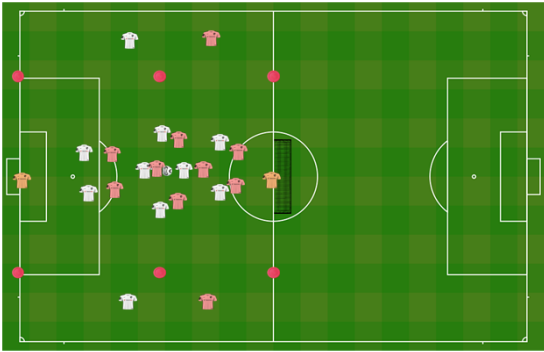
Vitória Sport Clube
2018-2019

Nº Treino	165	Escalão	JUV A	Microciclo	37
Data	28/03/2019	Dia	5ªFeira	Hora	19h30
Nº Jogadores	21	Tempo	01h30	Local	Complexo nº1
Objectivos	OO-Jogo de Posição Ofensivo; Atrair Para Variar ("Fora"-"Dentro"/"Lado Cego") OD-Dinâmica de CL em processo defensivo/controlo de corredores Plano Estratégico				
Material	Bolas; Cones; Coletes				
Observações:					

Vitória Sport Clube
2018-2019

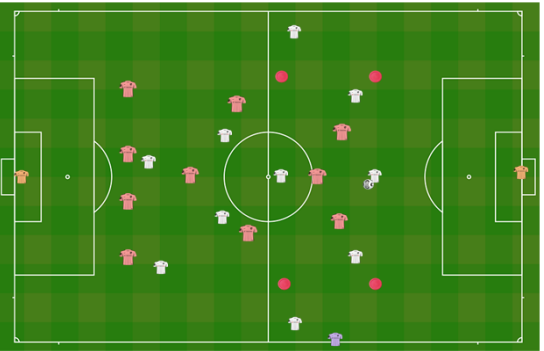
Exercício nº1	Holandês Modificado	Nº Campos	1	Nº Jogadores	22		12'								
															
Objectivos															
OO-Jogo de Circulação e Posse; Atrair para Variar-"Fora"-"Dentro"/"Lado Cego"; "Quebra" de estrutura defensiva do adversário TD-comportamentos do "Nosso Jogar" no centro de jogo															
Descrição															
-Equipa com bola procura ligar com espaço mais distante. Ligação com espaço mais distante por "min baliza" que fica "vazia". -Equipa sem bola procura recuperar a posse e ligar sem condicionantes com equipa em espera. Na zona neutra ficarão sempre 2 jogadores da equipa em OD. Estes 2 jogadores irão estar a proteger baliza de espaço interior e de corredor da bola.															
Equipas															
<table border="1"> <tr> <td>Classificação</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>Dimensões</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>								Classificação				Dimensões			
Classificação				Dimensões											

Vitória Sport Clube
2018-2019

Exercício nº2	Jogo Modificado/Corredores	Nº Campos	1	Nº Jogadores	20+2	⌚	18'
							
Objectivos							
OD-Dinâmica de Corredor Lateral em Processo Defensivo/Controlo de Corredores							
Descrição							
Forma: Gr+10x10+Gr							
-Espaço dividido em espaço interior e espaços exteriores. Forma em espaço exterior ajustável de forma a criar vantagem.							
Equipas							
Classificação Dimensões 							



2018-2019

Exercício nº3	Jogo Modificado	Nº Campos	1	Nº Jogadores	21+2	⌚	25'
							
Objectivos							
OO-Ligação 1ª com 2ª/3ª Fases (Bater 1ª Fase de Pressão do adversário, procurar atrair fora e conquistar espaço interior, janela entre 6 e 10 adversário, ou lado cego) TD Macro- Comportamentos do "Nosso Jogar" no centro e fora do centro de jogo							
Descrição							
Forma: Gr+10x10+(1)+Gr							
-Jogo inicia na "Caixa", 4x3. Podem bater 1ª Fase adversária por espaço interior com passe ou condução. Para Bater por "Fora" terá de ser com lateral em condução. AV's do adversário ficam batidos, "10" pode recuperar. Caso exista perda comportamentos dentro e fora do centro de jogo, equipa adversária em superioridade garantida por referência em espaço exterior (variar de corredor 1 para 5 e vice-versa)							
Classificação Dimensões 							



Plano de Treino

Vitória Sport Clube
2018-2019

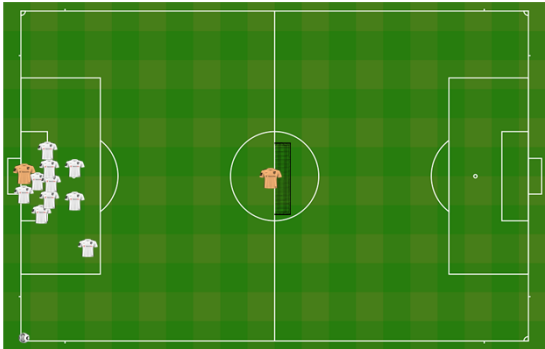
Nº Treino	166	Escalão	JUV A	Microciclo	37
Data	29/03/2019	Dia	6ªFeira	Hora	19h30
Nº Jogadores	21	Tempo	01h30	Local	Complexo nº1
Objectivos	Velocidade de Reação Simples e Complexa; Trabalho das capacidades coordenativas; OD-1ª Fase de Pressão; Esquemas Táticos (Plano Estratégico)				
Material	Escadas de Coordenação; Bolas; Cones; Coletes				

Observações:

Vitória Sport Clube 2018-2019							
Exercício nº1	Trabalho das capacidades coordenativas e velocidade de reacção	Nº Campos	1	Nº Jogadores	21		10'
Objectivos							
Velocidade de reacção e coordenação							
Descrição							
Duas filas com escadas de coordenação e espaços de aceleração. Ao sinal do treinador mudanças de direção.							
Equipas							
Classificação							
Dimensões							

Vitória Sport Clube 2018-2019							
Exercício nº2	Forma Jogada/Sectorial	Nº Campos	1/1	Nº Jogadores	21+1/14+1		12'/18'
Objectivos							
1-OO:3ªFase "Fora"-Ataque às zonas predominantes de finalização 2-OD-1ªFase de Pressão Bloco Médio-Alto/Alto (Plano Estratégico)							
Descrição							
Forma1: 5x3+(1 em recuperação: Lateral)+Gr 1-Circulação Tática: Treinador-AV-10-lateral (cruzamento) Forma2: Gr+8x6 2-Pontapé de Baliza e "Bola Corrida". Equipa em superioridade pontua conquistando a linha de meio campo. Equipa em superioridade finalizando com sucesso.							
Classificação							
Dimensões							

Vitória Sport Clube 2018-2019							
Exercício nº3	Jogo Reduzido c/apoios por fora	Nº Campos	1	Nº Jogadores	21+2		22'
Objectivos							
Comunicação-tomada de decisão-execução em espaços reduzidos. Criatividade. Conseguir ser mais inteligente/rápido para enganar e fazer diferença sem necessitar dos duelos (físicos) individuais. Existindo duelo, ser mais forte que o adversário. Finalização.							
Descrição							
Gr+7+(7j)x7+Gr 4 minutos/2 golos, sai quem perde ou quem está a jogar à mais tempo.							
Equipas							
Classificação							
Dimensões							

							Vitória Sport Clube 2018-2019	
Exercício nº4	Esquemas Táticos		Nº Campos	1	Nº Jogadores	20+2		20'
							Objectivos	
							Trabalho dos esquemas táticos, ofensivos e defensivos (C/ TO e TD). (Plano Estratégico)	
							Descrição	
							Lançamentos de linha lateral, Livres Frontais, Laterais e Cantos. Trabalho do modelo vs. Plano estratégico: portanto com organização/estrutura ofensiva e defensiva de acordo com o nosso modelo e ajustes. Nota: Na imagem está ilustrado o canto defensivo.	
Classificação							Equipas	
Dimensões								

Anexos

Anexo I - Classificação Final da 1ª Fase

POS		JGS	V	E	D	GM	GS	PTS
1	Sc Braga Sad	11	10	1	0	29	7	31
2	Vitória Sc, Sad	11	9	1	1	50	11	28
3	Rio Ave Fc, Sduq	11	7	1	3	23	9	22
4	Gd Chaves	11	7	1	3	27	11	22
5	Fc Paços Ferreira	11	6	1	4	23	10	19
6	Fc Famalicão Sad	11	6	0	5	22	14	18
7	Moreirense Fc	11	5	2	4	19	13	17
8	Palmeiras Fc	11	3	2	6	22	18	11
9	Gil Vicente Fc	11	2	2	7	10	24	8
10	Gd Cachão	11	2	0	9	4	41	6
11	Sc Vianense	11	2	0	9	8	54	6
12	Ad Barrocelas	11	1	1	9	4	29	4

Anexo II – Classificação Final da 2ª Fase

POS		JGS	V	E	D	GM	GS	PTS
1	Fc Porto, Sad	14	12	1	1	37	12	37
2	Sc Braga Sad	14	8	3	3	28	19	27
3	Vitória Sc, Sad	14	6	5	3	28	22	23
4	Cd Tondela	14	4	5	5	14	14	17
5	Rio Ave Fc, Sduq	14	4	4	6	15	19	16
6	Boavista Fc, Sad	14	4	2	8	21	28	14
7	Gd Chaves	14	3	3	8	14	30	12
8	Padroense Fc	14	2	3	9	19	32	9

Anexo III – Classificação Final da 3ª Fase

POS		JGS	V	E	D	GM	GS	PTS
1	Sl Benfica, Sad	10	9	1	0	29	6	28
2	Fc Porto, Sad	10	6	0	4	14	15	18
3	Sporting Cp, Sad	10	5	2	3	21	14	17
4	Sc Braga Sad	10	3	4	3	15	18	13
5	Vitória Sc, Sad	10	1	2	7	13	30	5
6	Cf Os Belenenses	10	1	1	8	10	19	4

Anexo IV – Tempo Competitivo Individual, Golos Marcados e Disciplina na 1ª Fase

Microsoft Excel utilização não comercial - Tempos_Golos.xlsx

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
	Nome	1ª Jornada	2ª Jornada	3ª Jornada	4ª Jornada	5ª Jornada	6ª Jornada	7ª Jornada	8ª Jornada	9ª Jornada	10ª Jornada	11ª Jornada	
1	Sergio Alves	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	720
2	Antal Benozze	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3	Carlos Marques	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	160
4	Francisco Ribeiro	80	80	80	80	80	80	80	0	80	80	80	720
5	Mario Mendes	40	40	80	80	80	80	0	80	80	80	80	720
6	Andre Gomes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	54	54
7	Alexandre Caldeir	40	40	0	0	0	0	0	0	0	0	80	160
8	Alexandre Lopes	0	0	0	0	0	0	80	80	0	0	0	160
9	David Branco	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	0	800
10	João Cruz	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11	Helder Sá	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	880
12	Renato Silva	0	0	10	17	80	65	80	66	0	0	0	318
13	André Amaro	80	80	80	63	0	15	0	14	80	80	80	572
14	Pedro Fernandes	0	0	0	0	20	0	29	0	0	0	80	129
15	Vasco Sousa	80	80	70	80	60	80	51	22	66	68	80	737
16	Sergio Meireles	80	40	80	80	80	8	80	80	80	80	0	688
17	Rui Magalhães	0	0	0	0	0	0	0	0	14	12	22	48
18	Builherme Guede	0	40	0	0	0	72	0	58	0	0	0	170
19	João Pedro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20	Dunga Dabó	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21	João Pereira	80	80	40	69	80	80	67	80	61	74	0	711
22	João Sampaio	40	80	80	80	55	80	80	80	80	80	58	793
23	Hugo Ribeiro	0	0	40	0	0	0	13	0	0	6	26	85
24	Igor Carreira	40	0	0	11	25	0	0	0	8	0	17	101
25	João Resende	25	12	40	74	50	56	56	58	19	12	80	482
26	Ruben Marques	55	80	40	6	30	24	24	22	72	68	63	484
27													0
28													0
29													0
30													0
31													0
32		VSC-Chaves	Famalicão-VSC	VSC-Braga	Rio Ave-VSC	Barroselas -VSC	VSC-Palmeiras	Cachão-VSC	VSC-Moreirense	Gil Vicente-VSC	VSC-Paços	Vianense-VSC	
33		3 - 0	1-2	2 -3	1 - 0	0 - 10	1-1	0 - 10	3 - 0	3 - 4	5 - 2	1-9	
34	legenda:	JP 57m	Famalicão 15m	PB 41m	Mario 78m	Sergio 10m	Resende 18m	Resende 24m	Joaozinho 19m	Ruben 11m	Ruben 2m	Vasco 12m	
35	Titular	Amaro 59 m	Ruben 42m	Resende 54	Disciplina	Vasco 14m	Disciplina	Resende 28m	JP 64m	Sergio 30m	Amaro 37m	Resende 22m	
36	Suplente Utilizado	Resende 80m	Joãozinho 75m		Mario 62m	JP 16m	JP 35m	Joaozinho 32m	Ruben 77m	Joaozinho 34m	JP 63m	Ruben 24m	
37	Suplente Não Utiliza	Disciplina	Disciplina		Sergio Meireles 71	Resende 31m	Gui 43m	JP 35m	Disciplina	Maga 70	Maga 73m	Ruben 45m	
38		Heider	Amaro			Resende 35m	Renato 63m	JP 42m	Renato 50m		Resende 78m	Ruben 51m	
39						JP 38m		Sergio 48m	Vasco 66m		Disciplina	Mario	
40						Ruben 60m		Hugo 74m				Ruben 56m	
41						Mario 64m		Ruben 76m				Ruben 62m	
42						Ruben 76m		Ruben 78m				Maga 76m	

Anexo V – Golos Marcados 1ª Fase

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1	Nome	1ª Jornada	2ª Jornada	3ª Jornada	4ª Jornada	5ª Jornada	6ª Jornada	7ª Jornada	8ª Jornada	9ª Jornada	10ª Jornada	11ª Jornada
2	Sergio Alves											
3	Antal Bencze											
4	Carlos Marques											
5	Francisco Ribeiro											
6	Mario Mendes				1	1						1
7	Andre Gomes											
8	Alexandre Caldeira											
9	David Branco											
10	João Cruz											
11	Helder Sá											
12	Renato Silva											
13	André Amaro	1									1	
14	Pedro Fernandes							1				
15	Vasco Sousa					1						1
16	Sergio Meireles					1		1		1		
17	Rui Magalhães									1	1	1
18	Guilherme Guedes											
19	João Pedro											
20	Dunga Dabó											
21	João Pereira	1				2		2	1		1	
22	João Sampaio		1					1	1	1		
23	Hugo Ribeiro							1				
24	Igor Carreira											
25	João Resende	1		1		2	1	2			1	1
26	Ruben Marques		1			3		2	1	1	1	5
27	PB			1								
		VSC-Chaves 3 - 0	Famalicão-VSC 1-2	VSC-Braga 2 - 3	Rio Ave-VSC 1- 0	Barroselas -VSC 0- 10	VSC-Palmeiras 1-1	Cachão-VSC 0- 10	VSC-Moreirense 3 - 0	Gil Vicente-VSC 3 - 4	VSC-Paços 5 - 2	Vianense-VSC 1--9
		JP 57m	Ruben 42m	PB 41 m	Mario 78m	Sergio 10m	Resende 18m	Resende 24m	Joaozinho 19m	Ruben 11m	Ruben 2m	Vasco 12m
		Amaro 59m	Joãozinho 75m	Resende 54 m		Vasco 14m		Resende 28m	JP 64m	Sergio 30m	Amaro 37m	Resende 22m
		Resende 80m				JP 16m		Joaozinho 32m	Ruben 77m	Joaozinho 34m	JP 63m	Ruben 24m
						Resende 31m		JP 35m		Maga 70	Maga 73m	Ruben 45m
						Resende 35m		JP 42m			Resende 78m	Ruben 51m
						JP 38m		Sergio 48m				Mario
						Ruben 60m		Hugo 74m				Ruben 56m
						Mario 64m		Ruben 76m				Ruben 62m
						Ruben 76m		Ruben 78m				Maga 76m
						Ruben 77m		Pedro 80				

Anexo VI - Tempo Competitivo Individual, Golos Marcados e Disciplina na 2ª Fase

		C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q
		1ª Jornada	2ª Jornada	3ª Jornada	4ª Jornada	5ª Jornada	6ª Jornada	7ª Jornada	8ª Jornada	9ª Jornada	10ª Jornada	11ª Jornada	12ª Jornada	13ª Jornada	14ª Jornada	Total
1		80	80	80	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2		0	0	0	0	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	800
3		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6		80	80	0	0	0	0	20	80	80	0	59	0	0	0	399
7		0	0	80	80	80	80	60	0	0	80	0	56	80	80	676
8		80	80	80	80	80	80	80	80	80	0	0	47	80	80	927
9		0	0	0	0	0	0	0	0	0	80	80	33	0	0	193
10		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13		80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	1120
14		80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	1120
15		0	0	16	75	80	80	80	0	0	0	0	33	0	0	284
16		80	80	64	0	0	0	0	80	80	80	80	0	0	0	544
17		0	0	17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	80	80	160
18		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	17
19		75	74	50	62	55	68	32	73	80	80	80	80	63	80	952
20		20	80	80	80	80	80	62	80	58	75	69	80	80	80	1004
21		5	6	63	18	6	12	48	0	7	5	11	47	74	28	330
22		60	27	0	80	74	18	80	52	53	56	0	0	0	0	500
23		0	0	0	0	0	0	0	28	27	24	52	80	17	52	280
24		0	0	0	0	10	0	0	7	0	0	21	0	0	0	38
25		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26		80	53	0	5	25	80	79	0	0	0	0	0	0	0	322
27		56	53	30	12	0	20	32	16	73	0	0	0	6	1	299
28		0	0	0	0	0	0	0	0	0	56	28	24	80	61	249
29		24	27	80	68	80	80	48	64	22	80	80	80	66	19	818
30		80	80	80	80	70	60	80	80	80	24	80	80	14	79	967
VSC-Porto		Boavista-VSC	VSC-Padroeiro	VSC-Padroeiro	VSC-Rio Ave/SC-Tondela	VSC-Tondela	Chaves-VSC	VSC-Braga	Porto-VSC	VSC-Boavista	Padroeiro-VSC	VSC-Rio Ave	Tondela-VSC	VSC-Chaves	BragaxVSC	
2-2		1-3	1-3	5-2	1-1	2-1	5-1	2-5	1-0	1-1	1-2	1-0	4-1	3-1	0-0	
Ruben 23		Amaro 57	Maga 10	Ruben 15m	Ruben 15m	Resende 34	JP 47	Ruben 38	Disciplina	Ruben 49	Vasco Sousa 58	Igor 70	Vasco 63		Disciplina	
Branco 68		Resende 70	Ruben 22	JP 60	Ruben 50	Ruben 64	Amaro 49	Ruben 62							Igor 27	
Suplente Utilizado		Resende 80	Resende 36		Ruben 55	Disciplina	Branco 74								Sergio 37	
Suplente Não Utilizado		Disciplina	Maga 45		Maga 76	JP 79					Resende 40					
		Vasco 50 m	Joaquim 71		Resende 80						Amaro 52					
		Ruben 61 m									Maga 78					
Legenda:																
	Titular															
	Suplente Utilizado															
	Suplente Não Utilizado															

Anexo VII - Golos Marcados 2ª Fase

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
1	Nome	1ª Jornada	2ª Jornada	3ª Jornada	4ª Jornada	5ª Jornada	6ª Jornada	7ª Jornada	8ª Jornada	9ª Jornada	10ª Jornada	11ª Jornada	12ª Jornada	13ª Jornada	14ª Jornada
2	Sergio Alves														
3	Antal Bencze														
4	Carlos Marques														
5	Francisco Ribeiro														
6	Mario Mendes														
7	Andre Gomes														
8	Alexandre Caldeira														
9	David Branco	1													
10	Helder Sá														
11	Renato Silva														
12	André Amaro		1												
13	Pedro Fernandes														
14	Vasco Sousa										1		1		
15	Sergio Meireles														
16	Rui Magalhães			2			1								
17	Guilherme Guedes														
18	Henrique Martins													1	
19	João Pedro														
20	Dunga Dabó														
21	João Pereira					1	1								
22	João Sampaio			1										1	
23	Igor Carreira											1		1	
24	João Resende		2	1		1	1								
25	Ruben Marques	1		1	1		2	2		1	1				
26	PB														
27		2-2	1-3	5-2	1-1	2-1	5-1	2-5	1-0	1-1	1-2	1-0	4-1	3-1	0-0
28		VSC-Porto	Boavista-VSC	VSC-Padroense	Rio Ave-VS VSC-Tondela	Chaves-VSC	VSC-Braga	Porto -VSC	VSC-Boavista	Padroense-VSC	VSC-Rio Ave	Tondela-VS	VSC-Chaves	BragaxVSC	

Anexo VIII - Tempo Competitivo Individual, Golos Marcados e Disciplina na 3ª Fase

1	Nome	1ª Jornada	2ª Jornada	3ª Jornada	4ª Jornada	5ª Jornada	6ª Jornada	7ª Jornada	8ª Jornada	9ª Jornada	10ª Jornada	Total
2	Sergio Alves	0	0	0	80	80	80	0	0	0	0	240
3	Antal Bencze	80	80	80	0			80	80	80	80	560
4	Carlos Marques					0	0	0	0	0	0	0
5	Luis Costa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	Francisco Ribeiro	0	0	80	80	0	0	0	0	0	0	160
7	Gonçalo Negrão	80	80	0	0	80	80	80	80	80	80	640
8	Mario Mendes	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	800
9	Andre Gomes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10	Lourenço Pinto	0	0	80	80	0	0	0	0	0	0	160
11	Alexandre Caldeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12	Alexandre Lopes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13	David Branco	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	800
14	Helder Sá	80	80	0	0	80	80	80	80	80	80	640
15	Renato Silva	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16	André Amaro	80	53	80	80	80	80	80	80	80	80	773
17	Rodrigo Figueiredo	0	27	0	0	0	0	0	17	13	0	57
18	Pedro Fernandes	0	0	0	0	0	0	0	0	2	58	60
19	Vasco Sousa	70	80	66	0	40	80	78	63	67	22	566
20	Sergio Meireles	65	80	80	72	80	70	80	80	80	80	767
21	Rui Magalhães	15	0	71	67	40	63	70	52	4	7	389
22	Guilherme Guedes	0	0	0	80	79	80	0	0	0	0	239
23	Henrique Martins	80	60	14	8	0	0	2	17	0	0	181
24	João Pedro	0	13	0	0	0	0	0	0	0	0	13
25	João Pereira	0	0	80	80	33	0	63	63	80	79	478
26	João Sampaio	10	20	0	0	0	0	0	0	0	0	30
27	Igor Carreira	5	80	9	62	60	52	0	0	0	0	268
28	João Resende	80	67	23	0	0	10	17	0	74	73	344
29	Ruben Marques	75	0	57	18	20	28	80	80	80	80	518
30	Abas Djaló	0	0	0	13	1	17	10	28	0	1	70
	VSC-Porto	Belenenses-VSC	/SC-Sportin	SLB-VSC	VSC-Braga	Porto-VSC	VSC- Belenenses	Sporting-VSC	VSC-Benfica	Braga-VSC		
	3-5	4 - 1	0 - 2	3 - 1	1-1	2 -1	1 - 0	6-2	1-5	2-2		
	Helder 4	Resende 38	Disciplina	Maga 7m	Igor 57m	Gui 20m	Sergio 80m	Vasco 5m	Jota 42m	Jota 36m		
	Mario 36	Disciplina	Amaro 26m		Disciplina	Disciplina	Disciplina	Abas 67m	Disciplina	Ruben 39m		
	Amaro 45	Amaro 30m			Jota22m	Vasco 50m	Branco 63		Sergio 48m	Disciplina		
	Disciplina	Igor 48m			Jota33m	Gui 52			Mario 52m	Amaro 70		
	Branco 8m				Sergio M.75m					Maga 76		
	Ruben 53m											

Anexo IX - Golos Marcados 3ª Fase

1	Nome	1ª Jornada	2ª Jornada	3ª Jornada	4ª Jornada	5ª Jornada	6ª Jornada	7ª Jornada	8ª Jornada	9ª Jornada	10ª Jornada
2	Sergio Alves										
3	Antal Bencze										
4	Carlos Marques										
5	Francisco Ribeiro										
6	Mario Mendes	1									
7	Andre Gomes										
8	Lourenço Pinto										
9	Alexandre Caldeira										
10	David Branco										
11	Helder Sá	1									
12	Renato Silva										
13	André Amaro	1									
14	Pedro Fernandes										
15	Vasco Sousa								1		
16	Sergio Meireles							1			
17	Rui Magalhães				1						
18	Guilherme Guedes					1					
19	Henrique Martins										
20	João Pedro										
21	João Pereira									1	1
22	João Sampaio										
23	Igor Carreira					1					
24	João Resende		1								
25	Ruben Marques										1
26	Abas Djaló								1		
27	PB										
28		VSC-Porto	Belenenses-VSC	VSC-Sporting	SLB-VSC	VSC-Braga	Porto-VSC	VSC-Belenenses	Sporting-VSC	Benfica-VSC	Braga-VSC
29		3-5	4-1	0-2	3-1	1-1	2-1	1-0	6-2	1-5	2-2